Seminário Interdisplinar de Pesquisa 2025.1

CADERNO DE RESUMOS

Mary Lovelace O'Neal, Purple Rain de la série Two Deserts, Three Winters, 1990. Técnica mixta, acrílico em tela, 205,7 × 350,5 cm.Photo © Michael Covían

16, 17 e 18
de julho

Universidade Estadual de Santa Cruz

Departamento de Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações

Reitor
Alessandro Fernandes de Santana

Vice-reitor
Maurício Santana Moreau

Diretora do DLA
Elida Paulina Ferreira

Coordenador do PPGL
Rogério Luid Modesto

Vice-coordenador do PPGL
Rogério Soares de Oliveira

Diagramação do caderno de resumos
Yuri Andrei Batista Santos

Comissão Organizadora
Yuri Andrei Batista Santos (Linha C)
Mayara Mayre Silva dos Santos (Linha A)
Lais Souza Lemos (Linha B)
Alana Clecya dos Santos (Linha C)

Em memória da professora
Maria das Graças Teixeira de Araújo Góes

Como um signo que continua a gerar interpretações, sua presença persiste entre nós — não como ausência, mas como sentido em constante semiose.

Apresentação

Cartografias do sensível: linguagens, corpos e cores em trânsito

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC) reafirma, a cada edição, seu compromisso com a escuta plural, com o pensamento crítico e com a abertura aos múltiplos modos de ver, dizer e sentir o mundo. Neste caderno de resumos, que reúne pesquisas em desenvolvimento de estudantes de mestrado e doutorado, as imagens que o acompanham não são meros ornamentos. Essas representações são parte de uma curadoria sensível que aproxima fazeres de linguagem artística, pontos de vista socio-culturais e propõe novas representações de corpos, cores e territórios simbólicos.

A escolha da temática “Cartografias do sensível: linguagens, corpos e cores em trânsito” responde à própria vocação do PPGL: pensar a linguagem como atravessada por afetos, por disputas simbólicas, por histórias de apagamento e resistência. Num mundo tensionado por fronteiras, exclusões e silenciamentos, é fundamental reconhecer as linguagens e os múltiplos fazeres epistemológicos como espaços de indagação, de elaboração do real e de reinvenção do comum.

Cada resumo aqui apresentado, como cada imagem, constitui um ponto nesse mapa em constante transformação. São recortes de pesquisas que questionam saberes hegemônicos, reconstroem memórias, ressignificam práticas e ampliam as fronteiras do pensamento. Ao reunir produções que transitam entre linguagens, ensino, discurso, arte, gênero, raça e outras questões de análise, o SIP se consolida como espaço de circulação crítica e criativa de ideias, reafirmando a importância de uma pós-graduação comprometida com os direitos humanos, com a diversidade e com a justiça epistêmica.

Que esta edição, marcada pela escuta, pela cor e pelo gesto, nos ajude a continuar traçando, com firmeza e sensibilidade, novas cartografias possíveis.

Informações gerais

Sobre o PPGL

O Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), instituído em 2007 e ativo desde 2008, oferece mestrado e doutorado com foco na inclusão e valorização de sujeitos historicamente marginalizados, como indígenas, afrodescendentes, mulheres e LGBTQIAP+, promovendo uma abordagem não excludente dos objetos de pesquisa e ampliando os enfoques tradicionais da academia. Atuando sobretudo no litoral sul da Bahia, em regiões como Ilhéus/Itabuna e Porto Seguro, o programa representa uma alternativa formativa fundamental para estudantes que, de outra forma, precisariam migrar para centros maiores. Com nota 4 na avaliação da CAPES desde 2010 e reconhecido pelo seu impacto regional, o PPGL se destaca pela produção científica qualificada, participação em eventos acadêmicos e projetos voltados à formação em linguagens na educação básica e superior.

Sobre o SIP

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) é uma atividade obrigatória do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC), prevista em seu regimento e exigida como pré-requisito para a realização do Exame de Qualificação. A avaliação é feita por meio de participação e apresentação, sem atribuição de nota, com conceito de “Aprovação em Atividade”. Realizado semestralmente — no primeiro semestre com doutorandas e doutorandos, e no segundo com mestrandas e mestrandos — o SIP constitui um espaço de troca e discussão das pesquisas em andamento. Desde 2016, suas programações e resumos são publicados na página do programa, fortalecendo a transparência, a visibilidade acadêmica e os indicadores de avaliação externa do PPGL.

Sobre as linhas de pesquisa

Linha A - Literatura e Interfaces

Em perspectiva transdisciplinar, as pesquisas privilegiam produções literárias e representações em zonas de diálogo com a história, a memória e as relações étnico-raciais, transitando por perspectivas teórico-críticas que problematizam saberes/poderes hegemônicos.

Linha B - Estudos da Língua(gem)

Os estudos desta linha voltam-se para pesquisas sobre a língua(gem) tanto na sua dimensão formal quanto na prática social.

Linha C - Linguagem, Estudos de Gênero e Estudos do Discurso

Estudo de práticas discursivas e linguagens literária, audiovisual e outras destacando a diversidade étnico-racial e dissidências de sexos, orientações sexuais e identidades de gênero, assim como políticas do corpo que transpassam o processo de assujeitamento e as práticas de dominação/resistência.

SUMÁRIO

Linha A – Literatura e Interfaces

A REPRESENTAÇÃO DE POETAS FEMININAS NO ESPÍRITO SANTO 8

DIMENSÕES PSÍQUICAS DO PODER EM MULHER NO ESPELHO, DE HELENA PARENTE CUNHA 17

NARRATIVA DO FEITIÇO: O ENCANTAMENTO EM TORTO ARADO 27

O RUM DE OYÁ EM O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA 38

A VEZ DA OUTRA: TENSIONAMENTOS SOBRE A PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA MOÇAMBICANA CONTEMPORÂNEA 48

Linha B - Estudos da Língua(gem)

BOOKTOK NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DIALÓGICA DE USO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA AULA DE LITERATURA 59

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS NO ECOSSISTEMA DIGITAL 64

A ESCRITA NA FORMAÇÃO DOCENTE: REPRESENTAÇÕES E DIDATIZAÇÕES NO PROCESSO FORMATIVO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA 75

ESCRITAS DE RESISTÊNCIA: PAISAGENS LINGUÍSTICAS E SUAS MANIFESTAÇÕES NOS BAIRROS PERIFÉRICOS DE ILHÉUS 86

Linha C - Linguagem, Estudos de Gênero e Estudos do Discurso

PRETUGUÊS: AS AFRICANIDADES NAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO SUDOESTE DA BAHIA 97

AS RELAÇÕES DE SENTIDOS ENTRE LÍNGUA E RAÇA NA HISTÓRIA DO DEBATE RACIAL CONTEMPORÂNEO 106

O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA NARRATIVA DE CONSTRUÇÃO DE “HEROÍNAS NEGRAS” NO BRASIL: DANDARA E LUISA MAHIN 116

RICARDO LÍSIAS: NARRAÇÃO, TEMÁTICA, AUTORIA E PERSONAGEM EM QUESTÃO 127

A ENGENHOSIDADE DE MULHERES NEGRAS AMEFRICANAS: UM ESTUDO A PARTIR DE CONCEIÇÃO EVARISTO, TERESA CARDENÁS E JAMAICA KINCAID 136

A ESCRITA TRADUTÓRIO-INSURGENTE DE BERNARDINE EVARISTO: SOBRE “SER MULHER” EM DIFFÉRANCE 148

Rosana Paulino, Atlântico Vermelho, 2017, impresso em tecido, cortado e costurado, 127 x 110 cm, Galeria Mendes Wood MD, São Paulo

LINHA A
Literatura e Interfaces

A REPRESENTAÇÃO DE POETAS FEMININAS NO ESPÍRITO SANTO

Solange Amaral da Silva[1]
Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

A literatura brasileira contemporânea, como analisa Regina Dalcastagnè (2012), segue operando dentro de um campo marcado por desigualdades estruturais que favorecem autores brancos, homens e oriundos dos grandes centros urbanos, em detrimento de vozes femininas e periféricas. Essa configuração excludente do cânone revela um espaço literário que, embora em transformação, ainda resiste à diversidade que compõe "as novas vozes, as vozes não autorizadas" da sociedade brasileira (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 5). No Espírito Santo, essa marginalização se revela de forma ainda mais contundente, afetando diretamente a visibilidade e a legitimação da poesia produzida por escritoras locais. Apesar dos avanços recentes em termos de representatividade, a presença feminina capixaba ─ em especial a negra ─ continua sub-representada nos espaços editoriais, acadêmicos e escolares. A presente proposta de tese surgiu da inquietação diante desse cenário de invisibilidade, razão pela qual propõe-se uma investigação crítica sobre as contribuições de duas poetas contemporâneas: Mônica Porto, com *Dores de ébano*, e Suely Bispo, com *Desnudalmas*. Ambas constroem poéticas que articulam vivências pessoais e coletivas, resgatando memórias, afirmando identidades e estabelecendo uma rede simbólica de ancestralidade e resistência.

Porto e Bispo são escritoras que vêm se consolidando no campo literário capixaba, mas necessitam de fortuna crítica a respeito de suas produções literárias, pois não há estudos que tratam de sua contribuição para a literatura local e nacional, o que evidencia uma lacuna na crítica contemporânea. Mônica Porto é nome artístico de Mônica Felipe Santos Loza, ela é professora de Língua Portuguesa, idealizadora e coordenadora da Casa Constância de Angola, localizada no Sítio Histórico Porto São Mateus, ao norte do Espírito Santo. O espaço, apesar de

[1] solange262@gmail.com Bolsista CNPq
[2] Pauloroberto3031@uol.com.br

inserido entre casarões abandonados e negligenciados pelo poder público, resiste como polo cultural ativo, onde a escritora promove apresentações artísticas a fim de redimensionar o olhar das pessoas para pensar na revitalização do lugar. Já Suely Bispo é uma artista multifacetada — poeta, atriz e dançarina — que alcançou maior visibilidade nacional ao interpretar a personagem Doninha na novela *Velho Chico*, em 2016, da TV Globo. Embora não seja capixaba de nascimento, toda a sua formação acadêmica e sua produção literária ocorreram em território capixaba, o que a insere de forma legítima no cenário literário do estado.

No livro *Dores de ébano*, de Mônica Porto, os textos poéticos apresentam uma marcante hibridez de gênero ao mesclarem elementos líricos e narrativos. A autora entrelaça a subjetividade poética com relatos históricos que evocam a experiência de negros escravizados trazidos do continente africano e desembarcados no Porto de São Mateus para fins de comercialização. Dessa forma, a obra ultrapassa a dimensão estética e assume uma função política e memorialista, ao resgatar episódios silenciados da história local. Ao incorporar a memória como prática discursiva e gesto de resistência, a escritora reafirma a literatura como ferramenta de reconstrução simbólica e de preservação da identidade coletiva. Nesse sentido, Bento (2022, p. 22) destaca:

> Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado "vitorioso" de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer (BENTO, 2022, p. 22)

Essa mesma construção simbólica como marca de reexistência também se manifesta em *Desnudalmas*, de Suely Bispo. A obra apresenta uma linguagem lírica e estruturada em torno da tríade erotismo, religiosidade e arte, revelando as múltiplas faces da escritora. O

neologismo que intitula o livro carrega uma carga semântica que sintetiza a proposta poética de Bispo: desvelar a alma, da experiência espiritual e da criação estética. Seus poemas evocam a ancestralidade negra, a vivência feminina e a performance artística, produzindo uma escrita que transborda os limites do texto e se projeta em outras linguagens, como o teatro e a dança.

Diante de tal contexto, esta pesquisa parte da seguinte pergunta: De que maneira as obras de Mônica Porto e Suely Bispo contribuem para a construção de uma poética feminina negra capixaba, e quais estratégias essas autoras mobilizam para afirmar suas vozes em um cenário marcado por exclusões históricas, culturais e territoriais? Parte-se da hipótese de que suas poéticas operam como formas de reexistência — termo que articula resistência e existência —, por meio das quais desafiam os silenciamentos institucionais, afirmam identidades historicamente marginalizadas e constroem novas formas de pertencimento e representação na literatura capixaba contemporânea.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Investigar as contribuições das poetas capixabas Mônica Porto e Suely Bispo à poesia feminina no Espírito Santo, destacando suas especificidades estéticas e temáticas, e como essas obras abordam história, memória, identidade e ancestralidade.

Objetivos específicos:

- Analisar os processos criativos e temáticos presentes nas obras *Dores de ébano*, de Mônica Porto e *Desnudalmas*, de Suely Bispo.
- Discutir como essas escritoras dialogam com questões da história, da memória, da identidade e da ancestralidade na contemporaneidade.

- Problematizar aspectos socioculturais que levam à invisibilização da mulher na literatura capixaba e nacional.
- Examinar o racismo e seus mecanismos de exclusão da mulher negra das atividades literárias em âmbito regional e nacional.
- Explorar as formas de visibilidade e invisibilidade da poesia feminina capixaba nos espaços acadêmicos e culturais, investigando o reconhecimento institucional e as estratégias de divulgação e circulação dessas obras, com foco no papel das poetisas no campo regional e nacional.

- Evidenciar as estratégias de resistência e subversão presentes na poesia das poetisas do Espírito Santo, observando como elas desafiam normas sociais, culturais e literárias através de sua escrita, e como essas práticas se relacionam com movimentos mais amplos de afirmação da mulher na literatura e na sociedade.

JUSTIFICATIVAS

Este projeto de tese de doutoramento nasce da minha inquietude em relação ao espaço destinado à escrita de poesia por mulheres capixabas, considerando a escassa representatividade da produção literária feminina no Espírito Santo. Para Ribeiro (2024)

> Há uma produção editorial hoje, no Espírito Santo, espalhada em seus principais municípios, de dezenas de livros produzidos em pequenas gráficas e editoras, muitas vezes, com circulação apenas local. Há escritores que têm edições de milhares de livros vendidos entre os leitores de sua cidade. Outros têm um público específico, como os que escrevem sobre gastronomia. (Ribeiro, 2024, p. 43)

Embora a literatura escrita por mulheres de maneira geral e das negras em particular

tenha ganhado maior visibilidade nos últimos anos, a poesia produzida por autoras capixabas ainda permanece marginalizada e periférica, o que evidencia uma lacuna significativa na valorização da diversidade literária brasileira.

Essa constatação motiva a investigação sobre a contribuição dessas mulheres para a construção da identidade cultural capixaba, situando sua produção no contexto regional e nacional. Sendo assim, se justifica a realização de pesquisa que se proponha a analisar os processos criativos, as temáticas recorrentes e os modos pelos quais essas escritoras dialogam com questões de identidade, gênero, classe e cultura regional. Ao lançar luz sobre essas produções, o estudo busca não apenas compreender o que está sendo escrito, mas também promover uma visão mais inclusiva e plural da literatura contemporânea.

Nesse sentido, as autoras a serem estudadas assumem papel central na investigação: Mônica Porto, com a obra *Dores de ébano*, e Suely Bispo, com *Desnudalmas*. Ambas oferecem poéticas que dialogam com experiências subjetivas e coletivas de mulheres negras e periféricas, contribuindo para a formação de um repertório literário que desafia a invisibilidade e o silenciamento históricos da escrita feminina capixaba.

Vinculada à linha de pesquisa *Literatura e Interfaces*, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), esta tese pretende colaborar para a valorização da produção literária feminina no Espírito Santo. Ao destacar as vozes e experiências das poetas locais, a pesquisa contribui para a construção de uma memória literária mais democrática, favorecendo a reavaliação do cânone literário brasileiro e abrindo espaço para a inserção de novas vozes no cenário acadêmico e cultural.

APARATO TEÓRICO

Este estudo se baseia na representação de poetas femininas no estado do Espírito Santo, buscando compreender as contribuições das poetas Mônica Porto e Suely Bispo no cenário regional e nacional. Como fundamentação teórica, serão empregados aportes teóricos que debatem o espaço destinado à escrita de mulheres com a finalidade de confrontar estudos

de caráter mais amplo com o cenário local, caracterizado pela pouca difusão de obras e pela limitada valorização de autoras que, por meio dos versos, buscam registrar a história e as lutas das mulheres na atualidade. Nesse contexto, é possível perceber um apagamento da escrita feminina, impulsionado pelo patriarcado, que delimitou o papel das mulheres à esfera doméstica, relegando-as a funções como dona de casa, mãe e esposa, sem voz para exercer plenamente sua cidadania. Esse silenciamento histórico impede a plena circulação e o reconhecimento de obras de escritoras, tornando a visibilidade de suas produções um desafio constante. Diante dessa situação, Ferrazi (2024) postula que:

> Ao analisar a historiografia literária, no que tange ao apagamento da presença feminina na escrita, não há como não observar o contexto de submissão e direcionamento da mulher aos afazeres domésticos, bem como a privação de uma educação equivalente ao gênero masculino, tendo a mulher permanecido por muito tempo sendo apenas personagem em narrativas criadas por homens. (Ferrazi, 2024, p. 35)

No Brasil, por muito tempo, a literatura de autoria feminina era considerada de menor relevância, sendo destituída de representatividade, vivendo à margem dentro do campo artístico e da própria sociedade, assim quem ganhava destaque nacional, era a ficção escrita por homens. Compreensivelmente, no âmbito literário se repetia aquilo que acontecia em outras instituições, onde "Apenas uma pequena elite tinha acesso à língua escrita no país e essa elite era composta, em sua maioria, pelo gênero masculino, portanto, tanto a figura da leitora quanto a da autora foram restringidas ou totalmente excluídas" (Polesso; Zinani, 2010, p. 102). Por esse viés, se evidencia o espaço relegado à produção de autoria feminina, no qual quando se falava da mulher, era pelo olhar do homem. Nos termos de Ribeiro (2017)

> Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é o homem. (Ribeiro, 2017, p. 22)

Diante disso, ao se considerar a literatura pelo olhar do homem, institui-se uma relação de submissão e de dominação sobre os corpos femininos, sem desvelar os anseios pelos quais mulheres passavam na sociedade. É perceptível que essa dominação retirava das mulheres a capacidade de se pronunciar a partir das suas vivências, sobrepondo-se a elas uma mera

representação do que os homens entendiam ou desejavam que fosse a existência feminina . Assim, Conceição Evaristo (2020) destaca a importância da experiência das mulheres na escrita, sendo essas escrevivências como marcas de uma coletividade.

> A Escrivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (Evaristo, 2020, p. 35)

Ao reivindicar o lugar de fala, Ribeiro (2017, p.48) afirma que “entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social”. Nesse sentido, ao tratarmos da escrita feminina, especialmente da mulher negra, torna-se relevante reiterar que esses lugares historicamente foram marcados pelo silenciamento dessas vozes que foram relegadas à margem da sociedade.

Referindo-se aos espaços que a escrita de poetas femininas na atualidade vem conquistando, Ferrazi (2024, p. 62) afirma que “as mulheres estão cada vez mais engajadas nas questões da literatura de autoria feminina. Inclusive, não há como negar a importância da Crítica Feminista para o não apagamento de escritoras que não obtiveram o devido reconhecimento na época a qual pertenceram”. Esse trabalho da Crítica Feminista resgata escritoras que não tiveram o devido reconhecimento a fim de não caírem no esquecimento, fortalecendo os escritos
e dando visibilidade as produções das escritoras.

Uma das características marcantes da autoria feminina na poesia é a forma como muitas autoras abordam temas como o corpo, o amor, a maternidade e a opressão, trazendo à tona uma perspectiva que parecia, até então, ausente na maior parte da produção literária uma vez que toda ela e os mecanismos que interferem na circulação e na legitimação da literatura são controlados, quando não compostos exclusivamente por homens. A escrita feminina frequentemente ressignifica esses temas, não mais apenas como uma extensão do imaginário masculino, mas como experiências autênticas vividas pelas mulheres.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico e de caráter exploratório. O estudo propõe uma análise crítica das obras *Dores de ébano*, de Mônica Porto, e *Desnudalmas,* de Suely Bispo, com foco nas dimensões de memória, identidade, ancestralidade e resistência. A investigação parte da constatação de que não existem, até o momento, estudos acadêmicos consolidados sobre essas obras, o que demanda a construção de um referencial crítico próprio a partir da leitura atenta dos textos e do diálogo com teorias interseccionais, decoloniais e feministas negras.

Diante da ausência de fortuna crítica sobre ambas as escritoras, o *corpus* será analisado a partir de eixos temáticos emergentes das próprias obras, como a representação do corpo feminino negro, o resgate de memórias silenciadas, a religiosidade afro-brasileira, o erotismo e a arte como forma de reexistência. A análise literária se apoiará em autoras e autores que discutem a exclusão histórica da mulher negra na literatura brasileira, Djamila Ribeiro (2017) Maria Aparecida Bento (2022), Ferrazi (2024), cujos aportes teóricos permitem compreender as múltiplas opressões que atravessam essas vozes literárias e a potência política da escrita como ferramenta de afirmação subjetiva e coletiva.

A pesquisa, portanto, se estrutura em torno de dois movimentos complementares: a leitura interpretativa dos textos poéticos de Porto e Bispo e o cruzamento desses discursos com as contribuições teóricas contemporâneas que tratam de raça, gênero, literatura e território.

Além das produções das autoras, recorreremos a fontes complementares, como entrevistas, vídeos, apresentações artísticas, reportagens e registros de eventos culturais nos quais as autoras atuam, a fim de contextualizar suas trajetórias e compreender as estratégias utilizadas para garantir a circulação e a permanência de suas obras em um ambiente historicamente excludente.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa tem como objeto o estudo da literatura capixaba por meio da análise da

obra de duas poetas ainda pouco estudadas: Mônica Porto e Suely Bispo. Ao criar um corpus inédito de análise acadêmica sobre suas produções, espera-se consolidar uma nova frente de conhecimento voltada para a poesia feminina, negra e periférica do Espírito Santo e do Brasil. Nesse processo, a pesquisa também busca valorizar a literatura produzida por mulheres negras, ressaltando suas contribuições estéticas, políticas e culturais, especialmente no que diz respeito às temáticas de memória, resistência e reexistência.

Além do impacto acadêmico, o trabalho pretende promover transformações sociais e culturais, ao inserir novas vozes no debate literário e colaborar para a reavaliação do cânone tradicional brasileiro. Ao dar visibilidade às escritoras e suas obras, a pesquisa estimula uma maior representatividade de autoras negras nas produções literárias e culturais do estado, fortalecendo a construção de uma literatura mais inclusiva e diversa.

REFERÊNCIAS

BISPO, Suely. **Desnudalmas**. Vitória: GSA, 2009.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

FERRAZI, Ana Angelica de Paula **A poesia de autoria feminina**: uma abordagem comparada entre Florbela Espanca e Gilka Machado / Ana Angelica de Paula Ferrazi. - Assis, 2024 104 f. : il.

POLESSO, N. B.; ZINANI, C. J. A. **Da margem**: a mulher escritora e a história da literatura. Métis: História e Cultura. v.9, n.18. 2010. Universidade de Caxias do Sul (UCS). Disponível

em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/998. Acesso em: 05 mai. 2025.

PORTO, Mônica. **Dores de Ébano**. São Paulo: Recanto das Letras, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. **Diferenças e alteridade na literatura do Espírito Santo**: ensaios críticos. São Paulo: Calêndula, 2024.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência**: a escrita de nós:

reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, v. 1, p. 26-46, 2020.

Palavras-chave: Poesia feminina capixaba. Memória. Identidade. Ancestralidade. Reexistência.

DIMENSÕES PSÍQUICAS DO PODER EM *MULHER NO ESPELHO*, DE HELENA PARENTE CUNHA

Mayara Mayre Silva dos Santos[1]
Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Fernandes (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

> Minha narrativa é porta-voz de minha indignação contra todo o tipo de abuso do poder, da violência...
> (Helena Parente Cunha, 2009)[3]

A partir da leitura do romance *Mulher no espelho* (1985), da escritora baiana Helena Parente Cunha, o presente estudo é crítica literária que visa problematizar a seguinte questão: que formas psíquicas são adotadas pelo poder em *Mulher no espelho*? Acolhendo o poder como uma força internalizada nas subjetividades das personagens, o estudo parte da hipótese de que o poder não atua apenas de forma externa ou institucional, mas se infiltra nos sujeitos por meio de processos de interpelação, tornando-os um *lócus* reiterativo e, portanto, agentes performativos de normas sociais ligadas à cultura, ao patriarcado, ao gênero, à religião e à moral. Com isso, o objetivo geral consiste em analisar dimensões psíquicas do poder presentes na narrativa e as implicações na subjetivação das personagens.

A estrutura narrativa do romance desenvolve-se a partir da cisão subjetiva da personagem principal. Tal cisão manifesta-se por meio do diálogo estabelecido entre a protagonista e sua antagonista igualmente anônima — a "mulher que me escreve" —, figura que pode ser interpretada como um *alter* ego da narradora e que intervém criticamente ao longo de seu discurso. O embate constante entre as personagens é

[1] mayarassantos@ufgd.edu.br. Bolsista CAPES. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL – UESC).
[2] alexandre.pro@gmail.com. Doutor em Ciências da Literatura (UFRJ). Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL – UESC).
[3] CUNHA, Helena Parente. As formas que o desejo toma. Entrevista concedida a Liana Rocha. Academia de Letras da Bahia. Seminário sobre a obra de Helena Parente Cunha. 2009, n.p.

possibilitado pela narração em primeira pessoa, que permite à protagonista articular um diálogo entre duas dimensões de sua subjetividade, figuradas simbolicamente pelo espelho, *lócus* onde se tornam visíveis seus desejos reprimidos. As intervenções da "mulher que me escreve" são graficamente marcadas em itálico, distinguindo-se do discurso da narradora, cujo texto é apresentado em fonte regular.

No plano narrativo, delineiam-se duas posições subjetivas: uma conformada aos padrões sociais e outra que os contesta, evidenciando a cisão subjetiva da protagonista. A insistente repetição do pronome *eu*, em letras maiúsculas, ressalta a centralidade de uma subjetividade marcada por processos de coerção e subjetivação. Esse "eu" narrativo é atravessado pela linguagem e pelo poder, constituindo-se como produto da dominação tanto externa quanto internalizada.

A partir de estudos de Judith Butler (2017; 2022; 2023), teórica estadunidense, é possível compreender a interpelação como o processo pelo qual o sujeito é chamado e constituído no/pelo poder. A interpelação se dá de forma performativa, ou seja, o sujeito não apenas responde, mas se constitui no ato de repetir normas. Nesse sentido, o poder é incorporado ao psiquismo como uma estrutura reiterativa que regula comportamentos e desejos. A tese ora em tela defenderá que a narrativa do romance estudado espelha esse processo, revelando como as personagens vivem sob vigilância interna, experimentando conflitos entre a obediência à norma e a possibilidade de resistência.

No desenrolar da narrativa, desejos recalcados e a cisão do "eu" são sintomas de uma subjetividade moldada e ferida pelo poder. Logo, os sujeitos habitam um *lócus* de constante deslizamento, não ancorado, onde o poder e o desejo se interseccionam de maneira ambígua. Esse *lócus* é justamente o espaço psíquico e simbólico no qual as personagens tentam se (re)ver e se reinventar. Considerando isso, o presente estudo argumenta que o romance encena o processo ambivalente da sujeição: o poder que constitui os sujeitos é o mesmo que os limita, colocando em foco tensões entre submissão e subversão no interior da psique.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar dimensões psíquicas do poder na obra *Mulher no Espelho*, considerando suas implicações na subjetivação das personagens.

Objetivos específicos:

- Discutir teorias da interpelação e a incorporação do poder no psiquismo das personagens;
- Apresentar quem são/o que são dimensões psíquicas do poder na obra;
- Descrever os processos de subjetivação presentes na narrativa.

JUSTIFICATIVAS

O interesse e encantamento pelos textos de Helena Parente Cunha surgiu no Mestrado, quando conheci o conto "O Pai", pertencente à obra *Os Provisórios* (1980). Esse contato resultou na produção da dissertação. Para este momento do Doutorado decidi então continuar a pesquisa em torno da produção de Helena e a escolha da obra *Mulher no Espelho* como objeto de análise se justifica pela riqueza simbólica e complexidade subjetiva que apresenta, especialmente no que diz respeito às formas como o poder se manifesta internamente nas personagens, influenciando desejos, medos e modos de existência e sobrevivência.

Embora se trate de uma obra amplamente estudada, com um volume significativo de publicações disponíveis em plataformas de trabalhos acadêmicos, a originalidade da tese reside no fato de que não foram identificados estudos que realizem uma leitura desse *corpus* a partir da perspectiva teórica de Judith Butler. De modo geral, os estudos estão assentados em discussões sobre relações de gênero, patriarcado, identidade feminina, duplo feminino e subversão de binarismos. Ainda que se desenvolvam a partir de distintas abordagens teóricas e metodológicas, esses estudos já

realizados contribuirão para a construção de sentido desta investigação e integrarão o Estado da Arte da tese.

Portanto, a tese visa oferecer uma leitura original de uma obra significativa da literatura brasileira. A análise de *Mulher no espelho* não só enriquece a interpretação literária da obra, mas também amplia o debate sobre as formas complexas de dominação de sujeitos. No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, que se propõe a estudos sobre as linguagens em suas interfaces com os contextos culturais, sociais e históricos, a escolha desta obra dialoga diretamente com os eixos e pesquisas existentes no PPGL, especialmente no que tange às questões subjetividade e à crítica das estruturas de poder que sustentam desigualdades de gênero.

Para a área de Literatura e Interfaces, *Mulher no Espelho* permite a produção de crítica literária com abordagem transdisciplinar que articula filosofia, psicanálise e estudos de gênero. A análise da obra a partir de uma perspectiva butleriana, por exemplo, possibilita uma leitura que ultrapassa a dimensão estética e textual, alcançando camadas psíquicas e políticas da narrativa, o que enriquece o debate sobre a literatura como espaço de resistência, subversão e reconfiguração de subjetividades.

A obra é relevante por oferecer uma contribuição importante para os estudos voltados à literatura escrita por mulheres e à crítica feminista. Assim, produzir conhecimento sobre *Mulher no Espelho* é, portanto, não apenas um exercício de aprofundamento teórico, mas também um gesto político de ampliação dos repertórios críticos e de valorização de vozes historicamente marginalizadas. Deste modo, a análise proposta se justifica por preencher uma lacuna na pesquisa literária ao mobilizar uma chave interpretativa não abordada no contexto da obra em questão e este movimento contribui não só para o avanço dos estudos literários contemporâneos, mas também para a ampliação dos horizontes interpretativos da crítica.

APARATO TEÓRICO

A teoria da interpelação de Judith Butler servirá como alicerce teórico-chave para analisar como as personagens do romance se constituem e se limitam na repetição de normas que regulam seus comportamentos e desejos. Recuperando discussões de Louis Althusser (2022) e Michel Foucault (2013), a filósofa, ao discutir sobre a percepção dos sujeitos assentada em uma relação ambivalente e paradoxal, oferece noções para além do que foi estabelecido por esses teóricos franceses. Essas teorias e outras serão fundamentais para responder a pergunta norteadora do trabalho.

Os filósofos Althusser e Foucault oferecem duas perspectivas fundamentais, porém distintas sobre o poder. De acordo com Althusser, em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (2022), o poder opera principalmente através dos aparelhos ideológicos de Estado, mais precisamente, instâncias sociais de dominação como a escola, a igreja, a família, que agem interpelando os indivíduos como sujeitos, isto é, chamando-os a ocupar posições específicas dentro de cada estrutura social. No discurso de Althusser, essa interpelação ideológica centraliza as condições de reprodução dos processos de dominação, sendo internalizada de modo que, a medida em que o sujeito "reconhece" ou "responde/atende" a interpelação, acaba se enquadrando e assumindo sua identidade e função social como algo natural. Com isso, o filósofo estabelece a tese de que a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos sendo o sujeito constituído na/pela ideologia.

Foucault não utiliza necessariamente o termo "interpelação" especificamente como no vocabulário de Althusser. O estudioso francês trata mais diretamente sobre processos de subjetivação, discutindo sobre como os indivíduos se tornam sujeitos a partir de forças que os atravessam. De acordo com Foucault, o poder é circular e não está centralizado apenas no Estado ou em seus aparelhos; e não é uma força que alguém possui, é algo que transita nas relações sociais. Com isso, o pesquisador determina que os sujeitos são formados por discursos e práticas de poder e que é através dessas tecnologias que o sujeito é observado, normalizado e categorizado. Na obra *Microfísica do Poder* (2013), o autor desloca o foco do poder centralizado e institucionalizado para

um poder difuso, que circula em múltiplos pontos da sociedade. Para ele, o poder se exerce por meio de práticas discursivas, dispositivos disciplinares e modos de vigilância que moldam corpos, comportamentos e subjetividades. Em vez de operar apenas por repressão, o poder, em Foucault, é produtivo pois fabrica sujeitos, saberes e verdades.

Butler vai além dessas perspectivas e entende o poder como estrutura que se infiltra na psique, funda e oprime o sujeito ao mesmo tempo, passando a regulá-lo de dentro para fora. Em *A Vida Psíquica do Poder:* teorias da sujeição (2017), a autora propõe que o sujeito emerge em uma relação paradoxal com as normas que o constituem: se, por um lado, sua subjetividade coexiste e depende da submissão a tais normas, por outro, é justamente essa dependência que abre espaço para a agência e a subversão. É possível ver essa tensão na movimentação das personagens de *Mulher no espelho,* cujos conflitos internos refletem os efeitos da normatividade social sobre a subjetividade.

Com isso, a pesquisadora Butler, ao aprofundar sua discussão sobre como o poder forma a subjetividade, promove uma crítica às noções de sujeito autônomo ao sustentar que o sujeito não é anterior ao poder, mas que é constituído por ele. Assim, afirma que os sujeitos são formados por normas e discursos que os antecedem, os quais, ao mesmo tempo em que oprimem, possibilitam a existência como sujeitos. Para a estudiosa, o sujeito se torna um *lócus* de constante reiteração do poder e cada repetição abre espaço para falhas.

Portanto, a leitura de *Mulher no espelho* demonstra que as subjetividades das personagens são moldadas constantemente e a narrativa encena o que Butler analisa criticamente: a formação dos sujeitos como um processo ambivalente de sujeição e resistência, e os modos como o poder age externa e internamente. Refletindo sobre a epígrafe deste trabalho, as narrativas de Helena Cunha retratam sua contrariedade à violência e abusos de poder. Isso fica claro também em seus textos críticos, que tratam de temas como poder, violência e subjetivação, um arcabouço que com certeza fará parte do aparato teórico da tese.

METODOLOGIA

Coleta de dados: Os dados serão coletados por meio de levantamento bibliográfico e leitura crítica de textos encontrados em plataformas acadêmicas digitais tais como Google Scholar, Scielo, CAPES Periódicos, Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e repositórios institucionais de universidades públicas. A seleção do *corpus* teórico-crítico seguirá critérios de relevância, atualidade e coerência com os objetivos da pesquisa. Além disso, a busca servirá para mapear as análises que venham a surgir (ao longo do doutoramento) sobre a obra escolhida e assim compor o Estado da arte.

Análise de dados: Para a análise dos dados adotamos como eixo central a teoria de Judith Butler, cujas discussões sobre gênero e poder são fundamentais para discutir e responder a pergunta-problema, sabendo-se que outras teorias também serão incorporadas ao trabalho. Os teóricos como Foucault e Althusser já inseridos seção do aparato teórico, continuarão presentes ao longo da pesquisa para amparar as discussões sobre poder e teorias da interpelação. A psicanálise, especialmente nas formulações de Freud (1997) e Lacan (1998), será mobilizada para estudar os mecanismos inconscientes que atravessam a constituição do sujeito, fornecendo subsídios para a compreensão dos desejos, ambivalências e resistências presentes no objeto de estudo. Além disso, será feita uma leitura atenta aos lapsos, contradições e sintomas discursivos, especialmente nas manifestações do inconsciente. Com Freud, será possível refletir sobre os mecanismos de repressão, culpa e desejo que marcam a formação do “eu”. Com Lacan, pretende-se perceber as noções de sujeitos cindidos, alienados no outro da linguagem. A referência ao objeto espelho, central no romance, dialoga diretamente com o “Estádio do Espelho” lacaniano, revelando a cisão constitutiva do sujeito e a busca por uma imagem de completude inatingível.

Simultaneamente, Derrida (1971; 1994; 2004; 2014) contribuirá para refletir sobre a desconstrução de categorias normativas, para o questionamento das estruturas de poder que sustentam regimes de verdade sobre sujeitos e analisar os jogos de linguagem e noções de fixação e coesão de sujeitos. O espelho, neste sentido, será também interpretado como um objeto ambíguo que representa a metáfora de uma subjetividade em constante adiamento, em *différance*, nunca plena e nunca totalizável. Ademais, o pensamento derridiano será utilizado também para pensar questões de alteridade, desse "outro" diferido e jamais totalmente compreensível. Hélène Cixous (2022), filósofa e leitora de Derrida, servirá como alicerce para tratar da escrita de mulheres. Dessa forma, seguindo o compromisso de uma leitura crítica e rigorosa dos textos, a metodologia se configura a partir de uma rede teórica transdisciplinar.

DISCUSSÃO

A análise de *Mulher no espelho* pretende confirmar a hipótese de que o poder age interna e externamente, moldando as personagens e tornando-as agentes performativos de normas sociais. Com isso, o trabalho visa chegar em possibilidades de subversão e desafio de normas e dinâmicas de poder. Outrossim, as palavras de Cixous (2022) que se seguem, delineiam também um resultado que se quer com a pesquisa: "Eu falarei da escrita feminina: do que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos" (Hélène Cixous, 2022, p. 39). No ensaio, *O Riso da Medusa*, Cixous revela seu incômodo com a ausência de vozes femininas na cena literária, na teoria e na crítica. Na obra, o mito da Medusa é aludido à castração da mulher, um sentido completamente negativo e monstruoso atribuído à falta do falo. Sendo assim, a autora coloca em evidência a urgência de as mulheres se afirmarem dentro e fora do texto. Além disso, a pesquisa

enseja produzir crítica literária que fortaleça o campo de pesquisa na linha de Literatura e Interfaces, bem como das outras linhas de estudos do PPGL-UESC.

Longe de se tornar uma discussão encerrada do texto, a tese, portanto, é convidativa à leitura dos textos de Helena Cunha. Assim, pretendo divulgar os resultados desta pesquisa em publicações futuras com o intuito de divulgar a crítica produzida, rememorar as produções da autora e se conectar a trabalhos já existentes e que ainda estão por vir em torno da obra. Para além dos desdobramentos teórico-críticos, que este trabalho de pesquisa se afirme como expressão de um compromisso contínuo com a literatura de Helena Parente Cunha e seja consolidado como reflexo do anseio permanente de seguir enveredada na literatura dela.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado.* 14. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder:* teorias da sujeição. Tradução Rogério Bettoni. – 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

_____. *Problemas de Gênero:* Feminismo e Subversão da Identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. *Relatar a si mesmo:* crítica da violência ética. Tradução Rogério Betonni. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

_____. *Os sentidos do sujeito.* Coordenação de tradução Carla Rodrigues. –1. ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

CIXOUS, Hélène. *O riso da medusa.* Prefácio de Frédéric Regard. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CUNHA, Helena Parente. *Mulher no espelho.* São Paulo: Art Ed., 1985.

_____. As formas que o desejo toma. Entrevista concedida a Liana Rocha. Academia de Letras da Bahia. Seminário sobre a obra de Helena Parente Cunha. 2009, n.p.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença.* Tradução de Maria Beatiz Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *Margens da filosofia.* Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. *Gramatologia.* Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro, São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. "O que é a desconstrução?". *Le Monde*, suplemento especial, outubro de 2004.

_____. *Essa estranha instituição chamada literatura:* uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FONSECA, Aleilton; BOAVENTURA, Edivaldo; HOISEL, Evelina (org.). *As formas informes do desejo*. Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

FREUD, Sigmund. *O ego e o id.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997. 68 p.

LACAN, J. "O estádio do espelho como formador da função do eu". In *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, 96 p.

Palavras-Chave: Crítica literária. Mulher no espelho. Formas psíquicas do poder. Teorias da interpelação. Subjetividades.

NARRATIVA DO FEITIÇO: O ENCANTAMENTO EM *TORTO ARADO*

Nikatia Belau da Silva[1]
Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

Este estudo parte da premissa de que a narrativa de *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, performa um feitiço que a constitui como literatura. Ora, a discussão toma como foco principal a palavra "feitiço" não à toa. O termo "feitiço", central à análise, transcende o sentido pejorativo, abarcando acepções como o oculto desejado, o fetiche, o jogo da alteridade, a mistura transformadora de elementos e subjetividades.

O feitiço que repousa nessa discussão não se baseia somente nos aspectos religiosos presentes na obra, muito embora se imbriquem. Considerando que narrar é um ato de reinvenção do mundo, um enfeitiçamento potencializado pela corporeidade, gestos e rituais, a pesquisa explora como o feitiço se instaura na literatura por meio das performances de elementos que compõem a narrativa.

A ideia é colocar-se enquanto pesquisa-espectadora que analisa a construção literária das performances memorialísticas e ancestrais por meio do que se passa a chamar de escrita vozeada. Tal termo, construído a partir das elaborações de Lêda Martins (2021), estabelece uma relação entre a oralidade e as possibilidades de criação de uma escrita gestual, com fôlego, eco e saliva. Esse conceito articula oralidades, gestos, ritualidades e memória, permitindo ao texto corporificar-se em vozes que dançam, resistem e curam.

[1] nikatia.belau@gmail.com. Bolsista CAPES, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras e Representações UESC/BA.
[2] pauloroberto3031@uol.com.br. Professor Doutor, docente no Programa de Pós-graduação em Letras e Representações UESC/BA.

A partir dessa discussão, é possível questionar, enquanto impulso investigativo, como a narrativa de *Torto arado* performa um feitiço que a define como literatura. Inicia-se o movimento: aliar a inquietação acerca das estratégias narrativas de *Torto arado* às performances das lembranças, dos saberes, dos rituais, das pessoas, dos encantados, da terra e seu arado, da faca-justiça e da faca-vingança. Uma narrativa, uma literatura, uma feitiçaria.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Analisar como os elementos da narrativa de *Torto arado* contribuem para a performance do feitiço.

Objetivos específicos

- Compreender de que maneira a memória funciona como força narrativa, conectando tempos, segredos e ancestralidades;
- Investigar a dimensão performática dos corpos, dos objetos, dos espaços e da cosmogonia afro-brasileira na construção da narrativa;
- Descrever como oralidades, vozes e ritualidades se articulam para produzir a escrita vozeada.

JUSTIFICATIVAS

Partindo da perspectiva do feitiço enquanto força motriz do enredo, abre-se uma vereda por onde é possível escoar a insurreição do texto literário frente à estaticidade estilística imposta pelo pensamento colonizado de produzir literatura. Esse ponto se faz fundamental para a escolha do tema: a criação de narrativas a partir da circulação do feitiço.

Publicado em 2019, *Torto arado* retrata os rastros de um passado escravagista. A trama imerge em um lirismo no qual o mágico, o mítico e o sobrenatural conduzem o enredo. O mistério do feitiço se movimenta enquanto um poder de dimensão espiritual que se espalha na ficção por meio do curador e das noites de jarê - culto específico da Chapada da Diamantina/BA no qual entidades divinas que mesclam elementos da religiosidade de tradições de origem africana e indígena.

Muito embora a obra se valha da religiosidade e da cosmogonia afro-brasileira, os feitiços que pulsam aqui são os encantamentos que estruturam a narrativa: os segredo, os silêncios, as repetições, as personagens, os cortes, – materiais e simbólicos. As vozes, as descrições, os cantos, as regressões, a memória podem performar uma linguagem capaz de organizar o enredo e, provavelmente, a experiência do leitor.

Sobre o fluxo da pesquisa acadêmica, é possível afirmar que os estudos acerca desse romance estão ainda em fase inicial, muito embora os resultados a partir do ano de 2023 tenham se avolumado. Vale ressaltar que a obra vem despertando o interesse de pesquisadores de outros campos como Direito, Geografia, História, Antropologia, enfim, fato que demonstra o trânsito das discussões e a potência temática. No entanto, o que empresta ineditismo a este trabalho é, sobretudo, a proposta de entender como as categorias narrativas, performance, escrita vozeada, oralidade, ancestralidade e memória atuam como um feitiço literário.

Dessa maneira, o feitiço, caminho pelo qual se envereda esta pesquisa, espalha-se pelas dissidências acadêmicas dos programas de pós-graduação, mas também pode provocar o diálogo em outros espaços pulsantes de vida: ruas, becos, vielas, largos, terreiros, escolas, esquinas. O feitiço, insubmisso que é, não se deixa aprisionar pelas produções da academia: ele circula no mundo e salta de palavra em palavra. Afinal a literatura é capaz de enfeitiçar e pôr na mesma encruzilhada os debates raciais, étnico-religiosos, memorialísticos e contra coloniais: um padê interseccional.

APARATO TEÓRICO

A narrativa que se desenrola em *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, (re) elabora o processo de (re)existência e resistência dos descendentes de africanos escravizados no Brasil, especialmente na região da Chapada da Diamantina, no estado da Bahia. Além disso, o romance ainda oferece importante possibilidade de ampliar a visão sobre a religiosidade afro-brasileira. A luta contra os novos modelos de escravidão e pela terra tradicional são entoados por meio da voz coletiva das negras e negros tomados pelas entidades representativas de seus antepassados.

Nos caminhos da ancestralidade, as vidas correm em paralelo, aquém da percepção cronológica do tempo, interessadas apenas em fazer cumprir o encontro entre passado e presente: "Sofrer, esse sentimento difícil de exprimir e rejeitado por todos, mas que a unia de forma irremediável a todo seu povo." (Vieira Jr., 2019, p. 247). O feitiço se movimenta na narrativa por meio da simbologia dos objetos — da faca, do arado torto, da rede pescadeira — da ritualística, da aparição dos encantos e, principalmente, da engenhosidade na construção de uma linha ancestral que abre caminhos para o factual: a afirmação racial e o direito à terra.

Na obra, o diálogo entre vivências das personagens as entrelaça a um fio condutor ancestral, motivo pelo qual as entidades as acompanham e, por meio delas, forjam a realidade opressora fruto da escravização dos corpos pretos. O sagrado se coloca na narrativa enquanto cosmogonia dissidente, espiritualidade insurgente contrária à ideia colonial do divino. Assim, pois, sob a ótica do feitiço, o divino instaurado no espaço de produção literária desconstrói as maneiras tradicionais de criar e analisar os textos. Veredas cortantes do pensar coletivo fecundam a produção literária negro-brasileira que mistura ficção, experiência e memória.

Nesse sentido, entender uma narrativa enquanto feitiço é perceber a mistura de elementos, as subjetividades em segredo e a magia do entrelugar transcriado na

memória (Martins, 1997). Diante disso, seria possível perceber que os elementos são construídos na narrativa para performar esse enfeitiçamento. A performance da memória, da faca, do arado, do anzol, dos tempos, da terra se corporifica por meio das falas, da descrição dos gestos, dos cantos entoados, da fuga ao cronológico, da fusão de vozes narradoras: falas antigas entoados em bocas novas.

Ao incorporar construções fora do círculo da exclusão, o texto desestabiliza, borra: falar de feitiço é antes de tudo se indispor com a verdade. Imperiosa, impenetrável e perversa, a verdade produz as certezas que minam as fabulações, os sentidos, o inverso, a superstição, o invisível, o sobrenatural, enquanto o feitiço é sedutor por natureza. No dizer de Muniz Sodré (1988), a palavra designa um “feitio fictício”, o falso, mas também o “fetiche”, apesar de colocado como uma artificialidade enganosa, comanda o simbólico e permite o jogo cósmico, descartando o absoluto.

Iracema Dulley (2022), ao discutir a relação entre tradução e o conceito de fetichismo, ressalta que o termo "feitiço" vem do latim *factitius* e está relacionado com a prática de feitiçaria. A autora menciona que a palavra se transformou em *fetisso* na costa ocidental da África por meio da transliteração do termo feitiço por comerciantes africanos; em inglês, *fetish* deriva da palavra crioula fetiche; no alemão, a transliteração é *fetisch,* enquanto para o francês é *fétiche* (Dulley, 2022*).* Na ordem colonial, as concepções de feitiço e, por conseguinte fetiche, foram reinventadas para designar práticas do “outro” numa tentativa de justificar a dominação e exploração. No entanto, feitiço possui significação flutuante, de roupagem camaleônica cujo sentido mutaciona dependendo de quem enuncia.

Ainda nesse viés, Yvonne Meggie (1986) oferece uma discussão primordial vez que apresenta um estudo antropológico das práticas mágicas e religiosas das crenças de matriz africana no Brasil. Para ela, o feitiço não é apenas um ato, mas um dispositivo social e simbólico que produz efeitos na vida dos sujeitos e daí “a repressão aos cultos afro-brasileiros e as religiões mediúnicas compõem a lógica da crença, pois,

primeiramente, a sociedade brasileira acredita e teme o feitiço" (Maggie, 1986, p. 75).

No Brasil, o feitiço foi, especialmente, associado à prática religiosa dos negros africanos e brasileiros, à macumba e ao candomblé. Enquanto era manipulado para representar a maldade, o charlatanismo e a loucura, o feitiço também povoava a crença coletiva no mágico, do impalpável e do fantástico (Maggie, 1986). No processo de disputa de sentidos, a feitiçaria se enraizou, nutrindo o imaginário e possibilitando a criação de histórias. Une-se o feitiço à capacidade humana de fabular por meio das narrativas míticas, dos mitos de criação do mundo, da literatura escrita e falada: eis Exu e a boca que tudo come, a mitologia das mães ancestrais *Iyami Oxorongá*, o pacto diabólico em *Grandes sertões*, a *Tenda dos milagres* amadiana, a sina do *Pagador de promessa*, a religiosidade do *Auto da Compadecida*, entre outros.

Com base nessa vertente literária que enfatiza o Brasil da cultura oral, dos saberes populares, da feitiçaria, faz-se necessário trabalhar com os elementos que compõem a narrativa. Nessa via, na obra de Walter Benjamin (2011), principalmente no ensaio *O narrador,* é possível propor uma discussão acerca da narrativa tradicional, marcada pela oralidade e experiência, a qual, segundo o autor, corria riscos de desaparecer. No caso de *Torto arado* pode-se levantar a hipótese da existência desse narrador (no caso, narradoras) que falam a partir das experiências, das memórias: um feitiço contra o esquecimento — que, aliás, também opera mudanças.

Sobre memória e performance, destacam-se as obras de Lêda Martins (1997, 2003, 2023), as quais tratam das performances rituais como guardiãs da memória e dos conhecimentos no contexto da cultura negra, além de incorporar a ideia de tempo não cronológico, mas espiralar. A autora entende o corpo como um espaço de inscrição e transcriação do saber. Martins (1997, 2003) defende que a performance não é uma representação ou uma construção mimética, mas um meio de aquisição, transformação e revisão da memória afro-brasileira e africana nos rituais.

Nesse processo, a ideia de escrita vozeada é uma incursão potente, pois carrega a vibração da fala, do movimento do corpo, do respiro, da memória ancestral. Ela não apenas comunica: ela pode convocar, deslocar e enfeitiçar. É nessa dimensão entre voz, corpo, ritmo e memória que se percebe a atuação do feitiço como forma narrativa. O texto escrito, por ora estático e rígido, pode não dar conta de acompanhar a fluidez das oralidades. Nesse contexto, a literatura se espalha pelas manifestações orais e pode, a partir delas, imprimir outros contornos à escrita.

Com efeito, em *Torto arado* ora oprime-se pela imposição do silêncio, ora resiste-se pela necessidade de segredar — torna-se campo de disputa. Se a língua do colonizador oprime, a oralidade — do jarê, das sabências e das rezas — manifesta-se pela voz, pelas posturas corporais, pela prática da memória. Há então a mística da palavra. Esta proferida, comunica a experiência de uma geração a outra (Santos, 1976).

Na obra, uma faca de marfim decepa a língua de uma menina que brincava, ao lado de sua irmã, com os objetos guardados pela avó em segredo. A faca é responsável por catalisar as metáforas que trarão o místico e o mistério. Ao mesmo tempo que a faca é a ruptura entre o real e o sobrenatural, também é a união de tempos, de vivências e de resistências. Assim, a faca de marfim é o objeto central do enredo, portadora dos mistérios. A faca ao passo que rasga a memória, também a preserva. A faca corta a língua, sina do silêncio. A faca vinga o abuso. A faca sangra a opressão. Eis a representação do feitiço retratado por meio ficção que evoca o poder sobrenatural para sobreviver, pois “sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (Vieira Jr., 2019, p. 262).

METODOLOGIA

Metodologicamente, o presente trabalho se pauta no raciocínio inerente à pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica. Para essa proposta, opta-se pela análise narrativa como método de leitura e interpretação no intento de entender a pluralidade de vozes, tempos e performances presentes em *Torto arado*.

No que concerne à análise do feitiço na narrativa, a priori, a intenção é situar o termo feitiço e suas significações por meio do contexto teórico de Maggie (1986) e Coelho (2009). Além disso, importante discutir o que se entende por narrativa, a confluência das narradoras e os efeitos disso na construção do enredo. Para tanto, serão utilizadas as conjecturas de Benjamin (2011), Ricoeur (1997), Todorov (2004) e Barthes (1976). Nesse eixo, será aplicada a análise narrativa de cunho estrutural, buscando compreender como os elementos do enredo — como tempo, narradoras, organização dos eventos e pontos de virada — participam da construção do feitiço enquanto força organizadora da história. Ainda na análise da obra, no campo da produção de teorias ligadas à memória e ancestralidade negro-brasileira chega-se à produção de Martins (1997, 2023), Oliveira (2007) e Santos (1976).

No que concerne à memória e a sua relação com oralidade, identidades, importante os trabalhos de Martins (1997, 2003, 2023), Hampaté-Bâ (2010), Luz (2013) e Candau (2011). Nessa confluência entre memória, segredo e ancestralidades como forças que atravessam a narrativa, a análise temática se presta a identificar os principais núcleos de sentido ligados a essas categorias e observar como se articulam ao longo do romance.

No âmbito da performance, salutar o trabalho com as obras de Zumthor (2007); assim como na discussão da escrita vozeada marcada pela palavra falada é interessante recorrer a Ong (1998) e, novamente, em especial, a Martins (1997, 2003, 2023) que se compromete com conceitos fundamentais para lastrear a ideia de uma narrativa que performa um feitiço literário. Além da memória, a terra faz das personagens, ao mesmo tempo, insurgentes e condenados (Fanon, 1968), por isso, analisar o contexto (histórico, cultural, social, religioso) se faz importante para compreender como esses elementos se inscrevem nos marcos socioculturais e políticos das personagens e da obra, evidenciando a potência temática, opções estéticas e contornos literários.

DISCUSSÃO

Espera-se que, com a análise da obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, e com os cruzamentos teóricos, seja possível compreender como a narrativa desenvolve um feitiço performático que a torna literatura. Além disso, almeja-se também perceber se a memória, as ancestralidades, os segredos, as personagens, os objetos e a terra performam uma narrativa do enfeitiçamento.

Ademais, é imprescindível dizer que os resultados dessa pesquisa, por certo, não esgotarão a temática. E que assim o seja, pois o esperado é que o estudo se inscreva entre outros estudos capazes de enriquecer a discussão e se "embrenhar" por outras vertentes da obra para lhe proporcionar sopro, voz e espaço de vida.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: **Análise estrutural da narrativa:** pesquisas semiológicas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

Cascudo, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro** (11. ed.). São Paulo: Global, 2001.

COELHO, Machado. **O feitiço na literatura, na arte, na vida**. Belém: Paka-tatu, 2009.

DULLEY, Iracema. **O fetiche em tradução:** feitiço, feiticismo, umbanda, owanga. Revista Ao Largo. 11 ed. Rio de Janeiro: Puc Rio, 2022. Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_aolargo.php?strSecao=fasciculo&fas=61047&NrSecao=X2. Acesso em 26 de maio de 2025.

FANON, FRANZ. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

HAMPATE BÂ. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). História geral da África: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá**: dinâmica da civilização africano-brasileira. 3 ed. Salvador: Edufba, 2013.

MARTINS, Lêda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário no Jatobá. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Lêda. **Performance do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Lêda. **Performances da oralitura:** corpo, lugar da memória. *Letras*, (26), 63–81, 2003. Disponível em https://doi.org/10.5902/2176148511881. Acesso em 14 de janeiro de 2025.

MARTINS, Lêda. **Escrevivência e oralitura**. Instituto Arte e Tear (2021). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GMse92ubeXY&t=2691s. Acesso em 08 de fevereiro de 2025.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual da história oral**. 5 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. vol 1. Campinas: Papirus, 1997.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte:** páde, àsésé e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 1976.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. ***Torto arado***. São Paulo: Todavia, 2019.

ZUMTHOR, Paul**. Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZUMTHOR, Paul**. Introdução à poesia oral.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

PALAVRAS-CHAVE: Escrita vozeada. Memória e ancestralidade. Performance e escrita. Literatura negro-brasileira.

O RUM DE OYÁ EM O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA

Ana Caroline da Silva Santos[1]

Alexandre de Oliveira Fernandes (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

Em *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria* (2010), Jorge Amado apresenta o desaparecimento de Santa Bárbara, a do trovão, que não sumiu de fato, mas incorpora a orixá Oyá/Iansã. Diversos outros feitiços compõem as histórias que cruzam os caminhos da santa – que já não é santa, é orixá – e das filhas de *Oyá.*

Esta pesquisa parte do pressuposto de que o romance *O Sumiço da Santa: Uma história de feitiçaria* encena o *rum* de *Oyá*. Para enxergar esse rum, é necessário balançar o mariwo[3] de palavras que cria o jogo de esconde-e-mostra próprio da literatura. Nas ritualísticas do Candomblé, para o rum acontecer, é preciso preparar o corpo do neófito. Assim, ao observar o *rum* dado a *Oyá* no romance, problematizamos as construções dos corpos/*corpus* de/para/contra Oyá(s) apresentadas na narrativa.

O *rum* é um momento ritualístico primordial no Candomblé, nesse momento a/o orixá, através do corpo da/do iniciada/o, com suas indumentárias, dança performando seus mitos. Durante esse ato, a/o orixá circula no espaço/terreiro e sobre si mesma/o, em um movimento espiralado. Em *O Sumiço da Santa*, *Oyá* aparece com esse mesmo movimento, como num redemoinho, elemento próprio da orixá, levantando e movimentando as coisas, tirando a

[1] acssantos.ppgl@uesc.br. Bolsista CAPES, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras e Representações UESC/BA.

[2] alexfernandes@ifba.edu.br. Professor Doutor, docente no Instituto Federal da Bahia e Programa de Pós-graduação em Letras e Representações UESC/BA.

[3] O mariwô ou mariuô é uma folha de dendezeiro utilizado desfiado, nas portas e janelas das casas de Candomblé, com o intuito de não deixar nenhum mal chegar. O mariwô também define os espaços sagrados onde apenas as/os iniciadas/os podem acessar.

literatura do lugar pré-definido e fazendo-a caminhar lado a lado com a feitiçaria presente na obra.

Para essa pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, emprego o método "pesquisadora encarnada", cunhado por Suely Messeder (2020). Trago à pesquisa a sabedoria dos terreiros que diz "só os iniciados conseguem ver o que está atrás do *mariwo*". Por esse motivo, faço-me "pesquisadora encarnada" para balançar as palhas do *mariwo* literário e analisar o significado ritualístico e simbólico do *rum* de *Oyá* e a construção dos seus corpos/*corpus* em *O Sumiço da Santa*.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Defender que no romance *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria* há um *rum* dado à *Oyá/Iansã*, enquanto corpos/*corpus* de/para/contra *Oyá/Iansã* são construídos.

Objetivos específicos

- Desenvolver uma abordagem crítica e epistêmica que entrelaça conceitos da Crítica Literária com fundamentos da Macumba, possibilitando novas leituras da obra de Jorge Amado.
- Discutir o rum dado à Iansã na obra *O Sumiço da Santa*, de Jorge Amado, destacando seu significado ritualístico e simbólico nos terreiros e na obra.
- Problematizar a construção dos corpos de/para/contra Oyá/Iansã e suas "qualidades" no romance como formas de resistência, controle ou subversão das normas sociais.

JUSTIFICATIVAS

Através de romances como *Jubiabá*, *Capitães de Areia*, *Dona Flor e seus Dois Maridos*, *Gabriela, Cravo e Canela*, e *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*, Jorge Amado apresentou a Bahia ao mundo. Embora os romances citados tenham tido ampla repercussão nas academias, gerando diversas pesquisas, *O Sumiço da Santa*, mesmo sendo uma narrativa prenhe de representações da religiosidade afro-baiana, críticas políticas e sociais, possui poucas teses e dissertações como obra principal de análise.

Segundo Jorge Amado, *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria* foi escrito em Paris, mas a história já havia sido anunciada 20 anos antes de sua publicação em 1988. O romance, a princípio, trata do sumiço de uma santa católica, Santa Bárbara, que ao desembarcar na Bahia de todos os Santos, incorpora a orixá *Iansã*, desce do andor e caminha pelas ruas, casas, terreiros, praças e vielas da cidade de Salvador, capital baiana, enquanto resolve questões relacionadas às suas filhas[4]. Esse enredo, complexo e repleto de significados, justifica aprofundar a análise de uma obra tão rica e pouco explorada academicamente.

Em *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*, encontramos a seguinte observação deixada por Jorge Amado: "Quem for da boa noite, poderá ver de golpe e pela rama a beleza e a liberdade. Se for da benção, vai enxergar muito mais longe, vai vadiar com os orixás" (Amado, 2010, p. 393).

O convite de Jorge Amado também é feito ao povo "da benção", povo do *axé*, da macumba, da feitiçaria, para "enxergar mais longe", "vadiar com os orixás". Assim, como professora da área de Linguagens, graduada em Letras, mestre em Ensino e Relações Étnico-raciais e filha de *Oyá*, prontamente atendi ao convite do escritor-*ogã* e, ao balançar o mariwo de palavras colocadas na narrativa, vejo Amado "dar *rum*" em *Oyá/Iansã*, enquanto constrói corpos/*corpus* de/para/contra *Oyá/Iansã*.

[4] Cabe ressaltar que aqui trazemos a palavra "filha" no sentido de filhas/os de santo, nome como popularmente são tratadas as pessoas as quais procuram o jogo de búzios e descobrem a regência determinadas/os orixás em sua vida.

Para mostrar detalhes da obra que podem ter passado despercebidos, aciono a crítica literária. Contudo, entendo que, numa história de feitiçaria, a crítica só funciona se sincretizada com a macumba. O uso do termo "macumba" neste projeto não se dá de forma pejorativa, mas sim como uma forma de reapropriação e ressignificação.

Valorizar saberes e práticas ancestrais afro-brasileiras, desestabilizando visões coloniais e estigmatizantes que historicamente marginalizaram as religiões de matriz africana e suas expressões culturais é um gesto político e epistemológico. Por isso, o tema, a metodologia, o referencial teórico e a linguagem empregada nesta pesquisa rasuram o cânone e a eurocentralização de saberes.

Pensando o mito fundamentando o rito e o movimento contrário, quiçá espiralado, apresento um itan para essa justificativa:

> Um dia Oiá fugiu aos olhos de Xangô, que saiu em sua busca mata adentro. Oiá não sabia mais onde se esconder, temendo que Xangô a encontrasse. Em fuga, encontrou Exu e pediu-lhe que fizesse um encanto. Exu aconselhou-a a ficar junto ao mar e voltear-se sobre si mesma. Exu fez a magia e Xangô passou por ela e não a viu. Exu havia transformado Oiá num coral. (Prandi, 2001, p. 304)

A magia/manobra de *Exu* era baseada em *Oyá* voltear-se sobre si mesma. Dar voltas sobre si mesma ou voltar a si mesma, se olhar. O feitiço de *Exu*, dentro e fora da narrativa, é espiralado. Nesse sentido, o itan justifica a metodologia da pesquisa, pois sendo eu *Oyá/Onira*, sou "a pesquisadora encarnada", buscando através da análise do romance *O Sumiço da Santa*, voltear-me sobre a(s) *Oyá*(s) descritas nesta obra amadiana, mostrando, a partir da literatura, como a sociedade constrói os corpos femininos.

Eparrei, Oyá! Saúdo, invoco e peço licença a *Oyá* para mostrar seu *rum* e a construção dos seus corpos/*corpus* na obra *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*, problematizando, a partir da crítica literária com interface em outras áreas do conhecimento, como a psicanálise e os estudos de gênero, as subjetividades que permeiam a construção desse(s) corpo(s)/corpus.

APARATO TEÓRICO

Em *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*, podemos vislumbrar a literatura como um território de transgressão e transformação, onde surgem novas formas discursivas que desafiam o convencional (Santos, Fernandes, 2025). Como na literatura tudo pode acontecer, na história enfeitiçada Salvador vira um enorme terreiro de candomblé. Essa afirmação justifica-se pela presença de ritualísticas próprias dos candomblés, tais como *padê*[5], *ebó*[6] e o *rum*. Dentre os elementos ritualísticos presentes na obra, o único que não é nomeado, mas pode ser avistado, é o *rum*.

O rum, segundo o *Dicionário literário afro-brasileiro* escrito por Nei Lopes (2004), possui dois significados complementares: refere-se ao atabaque de mesmo nome e ao termo "dar *rum* ao orixá". Este último "significa 'tocar para o orixá dançar'". O termo remete também ao *adarrum*, que é "o toque rápido dos atabaques e outros instrumentos rituais com a finalidade de apressar a chegada dos orixás durante o *xirê*". Elemento ritualístico essencial nos terreiros de candomblé, o *rum* é considerado um mediador simbólico entre os orixás e suas/seus neófitas/os, funcionando como oferenda e possibilitando a chegada dos orixás em terra (Fonseca, 2006).

Comprovando-se a existência do rum em *O Sumiço da Santa*, vamos afirmar que Jorge Amado é um escritor-*ogã* ou escritor-*alabê* (Santos, Fernandes, 2025), por "dar *rum*" em *Oyá/Iansã* no romance. Essa perspectiva reconhece Amado não apenas como um escritor, mas como um artista que compreende e incorpora a dinâmica ritualística do candomblé em sua criação literária.

No romance *O Sumiço da Santa*, Santa Bárbara incorpora a orixá e rodopia por toda a história, desenvolvendo-a e disseminando-se através dos corpos de suas várias filhas. O fenômeno da incorporação torna-se corriqueiro na narrativa, e essa aproximação entre

[5] Rito preliminar das cerimônias da tradição iorubana para invocação de todos os orixás e ancestrais, por intermédio de Exu. Nos terreiros antigos, quando realizado apenas para invocação dos ancestrais, chamava-se "padê de cuia" (alusão ao recipiente usado na libação). Do iorubá pàdé, "reunião" (Lopes, 2004, sp).

[6] Oferenda ritual, especialmente a Exu ou aos eguns. Do iorubá ebo, "sacrifício" (Lopes, 2004, sp).

Oyá/Iansã e suas/seus filhas/filhos proporciona a apropriação das características da/do sua/seu orixá regente (Augras, 2008; Theodoro, 2024).

Segundo Monique Augras, "O princípio coletivo (orixá) particularizou-se no indivíduo, dando-lhe nova identidade, que passa a desempenhar um papel específico dentro da comunidade" (Augras, 2008, p.86). Em *O Sumiço da Santa, Oyá* é disseminada cada vez que incorpora em outras personagens, suas filhas, mostrando que as identidades não são fixas, mas construídas cada vez que o ato é repetido (Butler, 2024). Nas comunidades nagôs, essas identidades podem ser chamadas de "qualidades" da/do orixá.

Ainda nesse viés, mas pensando a construção da subjetividade das mulheres negras e mulatas em *O Sumiço da Santa*, observa-se um processo de introjeção parcial ou total, no qual as personagens assimilam elementos das tradições religiosas e culturais que as cercam. De acordo com Isildinha Nogueira (2023, p.35), o sujeito pode incorporar características do objeto amado ou odiado como uma forma de reação emocional. Incorporar os aspectos de uma divindade como *Oyá/Iansã* mostra que as normas sociais tentam regular identidades, mas há sempre espaço para resistência e subversão.

A literatura, como abordada nessa pesquisa, transcende sua própria instituição ao romper barreiras, funcionando como um exercício contínuo do impossível. Sendo um lugar onde "tudo pode ser dito", torna-se um campo fértil para a criatividade, a formação de subjetividades e o contato com alteridades que não se reduzem à uniformidade.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotará uma metodologia qualitativa, de natureza bibliográfica, com foco na análise interpretativa e crítica, intrinsecamente ligada à perspectiva da pesquisa encarnada (Messeder, 2020), transbordando as análises supostamente neutras, enrijecidas pela colonialidade, trazendo o corpo da pesquisadora para a construção da tese.

A coleta de dados será predominantemente bibliográfica. Partindo da re-leitura crítica e detalhada do romance *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria* (Jorge Amado, 2010),

com o objetivo de identificar passagens, diálogos, descrições e eventos simbólicos que revelem o "*rum* de *Oyá*" e as construções dos corpos/*corpus* relacionados à orixá *Oyá/Iansã*.

Para aprofundar a fundamentação teórica e epistêmica, será realizada uma revisão bibliográfica que incluirá obras da Crítica Literária como Terry Eagleton (2006) e textos que abordam os fundamentos da Macumba, suas cosmogonias, rituais e saberes ancestrais como livros e artigos escritos por Nei Lopes (2004), Juana Elbein (2012), Monique Augras (2008), Mãe Stella de Azevedo (2010), Helena Theodoro, Vagner Gonçalves (1995), Reginaldo Prandi (2001;2005;2009) e Edilberto José de Macedo Fonseca (2006).

Além disso, serão incorporadas teorias de Gênero, Psicanálise e Estudos Decoloniais, a partir de autores como Judith Butler (2024;2024), Oyèrónké Oyêwùmí (2021), Lélia Gonzalez (1984), Frantz Fanon (2020) e Isildinha Nogueira (2021). Essa revisão é crucial para construir a base conceitual que permitirá o entrelaçamento entre os diferentes campos do saber e sustentará a proposta da pesquisa encarnada, valorizando a sabedoria dos terreiros.

A análise de dados será dividida em três etapas que se entrecruzam. A análise textual aprofundada do romance é a primeira etapa, e será realizada através de codificação e categorização, trechos relevantes serão identificados e analisados para interpretar o *rum* de *Oyá* e como os corpos de/para/contra *Oyá/Iansã* são apresentados na obra analisada.

A segunda etapa é o entrelaçamento crítico epistêmico desenvolvendo uma abordagem que una a Crítica Literária e os fundamentos da Macumba, propondo um diálogo entre saberes de terreiros e acadêmicos, utilizando a perspectiva afro-brasileira para rasurar o cânone e propor novas leituras da obra de Jorge Amado.

Na terceira etapa a análise problematizará a construção dos corpos/ *corpus* de/para/contra *Oyá/Iansã* e suas "qualidades" no romance, através dos referenciais teóricos de Gênero, Psicanálise e Decolonialidade.

DISCUSSÃO

No projeto de ingresso no doutorado, a ideia era pesquisar os corpos/corpus de

Oyá/Iansã em *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*, todavia, após algumas leituras mais atentas, percebo que a história de feitiçaria era ainda mais enfeitiçada do que eu notara. Atrás do que denomino como mariwo de palavras, vejo que os corpos/*corpus* de *Oyá/Iansã* são construídos *paripassu* ao *rum*.

É através do rum que os orixás performam suas histórias e será através dele que analisarei os corpos/corpus de *Oyá/Iansã* no romance *O Sumiço da Santa*, posto que a incorporação de *Oyá* pelas personagens femininas reflete a complexidade da formação da subjetividade em contextos coloniais (Fanon, 2020; Nogueira, 2021) e coloca em xeque as identidades pré-fixadas.

Nos terreiros, dizemos que cada orixá possui qualidades, no romance as qualidades de *Oyá* (Augras, 2008) manifestam-se como identidades performáticas (Butler, 2024) dessas mulheres negras e mulatas, que subvertem e resistem às normas de gênero impostas pelo colonialismo (Oyêwùmí, 2021), bem como afirmam a potência de suas existências na narrativa.

Avistar o *rum* de *Oyá* no romance amadiano só foi possível porque a "teoria literária tem em suas bases um impulso democrático" (Eagleton, 2006) o qual permite que possamos analisar as obras através de teóricos outrora subjugados por sua religião, cor, gênero ou origem. Como escreveu Lélia Gonzalez (1984), "está na hora do lixo falar, e numa boa!".

Por isso a escolha da metodologia de pesquisa encarnada (Messeder, 2020), pois tomo uma postura política e teórica decolonial. Integrar os saberes dos terreiros à academia é uma maneira de se colocar contra um sistema acadêmico que diz prezar pela neutralidade, mas mantém uma elite patriarcal eurocentrada como "detentores da verdade".

Passos dados, iniciarei a escrita de uma tese que se pretende potente, inédita, decolonial, cuja escrita feminina, incorporada, será fortalecida pelas vozes da pesquisadora, de suas/seus ancestrais e de teóricos pós-estruturalistas e decoloniais, quebrando as expectativas do silenciamento legado às mulheres através do patriarcado ainda vigente nas instituições de ensino superior. E, assim, darei um rum à minha Iansanidade!

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AUGRAS, Monique. (1983). *O duplo e a metamorfose - A identidade mítica em comunidades nagô*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 27ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo de gênero?*. Tradução Heci Regina. Candiani. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2024.

EAGLETON, T. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006

FRANTZ, Fanon. *Pele Negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; Prefácio de Grada Kilomba; Posfácio de Deivison Faustino;[1] Textos Complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.[2]

FERNANDES, Alexandre de O.; SOUZA, Douglas de; LEITE, Gildeci. Apresentação do dossiê "Jorge Amado: para além dos 90 anos de publicação". *Revista Crioula (USP)*. n. 32 (2023): Jorge Amado: para além dos 90 anos de publicação.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. Dar rum ao orixá: ritmo e rito nos candomblés ketu-nagô. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 101-16,[3] 2006.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p.223-244.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana.* São Paulo: Selo Negro, 2004.

MESSEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção de um saber científico blasfêmico. In: Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Holanda; autoras Adriana Varejão … [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: Significações do corpo negro*. Editora Perspectiva Ltda. Ano: 2021

PRANDI, R. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (org.). *Caderno de leituras: O universo de Jorge Amado - 139*

Orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das letras, 2009. Disponível em: http://www.jorgeamado.com.br/professores.php. Acesso em: 29 maio 2025.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: Orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OYĚWÙMÍ, OyèrónkẸ́. *A invenção das mulheres*. Uma perspectiva africana sobre os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia*; 13. ed. – Petrópolis, Vozes, 2012.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *Meu Tempo é Agora*.[5] 2ª ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

SANTOS, Ana Caroline da Silva; FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Run de Oyá em O sumiço da Santa: Balançando as palhas de um mariwo literário. In: LEITE, Gildeci de Oliveira (et al.) *Leituras Jorgeamadianas*. 1ª edição. Salvador, Bahia: Quarteto Editora, 2025.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da metrópole*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária. Jorge Amado. Rum. Iansã/Oyá. Colonialidade de Gênero.

A VEZ DA OUTRA: TENSIONAMENTOS SOBRE A PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA MOÇAMBICANA CONTEMPORÂNEA

Dias Dezoito Saracuchepa[1]
Prof. Dra. Inara de Oliveira Rodrigues (Orientadora)[2]

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa investiga as representações da prostituta na literatura moçambicana contemporânea, especificamente nas narrativas ficcionais *Nykonkwe - a Reforma da Prostituta*, de Mukhwarura (2010), e *Meledina (ou a história duma prostituta)*, de Aldino Muianga (2004). O tema central articula-se na análise de como essas obras constroem personagens femininas que, subalternizadas e estigmatizadas socialmente, ganham protagonismo por meio do desfiar de suas memórias, propiciando uma leitura crítica das estruturas patriarcais e coloniais.

Diante desse quadro, o problema de pesquisa emerge da necessidade de se compreender como a literatura moçambicana contemporânea representa a figura da prostituta para além dos estereótipos tradicionais, questionando-se: de que modo o protagonismo de personagens-prostitutas nas obras em estudo representa uma ruptura com o modelo patriarcal e colonial da sexualidade, e como essas representações tensionam a questão da subalternidade feminina na literatura moçambicana contemporânea?

Consequentemente, os pressupostos da pesquisa respaldam-se na compreensão de que as narrativas estudadas configuram literariamente a figura da prostituta em um enquadramento anticolonial e antipatriarcal, rompendo com representações estereotipadas. Assim, sustenta-se a hipótese de que, por meio de tais personagens, os autores denunciam a hipocrisia social e toda ordem de violência perpetrada pelo sistema falocêntrico.

[1] dsaracuchepa@yahoo.com - Bolsista CAPES
[2] iorodrigues@uesc.br

A análise fundamenta-se nos estudos anticoloniais, especialmente com Frantz Fanon (1968), Aimé Césaire (1978), Amílcar Cabral (1974), Albert Memmi (1977) e Aníbal Quijano (2005), assim como nas teorias feministas africanas e interseccionais, com Maria Lugones (2008), Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (1997), Silvia Federici (2017), Patricia Hill Collins (2000), Isabel Casimiro (2014) e Pierrette Herzberger-Fofana (2000). Além disso, dialoga com a teoria da subalternidade de Gayatri Spivak (2010), que problematiza os espaços de enunciação para sujeitos historicamente silenciados.

Por sua vez, o contexto histórico-social moçambicano, marcado pela experiência colonial portuguesa, guerras de independência e civil, e pela persistência de práticas patriarcais, constitui o pano de fundo para compreender-se como as estruturas de dominação se perpetuam nas representações da sexualidade feminina. Dessa forma, a literatura emerge como espaço simbólico privilegiado para revelar e questionar as tensões entre poder e subalternidade, especialmente no que concerne às mulheres que vivem à margem da moralidade tradicional.

Ademais, a escolha das obras justifica-se pelo seu potencial de problematizar os mecanismos simbólicos de exclusão e resistência nos espaços urbanos de Maputo, evidenciando as dinâmicas de poder que regem os corpos e as existências das mulheres marginalizadas. Ambas as narrativas abordam incisivamente o cotidiano vivido pelas prostitutas, permitindo identificar as tensões entre dominação e resistência no campo das relações de gênero.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Demonstrar que as narrativas *Nykonkwe – A Reforma da Prostituta*, de Mukhwarura (2010) e *Meledina (ou a história duma prostituta)*, de Aldino Muianga (2004) configuram literariamente a figura da prostituta como protagonista e, assim, rompem com representações estereotipadas, contribuindo para o questionamento das estruturas de dominação na sociedade moçambicana contemporânea.

Objetivos Específicos

- ✔ Aprofundar estudos sobre narrativa literária e gênero no âmbito da literatura moçambicana contemporânea, com destaque à temática da prostituição;

- ✔ Fazer um levantamento sobre principais pesquisas que se debruçaram sobre as obras/autores selecionadas em Moçambique e no Brasil;
- ✔ Analisar a construção das personagens prostitutas nas obras a partir das estratégias narrativas e elementos discursivos, verificando de que modo potencializam críticas antipatriarcais e anticolonialistas.

JUSTIFICATIVA

A escolha por investigar a representação da prostituta na literatura moçambicana contemporânea justifica-se pela necessidade de problematizar as estruturas de dominação que historicamente silenciam e marginalizam determinadas figuras sociais. Nesse sentido, as obras literárias *Nykonkwe* e *Meledina* oferecem uma perspectiva crítica sobre as contradições sociais, políticas e simbólicas que atravessam a sociedade moçambicana, revelando como personagens que vivem à margem da moralidade tradicional articulam formas de contestação e autoafirmação.

Dessa maneira, a literatura, como espaço simbólico privilegiado para revelar e questionar as tensões entre poder e subalternidade, permite questionamentos sobre como se articulam normatividade e transgressão no contexto moçambicano. Consequentemente, o estudo mostra-se relevante tanto para o campo dos estudos literários quanto para os debates interdisciplinares que envolvem gênero, estudos anticoloniais, direitos humanos e sexualidade.

Além disso, a investigação contribui para o fortalecimento de uma crítica feminista contextualizada nas especificidades culturais e históricas moçambicanas, valorizando narrativas que desestabilizam o olhar hegemônico sobre a mulher. Ao analisar a prostituta como protagonista no âmbito da literatura contemporânea de Moçambique, a pesquisa permite a visibilidade dessa realidade social e problematiza as representações do feminino nessa literatura.

Nesse sentido, diante das marcas históricas da dominação patriarcal e colonial presentes na sociedade moçambicana, ainda são escassas as análises que abordam

criticamente a representação da prostituta. As narrativas selecionadas lançam um olhar politizado sobre o cotidiano dessas mulheres marginalizadas, evidenciando as dinâmicas de poder que regem seus corpos e suas existências.

Finalmente, a relevância acadêmica e social da pesquisa reside na possibilidade de reconfigurar visões estereotipadas da mulher moçambicana, especialmente da mulher prostituta, em narrativas contemporâneas. Tal perspectiva reafirma o potencial emancipador da literatura como espaço de denúncia e reconfiguração simbólica das estruturas de poder.

APARATO TEÓRICO

A fundamentação teórica centra-se nos estudos anticoloniais, considerando-se que as perversas heranças do colonialismo estão cristalizadas em relações de poder e configurações sociais. Essa perspectiva teórica será articulada aos estudos feministas africanos e negros (estadunidense e latino-americano, incluindo-se as feministas negras brasileiras), com especial atenção ao conceito de interseccionalidade para uma análise situada da mulher marginalizada na literatura moçambicana.

No âmbito dos estudos anticoloniais, Frantz Fanon (1968), em *Os Condenados da Terra*, oferece análise fundamental sobre a violência colonial e os processos de descolonização mental, fornecendo chaves interpretativas para compreender-se as situações vividas pelas personagens-prostitutas nas narrativas estudadas. Sua reflexão sobre a alienação colonial e a necessidade de criação de “novos homens” e “novas mulheres” é central para se perceber as estratégias de opressão enfrentadas pelas protagonistas.

Complementarmente, Aimé Césaire (1978), em *Discurso sobre o Colonialismo*, contribui com sua crítica radical ao sistema colonial como processo desumanizador, perspectiva utilizada para analisar como a prostituição é configurada nas narrativas enquanto resultado das violências coloniais sobre os corpos femininos. Sua proposta sobre o papel da poesia como arma anticolonial dialoga com as estratégias narrativas identificadas nas obras do corpus.

Da mesma forma, Amilcar Cabral (1974), com suas reflexões sobre cultura nacional e resistência, oferece elementos para compreender-se como as personagens articulam formas próprias de sobrevivência e acabam por denunciar (nas suas trajetórias que nós, leitores acompanhamos) a opressão social de que são vítimas. Seu conceito de “retorno às fontes” é reinterpretado como recuperação da capacidade crítica que permite compreender e transformar as estruturas de dominação. Paralelamente, Albert Memmi (1977), em *Retrato do*

Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador, contribui com sua análise das relações de dominação colonial e suas permanências, auxiliando na compreensão de como as estruturas coloniais de poder se mantêm nas representações da sexualidade feminina.

Por outro lado, a construção do conceito de "colonialidade do poder", elaborado por Aníbal Quijano (2005), é fundamental para o estudo das estruturas de dominação colonial e como se perpetuam na contemporaneidade, inclusive nas representações simbólicas. Esta ideia articula-se à noção de "colonialidade do gênero", desenvolvida por Maria Lugones (2008), que evidencia como o sistema moderno/colonial de gênero racializa e sexualiza os corpos, colocando as mulheres negras e africanas em posições de subalternidade.

Nessa perspectiva, Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (1997), ao criticar a ocidentalização da categoria "mulher" e a imposição de um sistema de gênero binário nas sociedades africanas, contribui para reflexão sobre como a figura da prostituta é construída a partir de uma lógica falocêntrica e colonial. Sua crítica é essencial para compreender-se os tensionamentos nas representações das personagens femininas, especialmente no que se refere à agência (ou sua impossibilidade), resistência/sobrevivência e reconfiguração dos papéis sociais.

Simultaneamente, no campo do feminismo materialista e interseccional, Silvia Federici (2017) contribui para pensar a historicidade da prostituição enquanto prática relacionada ao controle dos corpos femininos no capitalismo e na transição para a modernidade, com ênfase no papel do trabalho reprodutivo e no disciplinamento dos desejos femininos. Sua leitura materialista da sexualidade é importante para a compreensão de como o corpo da mulher prostituta é atravessado por relações de poder, exploração e resistência.

Igualmente relevante, Patricia Hill Collins (2000) fornece a base para uma abordagem interseccional que analisa como as categorias de gênero, raça, classe e colonialidade se entrelaçam na construção da prostituição enquanto categoria social e simbólica. Esta perspectiva permite evidenciar as múltiplas camadas de opressão enfrentadas pelas personagens e suas estratégias de subversão.

No que se refere ao feminismo africano, Isabel Casimiro (2014) e Pierrette Herzberger-Fofana (2000) enriquecem a discussão com perspectivas específicas sobre

feminismo africano e descolonização do gênero, permitindo uma leitura mais situada da mulher marginalizada na literatura e na sociedade moçambicana.

METODOLOGIA

A pesquisa tem natureza bibliográfica e qualitativa, com base em análise teórica e interpretativa de obras literárias. A metodologia principal consiste na leitura crítica e comparativa de textos narrativos e referenciais teóricos que dialogam com os eixos temáticos: prostituição, memória, subalternidade, falocentrismo e representação feminina.

Nesse sentido, a abordagem será dedutiva, partindo de conceitos gerais desenvolvidos por teóricos dos estudos anticoloniais e negro-afro-feministas para aprofundar-se a problematização, de forma particularizada, sobre as representações construídas nas obras do corpus.

Por sua vez, a natureza qualitativa justifica-se pela intenção de explorar em profundidade os significados atribuídos às personagens femininas no espaço ficcional, especialmente no que se refere à representação da prostituta como figura complexa e ambivalente. Conforme Knechtel (2014), a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos sociais e humanos por meio de análise interpretativa que considera aspectos subjetivos, simbólicos e contextuais.

Ademais, no que se refere aos objetivos, a pesquisa insere-se no escopo da pesquisa explicativa, pretendendo identificar, compreender e interpretar os mecanismos simbólicos e discursivos que constroem a imagem da prostituta nas obras analisadas. Buscar-se-á evidenciar como os elementos literários, linguagem, narrativa, personagens, vozes, expressam e problematizam as estruturas de dominação falocêntrica e colonial.

DISCUSSÃO

A partir da análise das narrativas, espera-se demonstrar que as personagens-prostitutas construídas por Mukhwarura e Aldino Muianga transcendem os estereótipos tradicionalmente associados à figura da mulher prostituta, emergindo como seres complexos, não estereotipados.

Paralelamente, espera-se comprovar que, mesmo sendo narrativas mediadas por autores masculinos, as obras criam espaços ficcionais em que as vozes femininas

subalternizadas ganham protagonismo discursivo, permitindo o questionamento não apenas das imposições morais da sociedade moçambicana contemporânea, mas também os legados coloniais que moldam as representações da sexualidade e do corpo feminino.

Por essa caminhada analítica, os primeiros movimentos revelam que a protagonista de *Nykonkwe – a reforma da propstituta* (Mukhwarura, 2010) articula discurso de denúncia que vai além da lamentação individual, configurando-se como crítica social abrangente. No trecho "Venho da Rua 507. Da rua da minha juventude perdida. Da rua da minha virgindade desflorada. Da rua que vos pariu, fardos da vida que não mais tenho!" (MUKHWARURA, 2010, p. 9), observa-se construção narrativa que estabelece geografia simbólica da marginalização, onde o espaço urbano torna-se metáfora da trajetória de exclusão social.

Esta estratégia narrativa dialoga com as reflexões de Fanon sobre violência colonial e seus efeitos psíquicos. A personagem opera cartografia da violência colonial que se perpetua nas estruturas urbanas pós-independência. A repetição anafórica "Da rua..." funciona como estratégia retórica que evidencia a consciência da personagem sobre seu processo de subalternização.

Concomitantemente, a personagem de Mukhwarura articula formas de resistência que operam no campo simbólico e discursivo. Quando afirma "Prostitutas, levianas, mulheres da noite, mulheres de má vida, isto e mais uma cambada de palavras cuja proveniência desconhecemos é o que os olhos do mundo veem em nós." (MUKHWARURA, 2010, p. 18), demonstra consciência sobre a violência simbólica exercida através da linguagem estigmatizante.

Esta consciência metalinguística configura uma denúncia não apenas dos rótulos sociais, mas da própria origem dessas categorizações, operando o que Césaire define como desmonte das estruturas discursivas coloniais. A personagem reconhece o caráter construído dessas denominações, sugerindo compreensão crítica dos mecanismos pelos quais o sistema patriarcal produz hierarquias sociais.

Por outro lado, em *Meledina (ou a história duma prostitura)*, a protagonista apresenta uma trajetória que vai da marginalização rural à prostituição urbana, revelando o que Quijano teoriza como "colonialidade do ser e de poder". A chegada de Meledina na então Lourenço

Marques e sua inserção no meretrício são apresentadas como consequências de um sistema socioeconômico e patriarcal que mantém as mulheres africanas em posições de vulnerabilidade social.

Na passagem “Durante o dia vagueia pelas ruas da cidade em busca de trabalho. Todas as portas fecham-se-lhe na cara” (MUIANGA, 2004, p. 20), explicita-se a exclusão sistemática que empurra a personagem para a prostituição, ilustrando como as estruturas coloniais de marginalização se perpetuam no período pós-independência.

Ademais, ambas as narrativas apresentam estratégias de subversão do olhar masculino dominante. Em *Nykonkwe*, a protagonista inverte a lógica da objetificação ao analisar criticamente os homens que a procuram: “Quantas vezes não fiz de mim mesma almofada dos desabafos dos homens sem rosto, que se fizeram presentes aos montes?” (MUKHWARURA, 2010, p. 17). Essa inversão retira o poder objetificador do masculino, operando o que Fanon identifica como processo de desalienação através da inversão do olhar colonizador. A personagem problematiza a situação de seus clientes, identificando-os como sujeitos que buscam, nela, escape dos problemas sociais e políticos.

Simultaneamente, a análise revela que ambos os autores utilizam recursos poéticos que conferem densidade estética às narrativas. Em *Nykonkwe – a reforma da prostituta* (2010), expressões como “cadáveres ambulantes, sem direito à tumba da sepultura, em nosso próprio solo pátrio” (Mukhwarura, 2010, p. 18) criam imagens que evidenciam a desumanização social, mas simultaneamente humanizam através da elaboração estética.

Esta estratégia dialoga com a proposta de Césaire sobre o papel da poesia como arma anticolonial, funcionando como espaço de restituição da humanidade negada pelo sistema colonial-patriarcal. A literatura emerge como território de reconquista da dignidade humana e afirmação de subjetividades negadas pelas estruturas de dominação.

Portanto, os primeiros encaminhamentos analíticos indicam que as hipóteses iniciais encontram sustentação textual, evidenciando que as protagonistas emergem como figuras que questionam tanto as estruturas patriarcais locais quanto as continuidades das práticas coloniais.

Finalmente, a análise preliminar revela que ambas as narrativas operam crítica que vai além da denúncia social, configurando-se como projetos estéticos e políticos de descolonização das representações da mulher moçambicana. As estratégias identificadas apontam para emergência de discurso literário que dialoga produtivamente com as

proposições teóricas anticoloniais e negro-afro-feministas (aspectos a serem devidamente aprofundados com o desenvolvimento da pesquisa).

REFERÊNCIAS

CABRAL, Amilcar. A **cultura e o combate pela independência**. Lisboa: Seara Nova, 1974.

CASIMIRO, Isabel. **Feminismos africanos**: uma questão de pertenças e identidades. Maputo: Fórum Mulher, 2014.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2000.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas. São Paulo: Elefante, 2019.

HERZBERGER-FOFANA, Pierrette. **Mulheres africanas**: entre poder e opressão. Lisboa: Orfeu Negro, 2000.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

KNECHTEL, Carmen Maria. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 502-518, 2008.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MUIANGA, Aldino. **Meledina (ou a história duma prostituta)**. Maputo: Ndjira, 2004.

MUKHWARURA. **Nykonkwe – a reforma da prostituta**. Maputo: AEMO, 2010.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **The invention of women**: making an African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

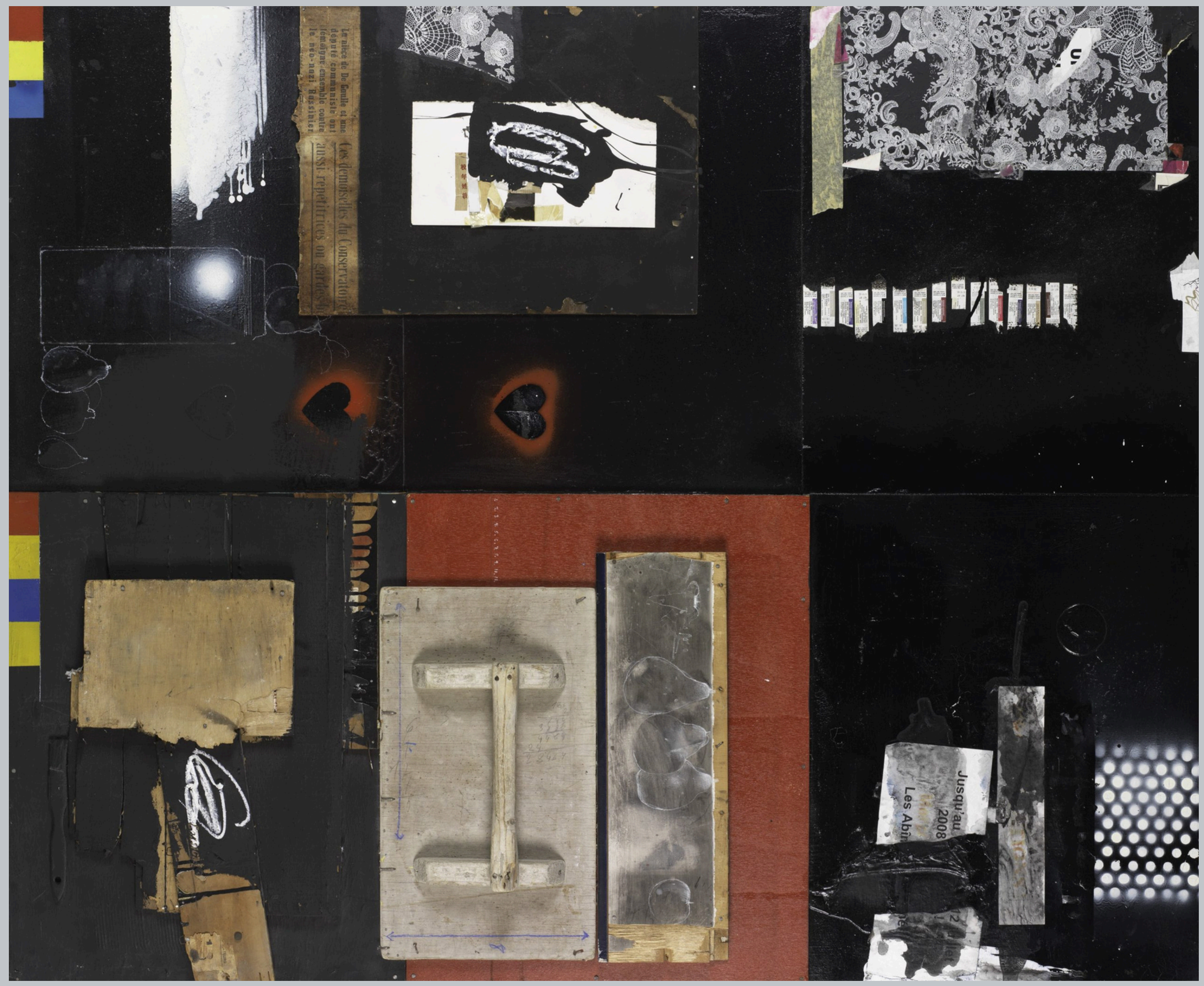
QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Prostituição. Subalternidade. Resistência feminina. Estudos anticoloniais.

Estudos da Língua(gem)

LINHA B

Raymond Saunders, Asking for Colors, Marie’s Gift [Demander des couleurs, cadeau de Marie], vers 2000 Bois, papiers déchirés, scotch, peinture et craie sur panneau, 148 × 122 cm Centre Pompidou, Musée national d’art moderne, Paris. Don des Amis du Centre Pompidou, 2024. AM 2024-895 © The Estate of Raymond Saunders. All rights reserved. Photo © Centre Pompidou, MNAM-CCI/Joseph Banderet/Dist. GrandPalaisRMN



BOOKTOK NA SALA DE AULA:
uma proposta dialógica de uso das mídias sociais na aula de literatura

Islene dos Santos Roque[1]

Urbano Cavalcante Filho (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo investigar as potencialidades da plataforma TikTok, especialmente o fenômeno *Booktok*, como instrumento de mediação para o letramento literário e digital de estudantes do Ensino Médio. A pesquisa se insere na linha de Linguística Aplicada e fundamenta-se nos pressupostos da teoria dialógica do discurso de Bakhtin e seu Círculo, na análise do discurso digital de Paveau, e nas concepções de letramento literário de Cosson e Paulino. A investigação parte da constatação do distanciamento dos jovens da leitura literária escolar, em contraste com o crescente engajamento nas mídias sociais, propondo o uso do *Booktok* como uma alternativa para promover o letramento literário de forma crítica e criativa, articulando o ensino de literatura com práticas digitais significativas. A pesquisa visa ainda contribuir para as discussões sobre as novas formas de mediação literária e o papel das mídias sociais no processo de formação de leitores críticos.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar de que maneira o uso do *Booktok* pode contribuir para a formação de leitores críticos no Ensino Médio, ampliando o letramento literário e digital dos estudantes.

[1] E-mail: islenechina@gmail.com. Professora no Instituto Federal da Bahia- Campus Brumado.
[2] E-mail: urbano@ifba.edu.br.

Objetivos específicos

- Caracterizar as resenhas literárias no *Booktok* como gênero discursivo digital.
- Analisar a apropriação de obras literárias por meio da execução de uma sequência didática no *Booktok*.
- Avaliar o desenvolvimento dos letramentos digital e literário dos estudantes através da interação responsiva nos vídeos produzidos.

JUSTIFICATIVAS

A pesquisa se justifica pela crescente adesão dos jovens às redes sociais, especialmente o TikTok, que se tornou um espaço de forte interação literária por meio do *Booktok*. Dados da pesquisa "Retratos da Leitura" (2024) indicam que mais de 60% dos jovens preferem o uso das mídias digitais para acessar conteúdos literários, o que evidencia a desconexão entre o modelo tradicional de ensino e as práticas de leitura contemporâneas. A experiência como professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio e as observações feitas ao longo dos anos motivaram a escolha da temática, na tentativa de superar o desinteresse dos alunos pela literatura escolar, utilizando as plataformas digitais como aliadas no ensino de literatura. A proposta pretende preencher uma lacuna nas pesquisas, ao incluir a produção de conteúdo pelos estudantes, e não apenas a análise de conteúdos prontos de *Booktok*, ampliando as discussões sobre a integração da literatura com as práticas digitais.

APARATO TEÓRICO

O trabalho se fundamenta em teorias que abordam a linguagem como prática social, destacando o conceito de dialogismo de Bakhtin (2016) e a análise de Paveau (2021) sobre os discursos digitais. O *Booktok* é entendido como uma prática de escrileitura responsiva, onde o leitor (ou criador de conteúdo) interage com o texto e com

a comunidade de forma dialógica e criativa. Além disso, a proposta de letramento literário de Cosson e Paulino (2009) é incorporada, destacando a leitura não apenas como decodificação, mas como uma experiência estética e crítica, potencializada pelo uso das mídias sociais.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e autoetnográfica, conforme os pressupostos de Anderson (2006), na qual a pesquisadora se insere diretamente no grupo investigado, vivenciando as práticas pedagógicas. As etapas incluem a curadoria de vídeos de *Booktok* para análise discursiva, seguida da aplicação de uma sequência didática com turmas de Ensino Médio, envolvendo a leitura compartilhada e a produção de vídeos-resenhas. A coleta de dados será feita através de observações em sala de aula, gravações dos vídeos, entrevistas semiestruturadas com os alunos e análise dos comentários nas postagens. A análise dos dados será orientada pela teoria do dialogismo e pela análise do discurso digital.

DISCUSSÃO

Espera-se que o *Booktok* se configure como um recurso didático poderoso para a formação de leitores críticos, contribuindo para o fortalecimento dos letramentos literário e digital. Ao integrar a literatura ao universo digital, a pesquisa visa explorar como o uso das plataformas sociais pode transformar a leitura literária, tornando-a mais atraente, interativa e relevante para os jovens. O estudo também busca ampliar o entendimento sobre o impacto das práticas digitais no ensino de literatura, mostrando como as tecnologias podem ser aliadas para promover uma educação mais dinâmica e socialmente situada.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, L. Analytic autoethnography. **Journal of Contemporary Ethnography**, Thousand Oaks, v. 35, n. 4, p. 373-395, ago. 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

VOLÓCHINOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. Ensaio introdutório de Grillo, Sheila. São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

BARBOSA, José Lucas do Nascimento; PEREIRA, Sônia Virgínia Martins. **O discurso digital como ato responsável e prática identitária no ensino de literatura: contribuições pedagógicas do uso do TikTok.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO, [n.], [ano], [local]. *Anais*.... [S.l.]: [editora], [ano]. ISBN 978-65-86901-91-7. Acesso em: 19 set. 2024.

COSSON, Rildo. **Letramento literário teoria e prática.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

Jones, SH; Adams, TE; Ellis, C; Oliveira, MAO; Jaramillo, NJ. HANDBOOK OF AUTOETHNOGRAPHY (Coleção Queer). 2013. Left Coast Press, Walnut Creek: 736. 978-15-98746-00-6

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Aprendizagem criativa no *TikTok*: novas possibilidades de ensinar e aprender durante o isolamento social. **Open Minds International Journal**, v. 2, n. 1, São Paulo, 2021. Disponível em: https://openminds.emnuvens.com.br/openminds/article/view/92/75 . Acesso em: 22 mai 2025.

SANTIAGO, Juliana Gomes; CAVALCANTE FILHO, Urbano. Leitura e formação do sujeito leitor na era digital. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 11, 2023. Disponível

em:https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7792. Acesso em: 23 mai 2025.

ZILBERMAN, R. (org) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.* 6ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

PALAVRAS CHAVE: Letramento literário; BookTok; Dialogismo; Ensino de Literatura.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS NO ECOSSISTEMA DIGITAL

Laís Souza Lemos[1]
Rodrigo Camargo Aragão (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

Este projeto está inserido na área da Linguística Aplicada (LA) voltada para a formação de professores de línguas e está vinculado à linha de pesquisa em linguagens e tecnologias. A pesquisa está articulada aos estudos do grupo FORTE – Formação, Tecnologias e Emoções (CNPq/UESC), coordenado pelo professor Dr. Rodrigo Aragão. Nesse eixo, o presente estudo adota uma perspectiva de educação linguística crítica para analisar a adequação do currículo do curso de Letras (UESC) diante dos desafios do ecossistema digital contemporâneo.

O avanço das tecnologias digitais tem transformado as práticas comunicativas, a produção de conhecimento e as relações sociais. O ecossistema digital contemporâneo, marcado pelo fluxo constante de informações, muitas vezes atravessado por desinformação, discursos de ódio e manipulação algorítmica, impõe novos desafios à formação docente. O papel do professor, nesse cenário, tem novas demandas: ele deve atuar como mediador crítico, promovendo o desenvolvimento de habilidades de leitura, análise e posicionamento ético diante da linguagem e da informação.

A pandemia da COVID-19 intensificou a digitalização da vida e evidenciou a urgência de reestruturar os currículos dos cursos de licenciatura em Letras. É necessário que esses currículos preparem os futuros docentes para lidar com a complexidade do ambiente digital. Estudos recentes em Linguística Aplicada (Barcelos et al., 2022; Aragão, 2022; Guedes, 2024; Moura, 2025; Moura; Aragão, 2025; Quadrado; Vetromille-Castro, 2022) indicam a necessidade de revisar os projetos pedagógicos dos

[1] laix3@hotmail.com
[2] aragaorc@gmail.com

cursos de formação de professores, incorporando práticas de letramento midiático crítico, bem como o desenvolvimento de competências emocionais e sociais.

Diante disso, a presente pesquisa propõe investigar o impacto do ecossistema digital na formação de professores de línguas. O estudo envolve: (1) análise do currículo do curso de Letras (UESC); (2) aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas a serem realizadas com: a) coordenação do curso; b) 2 docentes formadores; c) cerca de 20 discentes da disciplina Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras; (3) Rodas de conversação (presenciais e virtuais com os discentes da turma da disciplina supracitada). Com abordagem qualitativa e interpretativa, a pesquisa busca compreender as interações socioculturais, políticas, cognitivas e emocionais presentes no processo formativo.

O projeto propõe: (I) análise do currículo do curso de Letras (UESC), a partir da leitura documental do Projeto Pedagógico; (II) verificação da percepção de discentes, docentes e coordenação acerca das práticas pedagógicas atreladas ao currículo vigente; (III) reflexão e conscientização crítico-colaborativa desenvolvidas junto aos participantes da pesquisa, a partir de instrumentos como rodas de conversação, entrevistas, narrativas visuais e outros elementos a serem detalhados na seção da metodologia. A intenção é compreender os desafios enfrentados pelos futuros professores diante das dinâmicas digitais e, a partir disso, propor um design curricular mais atualizado e crítico.

Ao articular educação linguística, cultura digital e cidadania, a pesquisa almeja contribuir para uma proposta curricular mais alinhada às demandas contemporâneas, baseadas em princípios éticos, democráticos e transformadores, com vistas a uma formação docente mais engajada e sensível às complexidades do século XXI.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Esta pesquisa pretende investigar a adequação do currículo do curso de Letras (UESC) diante dos desafios do ecossistema digital contemporâneo, à luz da Linguística Aplicada Crítica e dos estudos sobre emoções e tecnologias digitais atuais.

Objetivos específicos:

- Verificar como se configuram inter-relações socioculturais, políticas, cognitivas e emocionais do atual ecossistema digital e avaliar os impactos desta configuração na formação de professores de línguas;
- Realizar uma análise crítica do currículo do curso de Letras (UESC) quanto à presença de práticas formativas voltadas ao ecossistema digital contemporâneo e levantar dados qualitativos da coordenação do curso e de dois docentes formadores sobre desafios e potencialidades dessa formação;
- Investigar, por meio de pesquisa qualitativa com discentes da disciplina de Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras, do curso de Letras (UESC), os desafios atribuídos à formação docente no contexto do ecossistema digital contemporâneo. Com base nos dados obtidos, desenvolver protótipos didáticos, por meio de atividades, que integrem ensino, pesquisa e extensão;
- Discutir os resultados obtidos, a fim de propor um design curricular crítico e inovador com o desenvolvimento de atividades e oficinas para a formação de professores de línguas, voltado ao fortalecimento da justiça social, da cidadania digital e do pensamento ético e crítico.

JUSTIFICATIVAS

Esta pesquisa se justifica diante dos desafios no campo da educação linguística frente o atual cenário do ecossistema digital, especialmente no período pós-pandemia da

COVID-19 (Aragão, 2022; Barcelos et all, 2022; Guedes, 2024; Moura, 2025; Moura; Aragão, 2025). Como legado desse contexto, nota-se um impacto nas práticas de linguagem e nas formas de lidar com a informação, tendo em vista não só a ampliação de práticas de linguagens multimodais, o que exige uma competência comunicativa ampliada, como também a intensificação massiva de informações em tempo real – nem sempre confiáveis e muitas vezes manipuladas, o que demanda o desenvolvimento de uma educação midiática e letramento informacional para se posicionar de forma crítica frente aos conteúdos em circulação. Acredita-se que o crescimento da desinformação, a polarização política e a manipulação algorítmica por inteligência artificial têm reformulado as práticas de linguagem, tornando fundamental uma abordagem crítica no ensino de línguas (Moura; Aragão, 2025). Nesse âmbito, a formação de professores precisa ser revista para garantir que os futuros educadores possam lidar com esses desafios de forma crítica e reflexiva.

A relevância social desta pesquisa se evidencia na necessidade de fortalecer o papel dos professores de línguas como mediadores pedagógicos neste contexto digital. A sociedade atual demanda profissionais que compreendam e saibam trabalhar com as inter-relações socioculturais, políticas, cognitivas e emocionais deste atual ecossistema digital. Dessa forma, o projeto busca contribuir para a construção de uma educação linguística mais crítica e engajada, capaz de fomentar o pensamento reflexivo e ético em contextos de aprendizagem.

No âmbito da LA, a pesquisa se insere no debate sobre a necessidade de uma discussão curricular na formação docente à luz de questões contemporâneas já citadas aqui, uma lacuna que vem sendo apontada por estudos na área (Barcelos et al., 2022; Aragão, 2022; Moura, 2025; Quadrado; Vetromille-Castro, 2022). Ao investigar o currículo de licenciatura do curso de Letras (UESC), as políticas linguísticas e os marcos regulatórios da formação de professores, o estudo visa propor metodologias inovadoras que promovam uma formação perante uma sociedade cada vez mais permeada por discursos digitais, por meio de um estudo qualitativo junto a professores

de línguas em formação inicial. Além disso, ao incorporar discussões sobre letramento midiático e ética, a pesquisa se alinha às tendências contemporâneas que compreendem a linguagem como prática social e ferramenta de empoderamento.

Dessa forma, o presente estudo contribui para a área da LA ao oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a atualização da formação de professores de línguas. Seu impacto transcende o contexto acadêmico, pois pode auxiliar na formulação de políticas educacionais mais adequadas às demandas do século XXI, promovendo uma sociedade mais informada, crítica e socialmente engajada.

REVISÃO DE LITERATURA

A presente pesquisa defende a urgência de uma atualização curricular no curso de formação de professores de línguas da UESC, considerando os desafios impostos pelo ecossistema digital contemporâneo, especialmente no cenário pós-pandemia da COVID-19. Esse contexto, marcado por transformações nas práticas de linguagem e na circulação da informação, exige que docentes em formação estejam preparados para atuar como mediadores pedagógicos críticos. Pois, consoante a Linguística Aplicada Crítica (LAC) (Pennycook, 2001; Moita Lopes, 2006; Rajagopalan, 2003) entende-se a linguagem como prática social a favor da equidade, devendo o ensino de línguas estar voltado aos usos legítimos da linguagem em contextos reais. Pesquisas na área da LA (Aragão, 2022; Barcelos et al., 2022; Moura, 2025; Moura; Aragão, 2025; Quadrado; Vetromille-Castro, 2022) têm apontado algumas considerações e demandas que fundamentam o proposto aqui.

Barcelos et al. (2022) enfatizam a relevância de se considerar as emoções no ensino de línguas, destacando a importância de espaços reflexivos na formação docente que permitam compreender o impacto emocional de eventos como a pandemia, bem como a relação entre emoções e tecnologias. Entretanto, os autores identificam a ausência de gestores e coordenadores como participantes nos estudos da área — uma

limitação que este estudo busca superar ao incluir formadores, coordenação de curso e licenciandos como participantes da pesquisa.

Já Quadrado e Vetromille-Castro (2022), ao analisarem os projetos pedagógicos de cursos de Letras, apontam fragilidades estruturais na integração das tecnologias digitais à formação docente. Apenas uma das quatro instituições analisadas apresenta esforços consistentes nessa direção, revelando a urgência de uma reestruturação curricular mais abrangente. Apesar da relevância da análise documental, os autores não abordam a percepção dos licenciandos, aspecto investigado nesta pesquisa por meio de entrevistas e observações.

Aragão (2022) realizou uma experiência prática de ensino remoto na disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Inglesa, utilizando o *WhatsApp* como ambiente de aprendizagem. Os resultados revelam aceitação positiva por parte dos estudantes quanto ao uso de tecnologias síncronas e assíncronas. No entanto, não há indícios de que tais práticas tenham sido incorporadas de forma estruturada aos currículos — uma lacuna que esta investigação busca esclarecer ao mapear, nos cursos analisados, a presença (ou ausência) de componentes curriculares voltados à educação digital crítica.

No debate sobre desinformação, Pennycook e Rand (2019) evidenciam que o raciocínio analítico é fator-chave para mitigar o compartilhamento de *fake news*, sugerindo a centralidade da educação crítica da informação. No contexto brasileiro, os estudos de Moura (2025) discutem como a cultura da desinformação compromete a formação cidadã e reforçam a importância de preparar docentes para lidar criticamente com informações. Ambos os estudos reconhecem que ainda há escassez de dados sobre como os cursos de formação docente têm enfrentado essa questão em suas práticas formativas.

Diante desse panorama, esta pesquisa contribui ao investigar empiricamente como o curso de formação de professores de línguas da UESC têm (ou não) incorporado práticas pedagógicas e saberes que respondam às exigências do atual contexto digital,

colaborando para uma formação crítica, tecnicamente competente e socialmente engajadas.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, estruturada em duas fases principais: uma revisão bibliográfica fundamentada nos pressupostos da LAC e dos estudos sobre emoções e tecnologias digitais para fundamentar uma análise do currículo do curso de Letras (UESC), seguida pela implementação de uma pesquisa narrativa. O objetivo central dessa pesquisa é compreender as demandas de atualização do currículo do curso de Letras (UESC) diante das transformações provocadas pelo ecossistema digital contemporâneo.

A opção pela abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de compreender, em profundidade, as práticas pedagógicas vivenciadas e refletidas pelos participantes, considerando suas experiências subjetivas no contexto da formação docente. Compreende-se que o uso dessa abordagem oportuniza uma investigação mais aprofundada das questões relacionadas ao estudo e das relações, devido à valorização do contato direto com a situação estudada, ao procurar compreender a dimensão humana, a pluralidade e a interdependência dos fenômenos educacionais (Telles, 2002).

A pesquisa narrativa é definida como uma maneira de se compreender a experiência por meio das vozes dos participantes, coletadas pelos instrumentos de dados e pela colaboração entre pesquisador e pesquisado. Esse tipo de pesquisa contribui para a produção de significados mais profundos e integrados, legitimando os saberes dos participantes e suas vozes singulares (Clandinin; Connely, 2015; Paiva, 2008; Telles, 2002). Essa metodologia tem sido utilizada em estudos para a compreensão acerca das inter-relações presentes no ensino-aprendizagem de línguas, na área da Linguística Aplicada e tem se mostrado oportuna para o desenvolvimento de práticas reflexivas

nesse cenário, a partir da observação dos participantes sobre si mesmos e suas relações com o todo, promovendo reflexão, conscientização e transformação por meio da imersão colaborativa entre pesquisador e participantes (Aragão, 2007; Guedes, 2024; Moura, 2025).

O contexto do estudo é a UESC e toma-se como campo mais especifico a disciplina “Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras” do curso de Letras da instituição. A amostra desta pesquisa será intencional, conforme os parâmetros da pesquisa qualitativa, sendo composta pelos seguintes participantes: 20 discentes da disciplina supracitada; 2 docentes formadores da graduação; 1 coordenadora do curso de Letras (UESC).

A coleta de dados será realizada por meio dos seguintes instrumentos: (I) Questionários aplicados no início da pesquisa, sendo 3 questionários diferentes, direcionados para: (a) discentes; (b) docentes formadores; (c) coordenadora do curso; (II) Rodas de conversação: (a) presenciais: divididas em quatro encontros, ao longo da disciplina já mencionada, ministrada pelo professor Dr. Rodrigo Aragão; (III) Narrativas visuais, desenvolvidas pelos participantes, com o objetivo de expressar suas percepções sobre o currículo, suas práticas pedagógicas e os desafios enfrentados no contexto digital contemporâneo; (IV) Entrevistas semiestruturadas, seguindo roteiro, no intuito de explorar mais profundamente as respostas dos participantes nos questionários e compreender as percepções representadas nas narrativas visuais; As entrevistas poderão ser gravadas em áudio ou respondidas por escrito, conforme a preferência dos participantes entrevistados. A interação virtual nas rodas de conversação no grupo de *WhatsApp* poderá ser registrada via captura de tela, se houver necessidade. (V) Observação participante da pesquisadora durante as interações, registrada por notas de campo.

A análise dos dados será realizada com base na análise de conteúdo de Bardin (2011). A análise será dividida nas seguintes etapas: (I) Pré-análise: leitura flutuante e organização dos dados; (II) Exploração do material: codificação e categorização

temática; (III) Tratamento e interpretação dos resultados: articulação com o referencial teórico da pesquisa. Caso necessário, será utilizado software de apoio à análise qualitativa para facilitar a organização e sistematização das categorias emergentes.

Por fim, será realizada a redação dos resultados e discussão com a descrição de cada categoria com exemplos de dados. Será feita a intertextualidade entre os achados da pesquisa com a literatura e os objetivos da pesquisa, de modo a apontar as implicações do estudo para o currículo, a formação docente e as políticas educacionais com a sugestão de caminhos para uma formação crítica, ética e inovadora dos professores de línguas diante do ecossistema digital contemporâneo.

RESULTADOS ESPERADOS

(I) Atualização crítico-colaborativa do currículo do curso de Letras (UESC) para uma formação de professores que contemple as demandas do ensino de línguas diante do ecossistema digital contemporâneo;

(II) Texto escrito da tese, a ser divulgado em: a) Participação em jornadas pedagógicas e eventos em Instituições de Ensino; b) Participação em eventos acadêmico-científicos; c) Publicação de artigos em revistas qualificadas;

(III) Fortalecimento do campo de pesquisa em formação docente na linha de pesquisa em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Letras (UESC);

(IV) Fortalecimento da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - através do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) e do Grupo de Pesquisa Formação, Linguagens e Tecnologias (FORTE) - como instituição que fomenta ensino, pesquisa e extensão de qualidade.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. C. **São as histórias que nos dizem mais:** emoção, reflexão e ação na sala de aula. 2007. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ARAGÃO, R. C. Pandemia, ambientes digitais e emoções na formação inicial de professores. **Linguagem & Ensino**, v. 25, p. 156-178, 2022.

ARAGÃO, Rodrigo Camargo (org.). **Emoções e narrativas visuais**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025. E-book. ISBN: 978-85-217-0606-9. Disponível em: https://doi.org/10.29327/5485274. Acesso em: 1 Maio 2025

BARCELOS, A. M. F. *et* al. Contemporary perspectives on research about emotions in language teaching. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 22, p. 1-16, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360330726_Contemporary_perspectives_on_research_about_emotions_in_language_teaching Acesso em: 1 Maio 2025.

CLANDININ, J & CONNELLY, M. **Pesquisa Narrativa:** experiências e história na pesquisa qualitative. 2ªed. Trad. MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research. Uberlândia: EDUFU, 2015.

GUEDES, Marise Rodrigues. **Impactos da pandemia no ensino-aprendizagem de linguagens:** tecnologias digitais e emoções de professores do IF Baiano. 2024. Tese (Doutorado em Letras: Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2024.

QUADRADO, C. G. F.; VETROMILLE-CASTRO, R. Formação inicial de professores de língua(gem): análise de projetos pedagógicos e articulação com as dificuldades emergentes da pandemia de Covid-19**. Antares: Letras e Humanidades**, v. 14, p. 104-136, 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOURA, Edielle Santos. **Formação de professores de língua inglesa no contexto da desinformação**. 2025. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Ilhéus, 2025.

MOURA, E; ARAGÃO, R. C. Implicações da alfabetização midiática e informacional no contexto da desinformação. **Brazilian Journal of Development**, v. 11, n. 1, p. e76443-e76443, 2025.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma Linguística crítica***:* Linguagem, identidade e a questão ética**.** São Paulo: Parábola, 2003.

RUOHOTIE-LYHTY, M.; ARAGÃO, R. C.; PITKÄNEN-HUHTA, A. Language teacher identities as socio-politically situated construction: Finnish and Brazilian student teachers' visualisations of their professional futures. **Teaching and Teacher Education**, v. 100, p. 103270, 2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e**.** Pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261–269, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/4wvKwFZcJLnRwvMvrxMBJxG. Acesso em: 1 Maio 2025.

PENNYCOOK, Alastair**. Critical applied linguistics:** a critical introduction. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

PENNYCOOK, G; RAND, D. *Fighting misinformation on social media using crowdsourced judgments of news source quality***. Proceedings of the National Academy of Sciences**, [S.l.], v. 116, n. 7, p. 2521–2526, 2019. DOI: 10.1073/pnas.1806781116.

TELLES, João A. "É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!" Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, v. 5, n. 2, 2002. p. 91-116.

A ESCRITA NA FORMAÇÃO DOCENTE: REPRESENTAÇÕES E DIDATIZAÇÕES NO PROCESSO FORMATIVO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Valter Manoel da Silva Junior[1]
Rogério Soares de Oliveira (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

Escrever é, simultaneamente, um ato solitário e solidário, tecido por outras escritas, leituras e reflexões que nos levam ao texto. Este projeto de tese nasce da interlocução com autores como Bronckart (1999, 2006), Figueiredo (2021), Geraldi (1984), Kalantzis e Cope (2020), Kleiman (2006), Koch (2004, 2010), Marcuschi (2005, 2008), Rojo (2023), Imbernón (2010) e Tardif (2014)cujas contribuições revelam que o fazer acadêmico é fruto de um diálogo constante entre teoria, prática e experiência compartilhada. Assim, a escrita acadêmica, embora realizada individualmente, é sustentada por uma rede de vozes que nos antecedem e nos atravessam. Refletir sobre o ensino da escrita exige, antes de tudo, um exercício atento de escuta. Escutar o que é dito e o que se silencia nas práticas escolares; escutar os sujeitos que ensinam e aprendem; escutar as histórias que persistem e os sentidos que resistem. A escrita não é um dom inato nem uma técnica neutra: ela emerge das relações sociais e das condições históricas nas quais os sujeitos estão inseridos. Pensá-la como objeto de ensino é revisitar criticamente a história escolar que, muitas vezes, reduz o texto à correção gramatical, esvaziando-o de sentido, autoria e diálogo.

Mais do que diagnosticar lacunas, este projeto de tese tem como horizonte a construção de caminhos formativos mais coerentes com os desafios contemporâneos do ensino da escrita. Caminhos que valorizem o diálogo, a escuta e a autoria dos professores em formação, e que reconheçam a produção textual como prática viva de linguagem e cidadania. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que nasce da sala de aula e

[1] vmsilva.ppgl@uesc.br
[2] rosoliveira@uesc.br

para ela retorna, em busca de possibilidades que renovem o modo como escrevemos e ensinamos a escrever na escola.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar como as representações e práticas de didatização da escrita, no âmbito da formação inicial de professores de Língua Portuguesa, contribuem para a reprodução ou a problematização das práticas escolares tradicionais.

Objetivos específicos

- Analisar como a formação inicial de professores de Língua Portuguesa contempla a escrita como prática social, simbólica e comunicativa, considerando seus aspectos funcionais e representacionais no processo de ensino.
- Sistematizar de que maneira a escrita é concebida e trabalhada como objeto de estudo nos currículos e nas práticas pedagógicas da formação inicial docente, considerando sua intencionalidade didática.
- Desenvolver oficinas formativas voltadas para a didatização da escrita.

JUSTIFICATIVAS

A pesquisa em andamento nasce do cruzamento entre minha trajetória docente e inquietações acumuladas ao longo do tempo. Ao atuar com o ensino de produção textual em diferentes níveis e instituições, tornei-me observador atento das dificuldades enfrentadas tanto por estudantes quanto por professores diante da complexa tarefa de ensinar e aprender a escrever. Essas dificuldades não se limitam ao domínio técnico da escrita, mas revelam questões mais profundas: o modo como a escrita é concebida na

formação inicial, os sentidos que lhe são atribuídos nas práticas escolares, e as relações de poder que atravessam sua didatização.

Esta investigação justifica-se pela necessidade de aprofundar o debate em torno do papel da escrita na formação de sujeitos críticos, capazes de atuar de forma reflexiva nas diversas esferas da vida social. Interessa compreender não apenas os modos como a escrita é ensinada, mas, sobretudo, os sentidos que lhe são atribuídos no cotidiano escolar, suas articulações com os contextos sociais mais amplos e suas implicações para o direito à aprendizagem significativa. A pesquisa em questão se torna conveniente devido ao contexto atual das políticas educacionais brasileiras, marcadas por reformas curriculares, avaliações externas de larga escala e a crescente incorporação das tecnologias digitais à prática pedagógica. A investigação se apresenta, portanto, como uma oportunidade de analisar criticamente as implicações desses processos para o ensino da escrita, especialmente no que tange à formação inicial de professores, à elaboração de materiais didáticos e à construção de propostas pedagógicas que promovam a equidade e a aprendizagem significativa.

Acerca da relevância social, o presente estudo visa ofertar subsídios que perpassem pela teoria e prática, e que contribuam para a qualificação das práticas pedagógicas no que diz respeito ao ensino de escrita, beneficiando de forma direta professores em formação (licenciandos em Letras), e, sobretudo os estudantes da educação básica. No que se refere às implicações práticas e éticas, a pesquisa deverá ser registrada no Comitê de Ética e Pesquisa, pois serão realizadas atividades práticas com professores em formação inicial. A pesquisa se compromete, portanto, com uma perspectiva ética que reconhece os sujeitos como produtores de sentidos e a escola como espaço de disputa simbólica, em que a escrita deve ser entendida como instrumento de emancipação.

Por fim, esta pesquisa também se justifica por motivações pessoais, pois ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional, sempre me senti interpelado por perguntas sobre o lugar da escrita na escola e sobre o papel do professor como mediador

de sentidos. A convivência com licenciandos, muitas vezes inseguros quanto ao próprio domínio da escrita e à sua capacidade de ensiná-la, tem me impulsionado a pensar alternativas formativas que sejam, ao mesmo tempo, rigorosas teoricamente e sensíveis às realidades das escolas públicas.

APARATO TEÓRICO

A escrita, enquanto objeto de ensino, ultrapassa a concepção instrumental que a reduz à mera transcrição da norma padrão. Conforme Koch (2010, p. 31), "a produção escrita está inserida em uma rede de interações discursivas, sendo marcada por propósitos, interlocutores e contextos específicos". Desse modo, o ensino da escrita deve ser compreendido como uma prática de linguagem situada social e historicamente, o que implica uma abordagem crítica e dialógica no espaço escolar.

Essa perspectiva é fortalecida pela noção de letramento, concebido por Soares (2016) como "um conjunto de práticas sociais que envolvem o uso da leitura e da escrita em diferentes esferas da vida". Segundo Kleiman (2006), "o letramento não é apenas uma habilidade individual, mas um fenômeno cultural e político, que revela relações de poder e desigualdade no acesso às práticas letradas". Assim, ensinar a escrever não se limita ao domínio de estruturas linguísticas, mas envolve formar sujeitos capazes de atuar criticamente nos diversos gêneros e contextos discursivos. Marcuschi (2008, p. 47) contribui para essa discussão ao enfatizar a centralidade dos gêneros textuais no ensino da produção escrita, destacando que "a textualidade não é uma propriedade do texto em si, mas do uso que se faz dele". Em consonância, Kalantzis e Cope (2020) defendem uma pedagogia dos multiletramentos, que reconheça as múltiplas linguagens, mídias e formas de significação presentes na cultura contemporânea.

No contexto da formação docente, Bronckart (1999, p. 85) destaca a importância de "preparar professores para compreenderem a linguagem como atividade social, articulando teoria e prática". Figueiredo (2021) reforça a necessidade de refletir sobre os

modos como a escrita é didatizada nos cursos de formação, muitas vezes de forma desarticulada das práticas reais de uso da linguagem.

Nesse sentido, Rojo (2023, p. 39) propõe uma ampliação e democratização das práticas de letramento na escola, incorporando múltiplos discursos e formas de expressão que valorizem a diversidade sociocultural dos estudantes. Para ela, "o ensino da escrita deve fomentar a autoria, a criticidade e o engajamento dos sujeitos nos processos comunicativos".

Na formação inicial, é fundamental que os futuros professores desenvolvam uma consciência crítica sobre o papel da linguagem na construção do conhecimento e da cidadania. Tardif (2014, p. 63) salienta que o saber docente é constituído por múltiplas fontes acadêmicas, experienciais e institucionais, e que a prática pedagógica reflete essa complexidade. Bettega (2021) e Lopes (2006, 2013) enfatizam a importância de uma formação que promova o diálogo entre teoria e prática, considerando os desafios reais da sala de aula. Imbernón (2010) complementa que formar-se é um processo contínuo, que requer reflexão constante sobre a própria prática e abertura ao novo.

Por fim, como destaca Buzato (2021), o ensino da escrita deve articular-se às práticas sociais e digitais, abrindo espaço para a criatividade, a autoria e o protagonismo dos sujeitos em formação. Isso significa que o ensino de escrita não deve se limitar ao treino de regras gramaticais ou formatos estruturais padronizados de texto. Faz-se necessário uma mudança de paradigma no ensino de escrita e que reconheça os estudantes como autores e protagonistas de suas produções.

METODOLOGIA

Acerca da abordagem metodológica deste estudo, optamos pela do tipo qualitativa, o que nos permite assim, explorar as subjetividades encontradas nos discursos dos sujeitos que farão parte da pesquisa. Nesse sentido, os sujeitos a que nos referimos são discentes (professores em formação) do curso EAD de Letras Vernáculas desta universidade. Optou-se pela escolha de licenciandos em Letras para serem sujeitos

desta pesquisa devido a minha proximidade com a realidade acadêmica desses indivíduos, pois trabalho diretamente com eles atuando como tutor do curso e dando suporte para a concretização das suas atividades.

Acreditamos que o uso da abordagem qualitativa de pesquisa, ancorada aos seus diversos procedimentos, dispositivos e técnicas para coleta e análise das informações, é a que menos distorce a experiência dos envolvidos na pesquisa, conforme reflete Gil (2021)

> As pesquisas qualitativas vêm sendo realizadas com frequência cada vez maior. O que se justifica, porque pesquisas desta natureza fornecem dados obtidos em condições naturalísticas, possibilitam a compreensão dos fenômenos sob a perspectiva dos próprios participantes e produzem resultados que não poderiam ser alcançados mediante procedimentos quantitativos.

Salientamos que se optou em desenvolver a pesquisa na abordagem qualitativa por esta se apresentar em um caráter exploratório, por incentivar o sujeito participante a refletir e se expressar de forma livre acerca do assunto que será abordado. Ratificamos ainda que a pesquisa de cunho qualitativa nos faz refletir sobre a importância de atribuir sentido ao longo de sua construção, proporcionando maior familiaridade com o problema, com vista a torna-lo mais explícito.

Para entendermos mais ativamente as possibilidades e possíveis problemas que serão encontrados no decorrer da pesquisa, decidimos usar um método de pesquisa que tenha uma relação ativa com a concepção do estudo a ser realizado. Por essa razão, optamos em fundamentar o nosso estudo na estratégia da Pesquisa-Ação. A escolha justifica-se ainda pela proposta de intervenção, no qual os pesquisadores visualizam como modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos sujeitos da situação a ser observada.

Como referencial teórico para as discussões acerca da Pesquisa-Ação tomaremos até então como referência as concepções de Thiollent (2011, p.22), que discute tal perspectiva de pesquisa como:

> uma estratégia metodológica da pesquisa social, que apresenta os seguintes aspectos: a existência de uma interação explícita entre pesquisador e os participantes da pesquisa na situação investigada; dessa interação, a formação da ordem de prioridade dos problemas e das soluções que deverão ser tomadas a partir de uma ação concreta; o objeto de investigação, o qual é constituído pelos problemas de uma determinada situação social; o estabelecimento do propostas para discutir e resolver esses problemas; o acompanhamento, em todo processo, das ações e das decisões dos atores da situação; e a finalidade de aumentar o conhecimento tanto do pesquisador quanto dos participantes da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa serão discentes do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas na modalidade EAD da Universidade Estadual de Santa Cruz, selecionados a partir dos seguintes critérios: estarem regularmente matriculados ou que já tenham cursado disciplinas voltadas ao ensino da produção textual, e demonstrarem interesse em participar voluntariamente da pesquisa. A amostra será composta por aproximadamente 20 licenciandos, selecionados por meio de convite aberto enviado pelas plataformas institucionais (Moodle, E-mail) e com base em critérios de disponibilidade e diversidade de trajetórias acadêmicas A escolha se justifica como sendo intencional, pois se adequa à abordagem qualitativa, além de ser compatível com os objetivos da pesquisa.

A obtenção dos dados se dará por meio de três instrumentos principais, articulados aos objetivos específicos da pesquisa: (1) um questionário diagnóstico, com perguntas abertas e fechadas, que buscará levantar representações iniciais dos participantes sobre a escrita e seu ensino; (2) a análise documental do Projeto Pedagógico do Curso e dos planos de ensino das disciplinas de ensino de produção de texto, com vistas a compreender como a escrita é concebida curricularmente; e (3) a realização de oficinas pedagógicas como intervenção formativa, planejadas de forma síncrona e assíncrona, com carga horária de 2 horas cada, totalizando quatro encontros, distribuídos ao longo de um mês. As oficinas serão registradas em diário de campo reflexivo, instrumento que auxiliará na interpretação das interações formativas e na escuta dos sujeitos.

A definição dos instrumentos de produção de dados nesta pesquisa será orientada pela necessidade de estabelecer uma coerência metodológica entre os procedimentos de investigação e os objetivos específicos propostos. Assim, o questionário foi planejado para responder ao primeiro objetivo específico**,** na medida em que permitirá mapear as concepções e experiências formativas de professores em formação inicial sobre a escrita como prática social, simbólica e comunicativa, bem como identificar representações sobre o ensino desse objeto de conhecimento. Para o segundo objetivo específico, que busca sistematizar como a escrita é concebida e trabalhada nos currículos e nas práticas pedagógicas da formação docente, será realizada uma análise documental, envolvendo o exame de Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs), planos de ensino e demais documentos institucionais que normatizam a formação inicial de professores de Língua Portuguesa. Por fim, a realização de oficinas formativas e rodas de conversa visam atender ao terceiro objetivo específico, voltado ao desenvolvimento e análise de propostas de didatização da escrita, promovendo espaços de experimentação pedagógica, reflexão crítica e ressignificação das práticas de ensino da escrita, em diálogo com os participantes da pesquisa.

DISCUSSÃO

Espera-se que a presente investigação contribua de forma significativa para a ampliação do debate sobre a constituição da escrita enquanto objeto de ensino e aprendizagem no interior dos processos de formação inicial de professores de Língua Portuguesa, a partir de uma perspectiva crítica ancorada nas práticas de letramento. A abordagem adotada visa não apenas descrever concepções e práticas pedagógicas em torno da produção textual, mas também analisá-las à luz de fundamentos teóricos que concebem a linguagem como prática social.

A partir da articulação entre teoria e prática, pretende-se ainda propor um conjunto de orientações pedagógicas e metodológicas voltadas à formação docente, com base em sequências didáticas fundamentadas nos estudos dos multiletramentos, do

Interacionismo Sociodiscursivo e da pedagogia crítica da linguagem. No plano acadêmico, os resultados da pesquisa serão socializados por meio da produção de artigos científicos e apresentações em congressos e seminários da área da Educação e Linguística Aplicada.

Em relação às oficinas de formação pedagógica para o ensino de escrita na escola espera-se o fortalecimento do olhar crítico dos licenciandos sobre o lugar da escrita na escola e sobre seu próprio papel como futuros professores da área de linguagens. A oficina, enquanto espaço de partilha, escuta e criação, permitirá aos participantes refletirem sobre suas experiências prévias com o ensino da produção textual muitas vezes marcadas por inseguranças, modelos prontos e repetições descontextualizadas, ao mesmo tempo em que serão convidados a reconstruir sentidos sobre o que significa ensinar a escrever em um contexto plural, desigual e em constante transformação.

Espera-se, ainda, que os licenciandos reconheçam que o ensino da escrita não se limita a transmitir regras, mas envolve a formação de sujeitos críticos, capazes de dizer de si e de agir sobre o mundo a partir das propostas experimentadas nas oficinas como a elaboração de sequências didáticas baseadas em gêneros reais e práticas de letramento do cotidiano.

Outro resultado importante que esperamos é o deslocamento de concepções tradicionalmente naturalizadas sobre o ensino da produção textual, por meio do contato com referenciais teóricos e experiências colaborativas que rompam com o isolamento entre teoria e prática. Ao vivenciarem momentos de planejamento, aplicação e análise de propostas didáticas em grupo, os licenciandos poderão compreender o processo de ensino da escrita como construção coletiva, situada e reflexiva.

Por fim, espera-se que as oficinas pedagógicas deixem marcas duradouras nos sujeitos envolvidos, não apenas no plano técnico-metodológico, mas no plano ético e afetivo: que sejam experiências formativas que os inspirem a pensar a escola como um lugar possível de transformação e a escrita, como uma ferramenta de poder.

REFERÊNCIAS

BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasilia: Liber Livro Editora, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análisis de contenido.** Tradução César Suarez. 3 ed. Madrid: Akal, 2002.

BETTEGA, Patrícia. **A formação docente e a prática educativa: uma abordagem crítica.** Curitiba: Appris, 2021.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.** 3. ed. São Paulo: EDUC, 1999.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramento digital crítico: uma introdução.** Campinas: Mercado de Letras, 2021.

FIGUEIREDO, Francisco Eduardo Alves. **Produção textual e práticas de letramento: reflexões sobre a formação de professores.** Campinas: Pontes Editores, 2021.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa.** Rio de Janeiro: Atlas, 2021.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2010.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. **Multiliteracies: pedagogy for the digital age.** London: Routledge, 2020.

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). *Letramento e exclusão social*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 71–94.

KOCH, Ingedore Villaça. **A intertextualidade na construção do sentido**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LOPES, Alice Casimiro. **Currículo e avaliação: compromissos democráticos e alternativas pedagógicas.** São Paulo: Cortez, 2006.

LOPES, Alice Casimiro. **Políticas curriculares e sentidos da escola.** São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19–36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

ROJO, Roxane. **Práticas de letramento no cotidiano escolar: conflitos e resistências.** São Paulo: Parábola, 2023.

SOARES, Magda. *Letramento:* **um tema em três gêneros.** 24. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos.** 14. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Palavras-chave: Escrita. Ensino de Língua Portuguesa. Formação Docente. Letramento

ESCRITAS DE RESISTÊNCIA: PAISAGENS LINGUÍSTICAS E SUAS MANIFESTAÇÕES NOS BAIRROS PERIFÉRICOS DE ILHÉUS

Hilton Oliveira Nogueira da Silva[1]
Gabriel Nascimento dos Santos (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

A paisagem linguística, também conhecida pela sigla "PL", é um termo desenvolvido por Landry e Bourhis (1997) para designar esse recorte analítico, que privilegia o estudo das manifestações linguísticas visíveis em espaços públicos, com o objetivo de analisar as percepções culturais e sociais que emergem da presença destas em determinados contextos. A língua, nesse campo de estudo, é considerada o principal objeto de investigação, e se manifesta por meio de sinais públicos e privados, como banners, outdoors, placas e inscrições em muros, que revelam o status e o poder simbólico das línguas utilizadas em um dado território.

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo analisar a ocorrência das Paisagens Linguísticas nos bairros periféricos da cidade de Ilhéus, Bahia, a fim de compreender essas manifestações em cada localidade como atos de resistência diante da inércia do poder público. A escolha por investigar as Paisagens Linguísticas partiu da observação dos bairros de Ilhéus, Bahia, e surgiu como uma inquietação ao perceber que havia escritas e desenhos em muros públicos da cidade que recebiam atenção e visibilidade, enquanto, nos bairros periféricos, as marcas da perda e da dor pela morte de jovens negros, registradas nas paredes das casas, não ganhavam o mesmo reconhecimento. A partir disso, cresceu o desejo de entender o que torna uma escrita visível e outra invisível aos olhos da sociedade – e porque se dá tão pouca importância à

[1] hiltonoliveira1906@gmail.com Bolsista [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB].
[2] gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br

morte desses jovens negros em comunidades periféricas.

Adotaremos uma abordagem descritiva e exploratória, que, ao descrever variáveis e elementos que compõem o espaço linguístico, permite uma análise detalhada das diversidades linguísticas presentes no ambiente. O processo de pesquisa será desenvolvido por meio do mapeamento e do registro fotográfico realizados nos bairros Teotônio Vilela, Tapera e Barra do Itaípe.

Pretende-se evidenciar que as paisagens linguísticas, por meio das pichações em comunidades periféricas, constituem-se como símbolos de resistência e instrumentos de preservação da memória de jovens negros cujas vidas são interrompidas pelo sistema de racismo estrutural. As palavras pichadas carregam os sentidos profundos de como é viver nas favelas: representam a dor, a resistência e a memória em meio a uma realidade marcada pela exclusão e pela violência cotidiana.

OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo da pesquisa é analisar a ocorrência das Paisagens Linguísticas nos bairros periféricos da cidade de Ilhéus, Bahia, a fim de compreender essas manifestações em cada localidade como atos de resistência diante da inércia do poder público.

Objetivos específicos

- Contribuir para a formação de uma metodologia de coleta e análise de dados em paisagens linguísticas;
- Entender a dinâmica de ocupação dos espaços sociais diante das paisagens linguísticas;

JUSTIFICATIVAS

A escolha por investigar as Paisagens Linguísticas partiu da observação dos bairros de Ilhéus, Bahia, e surgiu como uma inquietação ao perceber que havia escritas e desenhos em muros públicos da cidade que recebiam atenção e visibilidade, enquanto, nos bairros periféricos, as marcas da perda e da dor pela morte de jovens negros, registradas nas paredes das casas, não ganhavam o mesmo reconhecimento. A partir disso, cresceu o desejo de entender o que torna uma escrita visível e outra invisível aos olhos da sociedade – e porque se dá tão pouca importância à morte desses jovens negros em comunidades periféricas.

Por conhecer a cidade desde a infância, decidi que Ilhéus seria o território da minha pesquisa. Essa escolha também carrega um sentido pessoal e político: muitos dos moradores dos bairros mais populosos e considerados perigosos da cidade são pessoas pretas. Eu mesmo sou um homem preto, vindo de uma localidade estigmatizada, com parentes que viveram – e ainda vivem – a dor do luto pela morte de jovens negros. Por isso, considero necessário devolver à sociedade as respostas dessas perguntas: por que essas escritas não comovem o restante da população que não pertence àquele meio social? O que leva essas pessoas a escreverem seus sentimentos nas paredes? Assim, esta pesquisa se justifica pela urgência em compreender como as paisagens linguísticas se manifestam nos bairros periféricos de Ilhéus como um ato de resistência.

Cenoz e Gorter (2008) descrevem que a paisagem linguística pode estar presente em outdoors ou em textos escritos em espaços públicos, caracterizando-se a partir de suas funções informativas, que demarcam um grupo linguístico ou revelam o valor atribuído a uma determinada língua dentro da comunidade. A partir dessa compreensão, surgiu a motivação para aprofundar o estudo das paisagens linguísticas em comunidades periféricas do município de Ilhéus.

Dessa maneira, buscamos contribuir para as análises desse campo acadêmico, compreendendo como a paisagem linguística se evidencia por meio de manifestações

em espaços subalternizados – seja através de pichações, poemas ou músicas –, utilizadas nesses contextos como formas de resistência para expressar dores, anseios e identidades. Um exemplo significativo é o do cantor Cijay, que, por meio de suas músicas, traz à tona a realidade de suas vivências como homem periférico, usando a arte como denúncia contra o sistema opressor. Em sua canção "Semente do Gueto", ele canta:

> Quem foi que inventou esse poder do Estado? E deu poder de decisão / Pro capitão do mato fardado grampear nossos moleques e jogar em um camburão? Por causa de tão pouco tem sua vida na mão. / Somos notícia, morrendo na mão da polícia ou da milícia organizada que oprime a quebrada, da carne da favela a sociedade se alimenta. / a integra é grátis liga pro 190, da nossa cor marcante o necrotério tá lotado, somos predominantes entre os assassinados, nos becos e vielas é só corpo no chão então violentamente querem pacificação. / eu não me omito, mas tenho dito sobre o preconceito, eu vi que a condição marginaliza o sujeito. (CIJAY, 2020).

Isso se deve ao fato de que o poder do Estado frequentemente não aceita que tais expressões sejam expostas nesses ambientes, resultando em formas de opressão diante de contextos em que as minorias, em sua grande maioria, utilizam esse tipo de manifestação para serem ouvidas. Ademais, esse público se expressa de diversas formas, sendo muitas vezes incompreendido por parcelas da população que detêm privilégios sociais.

Dessa forma, almejamos oferecer contribuições significativas para a sociedade, incentivando futuros estudos sobre o tema abordado, bem como ampliando a compreensão social acerca das manifestações em espaços não autorizados. Esperamos que tais práticas passem a ser vistas sob uma nova perspectiva – como atos legítimos de resistência.

APARATO TEÓRICO

Ilhéus está localizada no sul da Bahia e, durante o século XX, foi considerada uma das cidades mais ricas do país, devido à produção e exportação do cacau, sendo conhecida na época como o "fruto do ouro". Nesse período, os chamados coronéis do cacau acumularam grandes fortunas e construíram palacetes imponentes (MENEZES, 2003).

Naquele período, a cidade chegou a ser considerada uma das mais produtivas do Brasil, haja vista os lucros expressivos. Todavia, a riqueza era dos coronéis e donos de fazendas –majoritariamente brancos –, diferente da população negra que representava os escravizados responsáveis por exercer funções braçais nas plantações de cacau (DE ANDRADE, 2022). Os resquícios do período mencionado estão presentes na "princesinha do sul", dado que o poder aquisitivo continua nas mãos dos indivíduos de pele branca, enquanto a maioria da população é pobre e luta para encontrar um espaço na sociedade.

Assim como no restante do Brasil, a questão racial em Ilhéus carrega marcas profundas originadas no período da escravidão. A luta contra o racismo estrutural afeta diretamente a população negra, concentrada majoritariamente nas comunidades subalternizadas da cidade (SILVA, 2022). Os bairros Teotônio Vilela, Iguape e Barra do Itaípe podem ser citados como exemplo, visto que grande parte dos moradores são pessoas negras que enfrentam, diariamente, dificuldades no acesso a serviços públicos de qualidade e a oportunidades econômicas.

A marginalização desses territórios é evidente, uma vez que se trata de espaços onde indivíduos predominantemente negros convivem com as manifestações do racismo estrutural nas práticas sociais, políticas e econômicas que sustentam o sistema de poder vigente (DE OLIVEIRA, 2021). A ausência de serviços essenciais – como saúde, educação e segurança pública – somada às condições precárias de infraestrutura urbana, reflete a realidade dessas comunidades. A marginalização das periferias de Ilhéus, portanto, pode ser compreendida como parte de um sistema de exclusão, em que a

população negra, além de ser privada do direito de prosperar, é sistematicamente rotulada como criminosa, pobre e incapaz (NASCIMENTO, 2016).

Ou seja, por meio dos mecanismos de exclusão advindos do racismo estrutural, esses bairros sofrem com a ausência de acesso a uma vida digna e de qualidade. Nesse sentido, o direito ao crescimento social, especialmente para as comunidades mais pobres, torna-se não apenas um desejo, mas uma necessidade urgente diante das inúmeras dificuldades enfrentadas. Todavia, a criminalidade também passa a ser percebida como uma alternativa de sobrevivência frente às adversidades do meio social. Como aponta Carneiro (2011), grande parte da juventude negra não tem acesso ao trabalho formal, recorrendo às atividades ilícitas como forma de suprir necessidades básicas em uma sociedade que os marginaliza. Além disso, esses corpos são criminalizados e rotulados como "perigosos" ou "suspeitos", sobretudo nos contextos de favelas e periferias.

Para além da exclusão social e econômica, a violência policial exerce um papel central no processo de criminalização da população negra, uma vez que as atuações nas favelas costumam ser marcadas por abusos, prisões arbitrárias e mortes. A soma entre a violência estatal e a ausência de uma rede eficaz de proteção social torna os jovens ainda mais vulneráveis ao mundo do crime. Muitos dos envolvidos acreditam que essa realidade representa não apenas uma forma de sobrevivência, mas também uma maneira de resistência à opressão racial e social.

Sendo assim, a violência policial nas comunidades subalternizadas contribui diretamente para o extermínio de jovens negros, reforçando a ideia de que há uma decisão implícita sobre quem pode viver com dignidade e quem é relegado à condição de "não vivo". O Estado – ou os grandes sistemas de poder – estabelece quais corpos podem ser mantidos mortos física ou socialmente, sem que haja qualquer comoção ou apelo por essas vidas. Para sustentar esse regime, perpetuam-se condições precárias de existência que garantem a morte social até que ela se concretize biologicamente. Essa

lógica é conceituada por Achille Mbembe (2019) como necropolítica.

Assim ocorre nos bairros mais vulneráveis de Ilhéus, como Teotônio Vilela, Iguape e Barra do Itaípe. A violência policial nesses territórios pode ser compreendida como uma prática necropolítica. Esses bairros são habitados majoritariamente por pessoas negras e pobres, marcadas pela marginalização social, econômica e política – elementos centrais para a compreensão do conceito de necropolítica.

Diante de tamanha brutalidade, as comunidades recorrem às paredes, muros e demais espaços urbanos para relatar o cotidiano de sofrimento e resistência. Nesse contexto, a linguagem assume um papel fundamental: denunciar e resistir aos ataques vindos das forças policiais e ao esquecimento sistemático promovido pelo poder do Estado. Aquilo que é frequentemente interpretado como vandalismo ou desordem passa, na verdade, a representar um gesto de resistência simbólica. São inscrições que revelam a realidade concreta das periferias, nas quais a morte se tornou parte da rotina cotidiana.

A paisagem linguística, também conhecida pela sigla "PL", é um termo desenvolvido por Landry e Bourhis (1997) para designar esse recorte analítico, que privilegia o estudo das manifestações linguísticas visíveis em espaços públicos, com o objetivo de analisar as percepções culturais e sociais que emergem da presença destas em determinados contextos. A língua, nesse campo de estudo, é considerada o principal objeto de investigação, e se manifesta por meio de sinais públicos e privados, como banners, outdoors, placas e inscrições em muros, que revelam o status e o poder simbólico das línguas utilizadas em um dado território.

A partir da observação desses sinais visíveis, é possível analisar qual língua predomina em uma localidade, identificando as dinâmicas de dominação linguística, bem como as variações linguísticas regionais e as línguas que gozam de maior prestígio social.

Portanto, a pesquisa sobre as Paisagens Linguísticas nos possibilitará a revelação de como as comunidades locais utilizam os espaços urbanos para expressar suas lutas e

desafios sociais. As inscrições linguísticas nos muros funcionam como ferramentas de resistência e reivindicação, dando visibilidade a questões enfrentadas pela população, como a violência e o abandono social.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, a ser realizada na cidade de Ilhéus (BA), está inserida no campo da Linguística Aplicada. Adotaremos, como base norteadora, uma abordagem descritiva e exploratória, que, ao descrever variáveis e elementos que compõem o espaço linguístico, permite uma análise detalhada das diversidades linguísticas presentes no ambiente. Tal abordagem possibilita o entendimento das dinâmicas de uso e das relações entre diferentes línguas e variedades linguísticas, favorecendo a elaboração de análises pertinentes ao objeto de estudo. Dessa forma, é possível construir relações significativas entre as variáveis identificadas (LAKATOS; MARCONI, 2001). Esse caminho teórico-metodológico é fundamental para a estruturação da pesquisa, pois permite o mapeamento da diversidade linguística, a identificação de fenômenos linguísticos locais e a compreensão das relações de poder e identidade que atravessam o uso da linguagem nos espaços urbanos.

As etapas do processo de pesquisa serão desenvolvidas por meio do mapeamento e do registro fotográfico realizados nos bairros Teotônio Vilela, Tapera e Barra do Itaípe, durante o período de dois meses. Essa abordagem permitirá a observação dos aspectos etnográficos, das variações de idiomas e dialetos e das possíveis conexões entre os espaços urbanos e as comunidades que os ocupam (BLOMMAERT; MALY, 2014). A partir da análise qualitativa das paisagens linguísticas encontradas nos bairros periféricos, pretendemos compreender os aspectos sociais de cada espaço, refletinto sobre as dinâmicas de superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; MALY, 2014).

A observação será orientada por dados concretos – como sinais, placas, anúncios

e outros elementos da paisagem linguística –, permitindo a construção de teorias sobre o uso das línguas nos bairros analisados e sobre sua relação com os contextos sociais em que estão inseridas. Para tanto, a principal ferramenta utilizada será a fotografia. Assim como a linguagem escrita, a fotografia também transmite uma mensagem – ainda que de forma não verbal –, pois carrega informações simbólicas. As fotos também carregam afetos e significados subjetivos, sendo capaz de transmitir emoções a partir da perspectiva de quem a produz (BARTHES, 2000).

DISCUSSÃO

Esta pesquisa pretende evidenciar que as paisagens linguísticas, por meio das pichações em comunidades periféricas, constituem-se como símbolos de resistência e instrumentos de preservação da memória de jovens negros cujas vidas são interrompidas pelo sistema de racismo estrutural. As palavras pichadas carregam os sentidos profundos de como é viver nas favelas: representam a dor, a resistência e a memória em meio a uma realidade marcada pela exclusão e pela violência cotidiana.

Ao inscreverem cada palavra nos muros, os moradores dessas comunidades reivindicam espaço, visibilidade e justiça. Transformam o que seria apenas concreto em superfícies de luta, identidade e pertencimento. Os muros tornam-se, assim, arquivos vivos da memória coletiva, onde se escreve o que o Estado se recusa a reconhecer: que toda vida importa – e que a escrita também é uma forma de continuar vivendo.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BLOMMAERT, Jan; MALY, Ico. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: a case study. **Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 100, p. 1–27, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Editora

Pólen; Instituto Geledés, 2011.

CENOZ, J.; GORTER, D. Linguistic Landscape as an additional source of input in second language acquisition. IRAL, **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, 46, p. 257-276, 2008.

CIJAY. **Semente do Gueto**. [S. l.]: Spotify, 2020. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/album/3127a70YZfUQKDD1LI3fXw. Acesso em: 9 jul. 2024.

DE ANDRADE, Marcelo Loyola**.** Africanos escravizados na expansão cacaueira de Ilhéus-Bahia, 1850-1888. **Sankofa** (São Paulo), v. 15, n. 26, p. 8–26, 2022.

DE OLIVEIRA, Dennis. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. São Paulo: Dandara Editora, 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: an empirical study. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 16, n. 1, p. 23–49, 1997.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

MENEZES, Juliana Santos. **O turismo cultural como fator de desenvolvimento na cidade de Ilhéus.** 2003. Disponível em: http://alpha.uesc.br/icer/home.htm. Acesso em: 11 maio 2025.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.

VERTOVEC, Steven. Superdiversidade e suas implicações. **Estudos étnicos e raciais**, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2007.

SILVA, W. H. Um abismo de “raça e classe”: **Capitalismo, racismo e desigualdades sociais**. PSTU, 2022. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/um-abismo-de-raca-e-classe-capitalismo-racismo-e-desigualdades-sociais/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

Palavras-chave: Paisagem linguística. Pichações. Resistência. Poder.

SIP

SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA

Nádia Taquary. Oriki 2402, 2024. Ipê, lagdibás, miçangas de vidro da República Tcheca, búzios africanos e cobre. 26 x 19 x 14 cm.

LINHA C

Linguagem, Estudos de Gênero e Estudos do Discurso

PRETUGUÊS: AS AFRICANIDADES NAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO SUDOESTE DA BAHIA

Sávio Oliveira[1]
Rogério Modesto (Orientador)[2]
Fernanda Cerqueira (Co-orientadora) [3]

APRESENTAÇÃO

Nesta pesquisa, intentamos analisar, hipoteticamente, a tese de que o Pretuguês, o modo negro de falar o português, possa estar imprimido nas práticas de linguagens de alunos do ensino médio residentes, em grande parte, nas zonas rurais do sudoeste da Bahia. Com isso, "o importante é analisar a resistência aos mecanismos de disciplina, os 'pontos de fuga' possíveis dos vários sistemas de dominação", sobretudo linguísticos (Schmidt, 1994, p. 92).

Práticas de linguagem são falares utilizados por comunidades para preservar linguisticamente sua identidade cultural. Para Schmidt, são usadas "[…] não apenas com base na vinculação que elas guardam com um sistema (linguístico-cultural) ou uma ordem, mas a partir das relações de poder que definem as redes onde estão inseridas e delimitam as circunstâncias das quais podem se beneficiar" (Schmidt, 1994, p. 91).

Perante o contexto distópico de constituição histórica da língua portuguesa falada no Brasil, localiza-se a celeuma do abstrato conceito de língua pátria, esta que em diferentes territórios se entrecruza com culturas indígenas e africanas em diversificadas medidas, mas ensinada no espaço formal de ensino sem levar em consideração as especificidades da língua(gem) dos alunos, estas, possivelmente e por motivações diversas, com possíveis manifestações patentes do pretuguês.

De antemão, cabe mensurar que a Instituição escolar integra o bojo de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) (Althusser, 1992), isto é, dispositivos por meio dos quais o Estado incorpora seus interesses, sejam eles constitucionais, ideológicos ou identitários. A noção de língua pátria é manifestada nos instrumentos linguísticos utilizados na instituição

[1] blackoutsavio@gmail.com Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).
[2] rlmsantos@uesc.br
[3] f.cerqueira@ufba.br

escolar, como a gramática e o livro didático, que importam uma perspectiva de língua e de pátria esperada para compor o ideal de falante, produzindo uma cidadania linguística incorporada na nacionalidade.

OBJETIVOS

Investigar indícios de pretuguês nas práticas linguísticas de alunos do ensino médio do Colégio Estadual de Tempo Integral de Dário Meira-BA.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os conceitos de pretuguês e suas manifestações nos planos da língua e da linguagem;

- Discutir a relação dos estudantes e de suas práticas de linguagens diante do ensino de língua materna;

- Descrever cenas de linguagem utilizadas por alunos do ensino médio da cidade de Dário Meira-BA nas aulas de língua portuguesa;

JUSTIFICATIVAS

Em virtude de a pesquisa almejar analisar as práticas linguísticas de estudantes do ensino médio da cidade de Dário Meira, Bahia, evidenciamos que este objetivo se justifica por três motivos: a) a Bahia foi o porto de chegada das primeiras caravelas portuguesas, local da luta pela independência do Brasil, palco dos levantes e, atualmente, devido a esses atravessamentos históricos, território com maior quantidade de negros fora de África. Assim sendo, as raízes africanas na cultura, na música, na religiosidade e, especialmente, na língua podem ser estudadas de maneira bastante cuidadosa e percebidas de formas diversas a partir de diferentes pontos de investigação.

Outro ponto é que, b) em face do racismo enquanto elemento de poder estruturante da sociedade brasileira, ainda vigem óbices em diversos espaços e instituições político-sociais, como o ambiente formal de ensino básico, a escola, os quais criam um *apartheid* racial embora comportando corpos negros e não-negros, conforme evidenciam os dados

contemporâneos do Índice de Desenvolvimento Humano.

Ademais, c) devido ao processo de formação da sociedade brasileira, cujas chances de promoção social ao negro foram cerceadas pessoal e institucionalmente (Almeida, 2019), houve um deslocamento negroide dos centros urbanos para as periferias, bem como da cidade para as zonas distanciadas entendidas como o campo. Assim sendo, muitas comunidades rurais - quer seja reconhecida como quilombolas, quer não - abrigaram em suma pessoas negras retintas devido à sua direta descendência africana. Isto se comprova na medida em que vemos que as pesquisas linguísticas sobre falares afro-brasileiros são feitas, sobretudo, em comunidades ruralizadas.

Com isso, temos o tripé formado por: localização geográfica, Bahia; espaços escolares em suma ocupados por negros – embora com déficit no número de aproveitamento dessa parcela racial; e público, nesse caso, majoritariamente de zona rural na turma em que propomos fazer a investigação. A escola em que pretendemos fazer a pesquisa se localiza na Bahia, necessariamente na cidade de Dário Meira, onde o pesquisador proponente atua como professor de Linguagens há 1 ano, em regime efetivo, pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

APARATO TEÓRICO

A educação é a válvula pela qual sonhos ganham horizonte e possibilidades de realização. É mediante a ela que o indivíduo percepciona seu desenvolvimento humano interno e, sobretudo, crítico, compreendendo o mundo à sua volta com óticas mais afuniladas que interferem em seu ser e estar na sociedade. Mediante a isso, incube-se de transformá-la para melhor a partir de ações pessoais e/ou coletivas. Mais que isso, a educação e os letramentos que lhe são inerentes fomentam ao sujeito rever o modo como vislumbra a si mesmo, seus traços, sua identidade, história, classe e cultura, eixos transversais da sua existência e (re)existência a partir da sua formação contínua dentro e fora dos espaços formais de ensino.

Todavia, nem sempre a educação foi um sinônimo democrático de transformação

social, necessário rememorar que o acesso à educação no Brasil, desde o pós-abolição, consistiu em ofertar informações de forma bancária de modo que viabilizasse àqueles que tinham o privilégio de tê-la uma ascensão social e incentivasse o desenvolvimento da pátria brasileira. Com isso, a parcela racialmente negra no Brasil teve seu acesso quando não totalmente negado, fomentado de forma precária, desconsiderando saberes, letramentos e linguagens constituintes de sua identidade; todavia, concomitantemente, os da minoria maiorizada eram legitimados no currículo escolar (Lima, 2015).

No ano de 2025, a Lei 10.639/2003 completa 22 anos de promulgação, cuja incorporação documental alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/1996), e, embora com apreço social e importância política explícita, perdura em défice na realidade institucional do Brasil. Esta Lei, que preza pelo Ensino da História e Cultura Afro-brasileira, especialmente definindo a data de 20 de dezembro como Dia da Consciência Negra, requer incorporação transdisciplinar no chão da escola, quer seja em datas comemorativas, quer seja, sobretudo, no cotidiano do ambiente de aprendizado.

Cabe destacar que a Lei 10639/03 é um importante resultado de pressões políticas de movimentos raciais organizados em prol da igualdade racial e do oferecimento institucional de políticas afirmativas. Diante disso, o Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio da resolução Nº 1, de 17 de junho de 2014, passou a "Instituir Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana". Assim sendo, essa resolução, em seu artigo 2, reza que:

> Art. 2° As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

Tanto a Lei 10.639 quanto a LDB e as diretrizes instituintes pressupõem uma série de ações por parte das unidades escolares, dos professores e dos currículos para alcançar a aplicação de suas metas. Nesse ínterim, reconhecendo o papel salutar da Área de Linguagens no currículo da Educação Básica e do impacto que as múltiplas linguagens imputam ao

público escolar dentro e fora das instituições de ensino – tanto utilizadas pelo alunado quanto ensinadas na escola –, incube-nos discutir a maneira como a língua portuguesa tem sido significada pela escola e pelos educandos e no que tange o fenômeno racial, conscientes de que tal significação está alijada diretamente às formas como veem si e aos outros, se reconhecem e projetam seu futuro.

Fanon (2008) argumenta que na língua está a promessa do reconhecimento, sem exercer o papel de falar, o plano existencial simbólico e social do sujeito é comprometido, "uma vez que falar é existir absolutamente *para-o-outro* [...] (p. 33). Afinal, "existe na posse da linguagem uma extraordinária potência [...] (p. 34). Ainda nas palavras do autor martinicano, "falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização" (p. 33).

METODOLOGIA

Em vista do exposto, as aulas de língua pretuguesa de uma turma composta por alunos majoritariamente residentes em zonas rurais, no Sudoeste Baiano, serão registradas de forma integral por áudio, por meio de um gravador; além disso, utilizaremos o recurso metodológico de Diário de Campo para elaborar anotações concernentes à natureza do projeto de pesquisa. Conforme a literatura metodológica pressupõe, o Diário de campo auxilia na pesquisa-ação, também chamada de pesquisa-intervenção, conforme ponderado.

As gravações de áudio serão feitas com um gravador digital de alta qualidade, devidamente posicionado em um local fixo e visível da sala, garantindo que apenas as interações verbais ocorridas no ambiente da sala de aula sejam registradas, e apenas dos estudantes que autorizarem sua participação na pesquisa. O dispositivo será acionado exclusivamente nos momentos previamente estabelecidos como parte do estudo, sempre com o conhecimento dos participantes. O pesquisador indicará claramente o início e o término de cada gravação. Antes de cada sessão de coleta, todos os envolvidos serão informados sobre a presença do gravador, seus propósitos e as restrições de uso.

Dentro dos áudios, objetivamos recortar cenas em que ocorram os seguintes fatores: alunos opinem acerca da língua portuguesa; reflitam sobre a forma com a usam; posicionarem-se sobre a língua(gem) utilizada por um ou mais colegas; e/ou utilizem de recursos de linguagem reconhecidamente africanizados, a exemplo dos elucidados adiante. ***No âmbito lexical***, com o uso de palavras de ascendência africana, como: moleque, mandinga, dendê, entre milhares outras (Petter, 2015; Castro, 2022). ***No âmbito fonético***: ocorrência de Aférese - *squise* (esquece), *rancar* (arrancar), *magina* (imagina) (Rougé, 2009, 1992; Lopes, 2008). Por fim, ***no âmbito da performatividade***, isto é, quando intencionalmente se manifestam práticas de linguagem que geram estranhamento, identificação coletiva de um grupo, insurgência social, entre outros, como no caso da "ausência de concordância nominal de número em sintagmas, como *os mano*, *os cara* e *os homi*, [que] reflete aspectos estilísticos decorrentes de consciência racial e identitária" (Cerqueira, 2020, p. 75).

Carece ponderar que, apesar da literatura extensa sobre presença de africanização, estas são mobilizadas em diferentes instâncias linguísticas. Em vista disso, daremos atenção à aparição de fenômenos específicos, a saber: uso de palavras africanas e pronúncias de palavras de modo diferente, cuja causa pode ter se dado por marca de africanização, a exemplo do rotacismo. Com isso, visamos afunilar as análises e marcar quantitativamente a recorrência de certos fenômenos. Simultaneamente, a aparição de outras presenças de africanização poderá compor um banco de dados a ser analisado em trabalhos complementares, em formato de artigo científico, dentro do prazo hábil de uso destes concedido pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

DISCUSSÃO

A língua portuguesa falada no Brasil é oriunda, sob uma ocular sócio-histórica, de impactos históricos, culturais, sociais e, inclusive, raciais. Do ponto de vista histórico, o processo de colonização, datado a partir do século XVI, consolidou-se com o escravagismo de povos indígenas no Brasil e, posteriormente, de um enorme quantitativo de pessoas trazidas à contra vontade de diversos grupos étnicos africanos, com maior proveniência de Angola e Ilha

de São Tomé.

Nesse sentido, pesquisadores linguistas vêm discutindo a constituição do português brasileiro interpelada fortemente pela presença de diversas línguas africanas, entre elas, sobretudo, dos territórios banto e sudanês. Do primeiro, destacam-se as línguas Quimbundo, Umbundo e Quicongo; do segundo, as línguas Ewe Fon e o Iorubá (Pessoa de Castro, 2005).

No Brasil, país independente desde 1882, inclusive contendo papel ímpar do negro na sua conquista, após a abolição da escravatura, urgiu a necessidade de compor um ideário social e uma ideologia de nacionalidade. Conforme Almeida (2019, p. 99), "a ideologia nacionalista é central para construção de um discurso em torno de uma unidade do Estado a partir de um imaginário que remonte a uma origem ou a uma identidade comum". Nesse ínterim, tentou-se de diversas formas apagar a presença negra para concretizar um imaginário branco internacionalmente higienizado e moderno.

No caso do apagamento linguístico em decorrência da racialidade, quem melhor explica seus fatores é o conceito de linguicídio. De acordo com Nascimento (2023, p. 10), "o linguicídio é um fenômeno muito comum nos regimes de racialização em que, como é o caso do crioulo ou das línguas gerais no Brasil, a língua local vai sendo apagada ou substituída". O autor ainda acentua que "[...] o genocídio, epistemicídio e linguicídio do negro andam lado a lado, pois representam a morte física do corpo negro, do seu conhecimento e de sua língua".

Em vista disso, na dissertação do proponente, questionou-se o modo como tem sido estudado o processo de crioulização e, automaticamente, a mortandade ontoepistêmicas das línguas africanas faladas no Brasil, cujo investimento fomentou a extração de outras definições e o aprofundamento acerca do conceito de Pretuguês. Contudo, restaram algumas lacunas que melhor exemplificassem essa presença de africania e de como tem sido lida socialmente, inclusive nos espaços de ensino onde se preza de modo curricular pelo ideal de língua pátria.

Diante disso, torna-se oportuno investigar os indícios de pretuguês nas práticas linguísticas de estudantes do ensino médio na Bahia. Pretuguês é um conceito cunhado pela antropóloga Lélia Gonzáles (1988), e diz respeito a um modo de presentificação linguístico-racial emergido intencional ou despretensiosamente em uma conjuntura colonial. Para a

autora, o pretuguês “nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil” (Gonzalez, 1988, p. 70). No campo dos estudos linguísticos, concebemos o pretuguês enquanto instância rizomática difundida em quilombos – no sentido territorial enquanto comunidade imaginada – e em comunidades negras marginalizadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Coordenação de Djamila Ribeiro. Editora Jandaíra, 2019. (Coleção Feminismos plurais).

ALTHUSSER, Louis. ***Aparelhos ideológicos do estado***. 6. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Camões com dendê**: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros. Rio de Janeiro, RJ: Topbook, 2022.

CERQUEIRA. F. de O. O pretuguês como comunidade de prática: concordância nominal e identidade racial. **Traços de Linguagem**, v. 4, n. 1, p. 75-88, 2020b.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1983.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 1 reimpressão – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

NASCIMENTO, Gabriel. **Educação linguística entre o racismo linguístico e a cidadania linguística: narrativas de quilombo, pretuguês e aproximações Brasil- África do sul**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Cientifico e Tecnológico. UFSB, 2023.

PETTER, Margarida. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

ROUGÉ, Jean-Louis. A inexistência de crioulo no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: 1ª ed. 2ª reimpressão, Contexto, 2009.

SCHIMIDT, Benito Bisso. **Práticas e táticas:** Michael De Certeau reinventa o cotidiano. BIBLOS. Rio Grande: 6: 79-93, 1994.

AS RELAÇÕES DE SENTIDOS ENTRE LÍNGUA E RAÇA NA HISTÓRIA DO DEBATE RACIAL CONTEMPORÂNEO

Me. Marcus Menezes[1]
Dr. Rogério Modesto (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

A tarefa de contar uma história deve assimilar o entendimento de que é impossível esgotá-la, exaurindo os mínimos detalhes, sobretudo diante da compreensão de perspectiva discursiva materialista de que a língua é passível à incompletude. Entretanto, é possível, a partir de uma história, considerar as causas, as consequências e os desdobramentos atentando-se às condições de produção dos discursos. Na presente pesquisa, tematizamos a história do debate racial contemporâneo no que se refere ao modo como o pensamento linguístico constitui as ideias divulgadas pelos movimentos ditos antirracistas. Para isso, entendemos que a circulação das ideias antirracistas foi importante para a constituição dos direitos humanos e para a formação do Brasil. Veremos, por exemplo, que, mesmo com o silenciamento das demandas da população negra, ainda se constituiu aqui uma imprensa negra "enquanto espaço inaugural de denúncia contra a discriminação racial e de afirmação de uma identidade coletiva política e pública" (Silva Fontana, 2021, p. 141).

Talvez o que possa parecer estranho ao leitor é: o que a língua tem a ver com a pauta racial no Brasil? Essa pergunta, assim como a própria história, pode indicar

[1] Professor do Colégio Estadual Eloyna Barradas (CEEB), vinculado à Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA). Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e graduado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa dTer – Discurso e Tensões Raciais. E-mail: marcusvamenezes@gmail.com
[2] Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. É Professor Adjunto do Departamento de Letras e Artes da UESC, além de líder do grupo de pesquisa Discurso e Tensões Raciais (dTer). E-mail: rlmsantos@uesc.br

diferentes versões de respostas: 1) A colonização do Brasil dá-se pela via da imposição da Língua Portuguesa enquanto língua oficial, o que ocasionou um linguicídio (Auroux, [1992] 2014) das línguas indígenas, assim como desenvolveu um silenciamento sobre as marcas africanas no português brasileiro. Tal contexto põe em questão como a língua do homem europeu branco cristão sobressaiu-se violentamente em relação a outras; 2) A educação linguística centralizada na gramática normativa tem impactado as populações de classes mais baixas que não possuem acesso a uma educação de qualidade. E sabemos que essas populações são, em maioria, formadas por pessoas negras, a partir das condições sociais impostas pelo racismo. Assim, a ilusão de um falar certo e um escrever certo pode produzir exclusão social, baixa autoestima, desemprego etc. nessa camada da sociedade e 3) Alguns movimentos negros têm se organizado em torno da questão do racismo na língua. Trata-se de uma posição na qual a língua possibilita a efetivação do racismo, com o uso, por exemplo, de palavras e expressões como denegrir e preto de alma branca, mas também é a partir dela que o racismo pode ser combatido, quando evitamos de usar expressões consideradas racistas.

Esses pontos elencados indicam que a relação entre língua e raça parece contribuir para a dinâmica exploratória no Brasil, seja explicitamente ou implicitamente. E isso surge com a própria colonização do nosso país. Conforme Silva (1998), é com estabelecimento dos jesuítas portugueses por aqui que a língua se tornou um objeto doutrinário e pedagógico, a partir da produção de diferentes textos, como gramática, dicionário, cartilha, sermão etc. O objetivo dos jesuítas era a conversão e a catequeses dos indígenas, uma vez que, na concepção europeia, branca e cristã, esses precisavam ser salvos. Entretanto, para que os nativos pudessem ser convertidos ao cristianismo, era necessário que antes aprendessem o português. Além disso, com a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal, a língua continuou ocupando uma posição nos interesses da colonização: Pombal influenciou a proibição das línguas indígenas e a obrigação do uso do português. Essa obrigação também será sentida pelos

negros africanos escravizados por aqui em vista dos interesses capitalistas dos europeus.

Toda descrição acima parece omitir uma palavra muito importante para a presente pesquisa: racismo. Com base em Cida Bento (2022), podemos compreender que a história do Ocidente, diante da expansão das civilizações greco-romanas; das invasões ibéricas e até mesmo da mundialização, elucida o modo como as posições de inferioridade foram construídas para o aprisionamento do outro. O imaginário do homem universal, alinhado ao europeu branco, foi produzido ao mesmo tempo em que o africano, o negro, era o contraste. Isso "permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão" (Bento, 2022, p. 29). E, como descrito anteriormente, a violência da colonização também tomou a língua como um instrumento de repressão. Ademais, é a partir da língua, que o outro, lido como inferior, é significado: "[a]s noções de 'bárbaros', 'pagãos', 'selvagens' e 'primitivos' evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa" (Bento, 2022, p. 28).

Retomemos às ideias do movimento negro. Se, por um lado, a relação entre brancos e negros na história do Brasil é uma relação tensa construída, sobretudo, pela discriminação racial; por outro lado, não podemos ignorar as diferentes maneiras da população negra de combater o racismo ao longo da história, seja individualmente ou coletivamente, como em revoltas urbanas e aos quilombos. Muitas vezes, a luta contra o racismo é omitida pela historiografia oficial, mas "[o] Brasil conta [e sempre contou] com uma multiplicidade de organizações espalhadas por todas as regiões, atuando de forma coletiva no combate ao racismo e na luta por um país mais justo, com igualdade de direitos e oportunidades" (Bento, 2022, p.40). Dessa forma, a pergunta discursiva que sustenta o presente projeto é: como a relação entre língua e raça é significada nas ideias do movimento negro contemporâneo?

OBJETIVOS

Objetivo geral

• Investigar como a relação entre língua e raça é significada em materiais de divulgação de ideias antirracistas na contemporaneidade e no Brasil, buscando compreender de que modo o pensamento linguístico é inscrito no debate racial.

Objetivos específicos

1) Compreender os efeitos de sentidos de *racismo*, *raça* e *etnia* em relação a língua, investigando as discursividades que sustentam tais sentidos;
2) Compreender o modo como diferentes documentos (livros, cartilhas, vídeos etc.), que compõem o arquivo discursivo, funcionam em vista da constituição de uma posição-sujeito antirracista;
3) Identificar concepções de língua(gem) explícitas e implícitas no arquivo montado.

JUSTIFICATIVAS

Uma justificativa inicial para a proposta em questão é a observação da produção massiva de cartilhas digitais que tratam do racismo no Brasil, como apresentei anteriormente. Se partimos de uma posição discursiva que compreende que a constituição do sentido se alia à constituição do sujeito (Pêcheux, [1988] 2014), o presente projeto apresenta-se como relevante pela investigação de como os leitores dos materiais podem ser constituídos em determinadas posições. Essa leitura discursiva coaduna com a necessidade de uma tomada de posição antirracista na AD (Cestari, 2017), contribuindo para a verberação da temática racial na referida área.

O projeto também pode contribuir para a área da HIL, fortalecendo sua articulação já consolidada com a AD. A HIL muito cooperou para os estudos da linguagem pela abordagem do ensino e gramatização das línguas, de instrumentos

linguísticos e de políticas linguísticas. Entretanto, poucos trabalhos ainda estão preocupados na relação entre língua e raça nessas áreas supracitadas, e como essa relação tem impacto nas histórias do Brasil e da língua portuguesa. O que sustenta essa insuficiência é a escassez de pesquisas em bancos de dados, como Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e SciELO.

Além disso, não podemos esquecer da importância de contribuir de modo geral para o debate racial no Brasil. Com Sueli Carneiro (2011), entendemos que, na história do nosso país, as desigualdades raciais foram deixadas de lado, ao passo que a luta de classes era privilegiada. Esse detrimento de uma coisa por outra silenciou "o fato de a raça social e culturalmente construída ser determinante na configuração da estrutura de classes em nosso país" (Carneiro, 2011, p. 18). A autora ainda nos possibilita entender que isso se soma, claro, à problemática do mito da democracia racial e do racismo científico. Esse mito desrracializa os brasileiros diante da questão da miscigenação, disseminando a ideia de uma igualdade racial. Ademais, o racismo científico configura a hierarquia racial como natural do ponto de vista biológico. Assim, compreendo que este trabalho também pode colaborar para luta contra o conceito biológico de raça e reafirmar o caráter político e social do conceito.

APARATO TEÓRICO

Como introduzido anteriormente, o presente projeto de pesquisa tem como base os princípios e procedimentos da Análise de Discurso materialista em articulação com a História das Ideias Linguísticas e os estudos da racialidade. Em relação à AD, há a compressão de que há um objeto teórico e um objeto analítico. O teórico é o discurso, enquanto o texto é o objeto analítico (Orlandi, [1988] 2012), dado que "o texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante dessa materialidade, funcionando como unidade de análise. Unidade que se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação" (Orlandi, [1999] 2015, p. 67). O que torna um texto em

um discurso é a historicidade, ou seja, a produção de sentidos diante das condições de produção. Além disso, a materialidade e a extensão de um texto podem variar. Dessa forma, a AD trabalha com textos de diferentes materialidades significantes, sem esquecer que "a natureza do material significante é importante na maneira como construímos nosso dispositivo analítico" (Orlandi, [2012] 2017, p. 56).

Ainda sobre a AD, vale salientar que, apesar de haver um artefato teórico comum aos gestos analíticos, há aquilo que é chamado de *dispositivo analítico*, ou seja, "cada material de análise existe que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria face a suas (outras) questões" (Orlandi, [1999] 2015, p. 25). Nessa maneira, no presente projeto, trabalhando o debate racial por uma perspectiva discursiva, parece-me imprescindível mobilizar a noção teórica de *discursos racializados* proposta por Modesto (2021). Assim como introduzido anteriormente, o autor não compreende tais discursos apenas como temáticos (discursos *de* e *sobre* raça), mas sim que a racialidade atravessa qualquer produção discursiva relacionada à formação social brasileira, pois, conforme já afirmado neste texto, a tensão racial constitui-a (Modesto, 2021). O conceito é significativo para pesquisas que visam compreender a produção de discursos racializados além dos discursos *de* e *sobre* raça.

METODOLOGIA

Para a presente investigação, monto um arquivo discursivo (Barbosa Filho, 2022; Pêcheux, [1994] 2014) com diferentes documentos (livros, cartilhas, vídeos, postagens virtuais etc.). que possam tematizar o pensamento linguístico no debate racial de diferentes maneiras, como, por exemplo, o livro *Pequeno manual antirracista*, de Djamila Ribeiro (2019), e a cartilha *O racismo sutil por trás da palavras*, da Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito Federal (2020). Em uma perspectiva discursiva, a noção de arquivo afasta-se do viés historiográfico que a compreende como um

"conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte" (Arquivo Nacional, 2005, p. 23 *apud* Barbosa Filho, 2022, p. 10). Discursivamente, o arquivo é como campo de documentos, esses que são resultados de múltiplas determinações, isso porque "o documento é um suporte material, ou seja, histórico, que supõe uma existência formal" (Barbosa Filho, 2022, p. 11). O arquivo viabiliza a produção de um efeito de unidade quando documentos que não têm relação necessária são colocados em conjuntos. Em conjunto, é possível identificar (ir)regularidades, dado que os documentos podem ter relações de sentidos produzidos por processos históricos (Barbosa Filho, 2022). Tais apontamentos também reforçam a ideia de que "só é possível dar visibilidade ao processo discursivo colocando várias sequências em relação" (Pêcheux, [2011] 2015, p. 167).

DISCUSSÃO

Neste texto, apresento um pequeno gesto analítico da obra *Pequeno manual antirracista*, de Djamila Ribeiro, publicado pela Companhia das Letras, em 2019. No referido livro, a autora concentra sua abordagem sobre em 11 capítulos nos quais enfoca o combate ao racismo no Brasil. Seleciono a seguinte sequência discursiva (SD) para análise:

> **(SD 1)** "Com o tempo, compreendi que a população negra havia sido escravizada, e não era escrava – palavra que denota que essa seria uma condição natural, ocultando que esse grupo foi colocado ali pela ação de outrem" (Ribeiro, 2019, p. 8, grifo da autora).

A SD 1 é recortada do primeiro parágrafo da introdução, no qual a autora diz ter sido ensinada que a população negra havia sido escrava de forma passiva, sem descrever o contexto de vida anterior dos escravizados e sem contar sobre as lutas de resistência. No trecho recortado, Ribeiro formula uma distinção de sentidos entre as palavras *escravizada* e *escrava*. Conforme a SD 1, a palavra *escrava* denota, ou seja, significa, uma condição natural, biológica, de escravidão. Em outras palavras, seria o

entendimento de que as pessoas negras nasceram escravas. Assim, a expressão escrava silencia que, na verdade, a população negra foi submetida violentamente à escravidão e, por isso, o adequado seria dizer escravizada. Em suma, são duas palavras diferentes e dois significados diferentes, possibilitando a elaboração de algumas paráfrases: 1) *a população negra havia sido escravizada [pelos homens, europeus, brancos e cristãos e não nasceram escravas]* e 2) *a população negra não era escrava, [pois não nasceram nessa condição e sim foi submetida]*. O modo como a SD1 é textualizada coloca em questão a necessidade de dizer a história de outros modos, questão que, por sua vez, implica uma visão de língua centrada numa relação palavra-sentido que foge à metáfora. Se por um lado, admite-se que *escrava* deve ser parafraseado por *escravizada*, por outro lado, tal paráfrase só é possível porque está interditada a condição polissêmica das palavras, na medida em que *escrava* não teria uma leitura que não aquela da *condição natural* do negro.

Esse gesto de leitura não produz um estranhamento, uma vez que, conforme descreve Menezes (2023) e citado anteriormente, há uma produção massiva de materiais que visam sugerir a substituição de algumas palavras por outras. Trata-se, então, de uma mesma posição em que dizer *X* e não *Y* pode produzir racismo. Se um indivíduo fala *escrava, denegrir, a coisa está preta* e outras expressões, ele está sendo racista. Por outro lado, se o racismo é efetivado pela língua, é nela também que o racismo pode ser combatido: 1) "Não tenha medo das palavras 'branco', "negro', 'racismo', "racista'. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracteriza-la e definir seu sentido e suas implicações. A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos – mais grave é não reconhecer e não combater a opressão" (Ribeiro, 2019, p. 21) e 2) "[A] linguagem também é carregada de valores sociais, e que por isso é preciso utilizá-la de maneira crítica deixando de lado expressões racistas como 'ela é negra, mas é bonita' (Ribeiro, 2019 p. 39). Apenas por um efeito de fim, o presente trabalho indica (até então) uma relação de sentidos entre

língua, raça e racismo a partir de uma posição discursiva que compreende a língua enquanto completa com sentidos literais, assim como há uma responsabilização dos indivíduos que usam determinadas expressões linguísticas consideradas racistas.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas: Editora da Unicamp, [1992] 2014, 3 ed.

BARBOSA FILHO, F. R. Ler o arquivo em análise de discurso: observações sobre o alienismo brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 64, n. 00, p. e022007, 2022. DOI: 10.20396/cel.v64i00.8664658. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664658. Acesso em: 04 mai. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

CESTARI, Mariana Jafet. Por uma tomada de posição feminista e antirracista na Análise do Discurso. In: Mônica Graciela Zoppi Fontana; Ana Josefina Ferrari. (Org.). **Mulheres em discurso**: identificação de gênero e práticas de resistência. 1 ed. Campinas: Pontes, 2017, v. 2, p. 183-203.

MENEZES, Marcus. Saberes Metalinguísticos em uma Cartilha de Pedagogização Antirracista. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 195–215, 2023. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/16964. Acesso em: 03 mai. 2025.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851. Acesso em: 12 abr. 2025.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, [1988] 2012, 9 ed.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, [1999] 2015, 12. ed.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise:** Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas: Pontes Editores, [2012] 2017, 3. ed.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, [1988] 2014, 5. ed.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Gestos de leitura:** da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, [1994] 2014, p. 57-68.

PÊCHEUX, Michel. Análise sintática e paráfrase discursiva. In: ORLANDI, Eni (org.). **Análise de discurso:** Michel Pêcheux - textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, [2011] 2015, 4 ed., p. 163-174.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 1. ed.

SILVA, Mariza Vieira da. **História da alfabetização no Brasil:** a constituição de sentidos e do sujeito da escolarização. 1998. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SILVA FONTANA, Larissa da. **O discurso do colorismo no Brasil:** processos de racialização e genderização nos dizeres da identidade nacional e das mídias negras. 2021. Dissertação (mestrado) – Univeridade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2021.

Palavras-chave: Língua. Discurso. História. Raça. Racismo.

O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA NARRATIVA DE CONSTRUÇÃO DE "HEROÍNAS NEGRAS" NO BRASIL: DANDARA E LUISA MAHIN

Alana Clecya dos Santos [1]
Prof. Dr. Rogério Modesto (orientador)[2]
Prof. Dr. Yuri Batista (co-orientador)[3]

APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A pesquisa apresentada é a continuação de um movimento analítico envolvendo histórias de mulheres negras brasileiras, tema que venho estudando desde a graduação, através do PIBIC, continuado no mestrado e ampliado agora no doutorado. Nesse percurso, esse movimento analítico sofreu alguns recortes e enveredou-se por novos caminhos a partir de demandas que se mostraram relevantes para a pesquisa durante seu amadurecimento. A princípio, estudei o funcionamento discursivo presente no livro *Heroínas negras brasileiras* (2017), de Jarid Arraes. Depois analisei os efeitos de sentidos que atravessaram um acontecimento discursivo e um cordel sobre Esperança Garcia, culminando na escrita da dissertação que provocou discussões sobre *ser heroína negra* na sociedade brasileira.

As discussões e resultados das pesquisas anteriores me levaram a pensar sobre como os heróis nacionais são construídos discursivamente. Nesse sentido, venho questionando, sobretudo, acerca do heroísmo negro, ainda pouco legitimado no Brasil, especialmente quando se trata de personagens históricos. Heróis negros reais são constantemente desvalorizados a partir da associação ao ficcional, à inexistência e ao mito da criação de herói, pois "ao elencar um herói negro, subverte o discurso oficial de que a liberdade foi concedida por mãos brancas e não como resultado contínuo de luta de corpos negros e aliados abolicionistas" (Maringolo, 2020, p. 88).

[1] alanaclecya98@gmai.com. Doutoranda em Linguagens e Representações – PPGL/UESC. Bolsista FAPESB.
[2] rlmsantos@uesc.br. Professor Adjunto da Universidade de Santa Cruz – UESC. Doutor pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.
[3] batista.yuriandrei@gmail.com Professor pesquisador do Laboratoire EDA - UParis – Cité. Doutor em Filologia e Língua Portuguesa (PPGFLP/USP) e em sciences du Langage (ED622/Université de Paris Cité).

Desse modo, os discursos que legitimam heróis brancos e negros se diferem no modo que são construídos, circulados e aceitos na sociedade brasileira. “Sujeitos-negros como ‘herdeiros' da significação sujeito-escravizado ou sujeito-tornado-escravizado não poderiam ocupar determinados lugares sociais, principalmente, lugares de prestígio e visibilidade” (Santos, 2023, p. 86). Pensando nisso, busco compreender na tese, a partir do lugar teórico da Análise do Discurso materialista (doravante AD), **o funcionamento discursivo da narrativa de construção de “heroínas negras” no Brasil,** visando compreender quais mecanismos linguísticos, históricos e sociais constroem e validam um herói nacional, ou melhor, no nosso caso, como estes mecanismos promovem ou não essa construção de heroínas negras no Brasil.

Assim, nesta pesquisa volto minha atenção, à princípio, para as narrativas históricas e biográficas de duas mulheres negras afro-brasileiras: Dandara e Luisa Mahin. A escolha é justificada em virtude de um acontecimento que ocorreu em 2019, quando suas narratividades heroicas foram questionadas ao serem escritas no livro de aço do Panteão da Pátria, produzindo uma polêmica no cenário político-social brasileiro. A questão levantada foi a legitimidade das existências históricas de Dandara e Luisa Mahin. Para os que defendem que elas não existiram, mas foram criadas, alega-se que há poucos registros de suas vidas e feitos, sendo muitos deles relatos orais e/ou biográficos. Logo, a polêmica ocorre por essa relação entre o ficcional e o histórico que atravessam as narrativas sobre as heroínas ali escritas, uma vez que, todos os nomes escritos no Panteão são de heróis nacionais dignos de admiração pelo que fizeram em vida.

Essa polêmica me fez pensar sobre as relações de heroísmo no Brasil, uma vez que ainda são poucas personalidades negras apontadas para esse lugar de reconhecimento, principalmente, quando tratamos do heroísmo feminino negro e quando pensamos no heroísmo histórico brasileiro. Assim, realizo a montagem de um arquivo sobre as narrativas que constroem essas mulheres negras como heroínas brasileiras buscando compreender como raça, gênero e classe passam por esse movimento de construção social que transita entre o ficcional e o histórico. Nesse caminho, indago as narrativas que constroem heróis nacionais - que majoritariamente, são brancos - e quais desdobramentos acontecem quando essas narrativas são sobre heróis negros e do sexo feminino. Tenciono também como as narrativas

de heróis negros, ou melhor, de heroínas negras se produzem conforme as narratividades históricas e biográficas e quais mecanismos linguísticos promovem o efeito de real e de ficcional nessas escritas.

Por fim, tendo em vista o projeto de tese descrito, vejo que é relevante o aprofundamento nas compreensões no campo da AD, nas narratividades históricas e nas escritas biográficas. Como mencionado anteriormente, o trabalho de pesquisa é motivado pela polêmica a partir da qual seria possível admitir a não existência real de Dandara e Luísa Mahin como mulheres negras heroínas da nação. Consoante Sousa (1993), o discurso fundador da afirmação do negro brasileiro corresponde a um discurso de resistência que é produzido justamente em resposta a outros discursos para os quais se admite uma parcifidade dos negros escravizados, fato que faria pensar que histórias como a de Zumbi, por exemplo, não passariam de mitos. Vê-se que a prática deslegitimar histórias de resistências heroicas negras são frequentes na formação social brasileira.

DELIMITAÇÃO E OBJETIVOS

Como já abordado anteriormente, busco investigar o funcionamento discursivo da narrativa de construção de "heroínas negras" no Brasil, como foco em Dandara e Luisa Mahín. Duas razões motivaram o recorte em suas históricas e escritas biográficas: i) a regularidade que constitui o acontecimento que envolve a histórias das duas e põe suas narratividades em dúvida quanto às suas existências históricas; ii) a importância histórica e resistência de ambas nas lutas contra o sistema escravocrata, já que se tornaram mulheres que foram a campo, que utilizaram de suas habilidades físicas e intelectuais para promover a liberdade e bem-estar de seus povos. Duas histórias de resistências negras que se assemelham pelas lutas e ideias, bem como pelos movimentos de construções que suas narrativas heroicas receberam e recebem ainda hoje. Viso assim, como objetivo geral:

- Investigar o funcionamento discursivo da narrativa de construção de “heroínas negras” no Brasil através da montagem de um arquivo sobre Dandara e Luísa Mahin.

Tenho como objetivos específicos:

- Investigar como os sentidos de real e de ficcional atravessam as narrativas sobre: Dandara e Luisa Mahin e como tais funcionamentos proporcionam (ou não) ser heroínas nacionais;
- Montar um arquivo com discursividades que constituem a rede de sentidos acerca do heroísmo negro feminino no Brasil, sobretudo, ao que concerne as mulheres selecionadas nessa pesquisa;
- Descrever as condições de produção que constituem as narrativas de construção de “ser heroína negra” no Brasil;
- Analisar o funcionamento discursivo do arquivo (que está sendo montado nessa pesquisa) sobre as narrativas de construção acerca de ser heroína negra no Brasil, especialmente, ao referir-se a Dandara e a Luísa Mahin.

Dessa maneira, proponho a montagem de um arquivo com materiais que constroem a narratividade de “heroína negra” em torno das duas mulheres selecionadas: Dandara e Luísa Mahin. Essa narratividade de construção pode comparecer em diferentes materialidades discursivas, como músicas, documentos, notícias, livros, entre outras materialidades. (cf. Orlandi, 2015). Assim, de antemão, como os materiais oficiais tendem a não relatar essas mulheres, temos a consciência de que iremos montar um arquivo diverso de materiais, sobretudo, cuja a fonte é a oralidade ancestral, bem como outros documentos pessoais, mas de relevância histórica, como a carta que Luiz Gama enviou ao seu amigo Luiz de Mendonça em que menciona brevemente sua mãe, Luísa Mahin.

APARATO TEÓRICO

Conforme os pressupostos da AD materialista, ao observar o funcionamento discursivo de um material está-se estudando as relações entre sujeito, história, língua e ideologia. Dessa maneira, "é preciso encontrar textos que incomodem" (COURTINE, 2006, p. 27), que chamem a atenção do analista do discurso promovendo uma escuta do social. Com essa compreensão, volto-me para as narrativas de construção de heroínas negras no Brasil, como Dandara e Luísa Mahin. Nesse contexto, penso acerca dos discursos *sobre e de* feminilidades negras, aqui especialmente, ao heroísmo negro feminino. Além disso, reflito sobre as escritas biográficas e narrativas históricas a partir de um olhar discursivo que é atravessado por gênero, raça e classe conforme solicitado pelo material.

À vista disso, afirmo que os discursos *sobre* são aqueles que falam de algo ou alguém com um olhar de fora, que "representa uma determinada perspectiva e reflete um ponto de vista particular, devendo se considerar que todo conhecimento é parcial" (CESTARI, 2017, p. 186), uma vez que todo discurso vem de um sujeito e todo sujeito é filiado a formações ideológicas dada. O discurso *sobre* aqui em questão, é o discurso dos vencedores, da supremacia branca que constituiu com base capitalista e escravocrata a sociedade brasileira. Desse modo, é necessário buscar ouvir os discursos *de*. Este tantas vezes silenciados e postos as margens do esquecimento e das periferias sociais. "Os discursos *de* são aqueles que atuam a partir de vivências, isto é, não se trata de falar sobre algo ou alguém pelo olhar de fora, mas de textualizar discursos a partir do lugar do 'eu' enquanto objeto e enunciador, sendo um espaço de construí a voz própria e significações sobre sí" (SANTOS, 2023, p. 60)9. Os discursos *de* pessoas negras, sobretudo, de mulheres negras, estiveram nas periferias por muito tempo, ocupando espaços de resistência que se mantiveram na história pela tradição oral: boatos, rumos, lendas, etc. Discursos que devem ser ouvidos e postos para compreensão dessas narrativas de construção.

Assim, afirmo conforme campo da AD materialista, que o percurso de montagem de um "arquivo não obedece a critérios tipológicos nem institucionais." (BARBOSA-FILHO, 2022, p.5) O arquivo é "montado no rastro das discursividades em jogo" (BARBOSA-FILHO, 2022, p.5) podendo está em discursos oficiais ou não, em apenas um material ou em vários. Em outras palavras, cada montagem de arquivo tem sua especificidade conforme

solicitado pelo *corpus* de pesquisa, como afirma Barbosa-Filho (2022), "toda montagem é sempre singular e só se dá, inclusive, num processo de construção próprio a cada pesquisa, em função das questões e da especificidade do material a ser analisado" (BARBOSA-FILHO, 2022, p. 20). Nessa perspectiva, o arquivo sobre as narrativas de construção de heroínas negras pode ser constituído com diferentes materiais. Atualmente, temos alguns materiais como: cordéis sobre Dandara e Luisa Mahin, citações em romances, enciclopédias, carta de Luís Gama (filho de Luisa Mahin), ressaltamos que a montagem do arquivo está no período inicial, logo, outros documentos podem agregar nas discussões dessa pesquisa.

Diante do corpus preliminar, podemos afirmar que também trabalharemos com o conceito de resistência. Uma vez que, Dandara e Luisa Mahin foram mulheres negras que lutaram por seus direitos e que hoje são narrativizadas no lugar de heroísmo, que antes lhes fora negado. Dizeres sobre heroísmo que aciona sentidos de resistência. Resistência que na AD vai além do *opor-se a algo ou alguém*, mas está primeiramente, no âmbito da interpelação discursiva. "A resistência surge pela contradição do sujeito a sua atual filiação, gerando assim, deslocamentos" (Santos, 2023, p. 98). Deslocamentos que podem causar polêmicas, denúncias, mudanças no social e (re)significações para um sujeito e/ou grupo, como acontece nessas narrativas.

METODOLOGIA

Na AD materialista, "o objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista" (Orlandi, 2015, p. 64). À vista disso, "a delimitação do *corpus* só ocorre com a própria análise" (Lagazzi-Rodrigues, 1988, p. 59). Dessa maneira, apesar de já ter encaminhado um acervo de documentos diversos relacionados às histórias das mulheres aqui estudadas (músicas, documentos, notícias, livros, entre outras materialidades), no presente momento não elenco, antecipadamente, quais materiais analisarei, uma vez que estou na trabalhando na construção do arquivo a partir das suas regularidades. Esta seleção analítica se moldará conforme o decorrer da pesquisa, do estabelecimento de relações de sentidos com o funcionamento do *corpus*, as narrativas de construção de "heroínas negras" no Brasil:

Dandara e Luisa Mahin. Está tomada de posição metodológica está alinhada ao que Barbosa-Filho (2022, p. 11) discute ao pontual que:

Trabalha-se, a partir de uma tomada de posição discursiva, o arquivo a partir de sua espessura material, ou seja, como resultado de múltiplas determinações. Ele não contém informações, mas permite o estabelecimento de relações de sentido a partir de funcionamentos linguísticos (estejam ele escritos, materialmente formulados nos documentos, ou inscritos, presentes pela ausência, como no caso de um efeito de pré-construído). Não se trata, portanto, de um conjunto de dados, mas de um feixe de documentos textuais cuja possibilidade de pôr em relação não diz respeito à natureza puramente arquivística desses documentos, mas às discursividades em cena nesse efeito de conjunto que é a montagem. É nesse sentido que não se "coleta" ou "colhe" um corpus de arquivo. É preciso montá-lo, pôr em relação documentos que não possuem nenhuma relação necessária.

É nesse sentido que montagem do arquivo não se dará a priori, mas no movimento do percurso analítico sobre as narrativas de construção de "heroínas negras", observando quais materiais constroem discursividades sobre heroísmo negro feminino no Brasil, seja materiais que abordem essa temática e/ou que, pela falta e não dito, nos mostre uma relação com as narrativas de construções.

Assim, para a montagem do arquivo e gesto analítico, enfatizo que seguirei os conceitos básicos para um analista do discurso, segundo Pêcheux (2015) leia, descreva e interprete. Em outras palavras, é preciso i) empreender um gesto de descrição do simbólico do qual são descritos os elementos linguísticos (considerados no real da língua) e os não linguísticos; ii) considerar que o simbólico está exposto ao equívoco; iii) analisar o discurso como estrutura e acontecimento.

Dito isso, a pesquisa se dará em três partes. A primeira, no qual me encontro atualmente, diz respeito a leituras, fichamentos e discussões solicitadas pelo material de trabalho. Nessa parte, convoco autores como: Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Suzy Lagazzi, Rogério Modesto, Mônica Zoppi Fontana, os quais apresentam um cabedal teórico em AD materialista já atravessado por questões caras a este projeto: gênero, racialidade, narratividade, resistência, memória. Comparecem também outros campos de estudos que

refletem sobre a mulher negra, as formas de significação e de interpelações que as atravessam enquanto sujeitos interseccionais. Para isso, reúno trabalhos de Cestari (2015; 2017), hooks (2020), Gonzalez (1979) e Ribeiro (2020). Ainda nesse momento, reunirei um conjunto de referências sobre escritas biográficas e históricas através da contribuição do meu co-orientador Prof. Dr. Yuri Batista, pontos que já se mostram necessários na discussão do material.

Na segunda etapa, iniciarei as atividades analíticas para a culminância da escrita dos primeiros capítulos de análise da tese. A escrita dos referidos capítulos teórico-analíticos constituirá no momento de batimento entre a teoria e o material, movimento que ajudará na delimitação do *corpus:* quais sequências serão analisadas, quais pontos ficaram mais fortes no arquivo e devem receber uma atenção maior, quais regularidades observadas na montagem do arquivo, entre outros pontos que surgirem. Espera-se que nesse momento de escrita sejam identificados os discursos que atravessam os funcionamentos oriundos da montagem do arquivo já que "esse processo de *montagem* tem um valor inestimável para a localização histórica de um discurso" (Modesto, 2021, p.4), pois é ressaltando "a materialidade da língua na discursividade do arquivo" (Pêcheux, 2011, p. 59) que se torna possível apontar efeitos dos processos discursivos. A montagem e aprofundamento do arquivo no campo da AD são de grande importância visto que, abrem "espaço para a formulação de um dispositivo distinto do historiográfico, pondo em primeiro plano o funcionamento material, ou seja, histórico, da língua" (Barbosa-Filho, 2022, p.1). É nessa etapa que a textualidade do material se apresentará de forma menos opaca e conseguirei observar os sentidos a partir de um olhar em conjunto.

No terceiro e último momento da pesquisa, darei continuidade às escritas dos capítulos, mas com foco especial a unidade das análises e as revisões que farei conforme solicitações da banca de qualificação. Acredito que o processo de análise se realiza no ir e vir do arquivo com sua discursividade, ou seja, com a historicidade do material, como afirma Orlandi, o método de análise deve "ser 'histórico' (discursivo), e fazer apelo à 'interdiscusividade' trabalhando com os entremeios, os reflexos indiretos, os efeitos" (Orlandi, 2017, p. 54-55). Desse modo, que procurarei explicar o funcionamento discursivo da

narrativa de construção de “heroínas negras” a parti de um “método discursivo” (Lagazzi-Rodrigues, 1988), reocupando-me com um minucioso trabalho de descrição, montagem e interpretação tanta da materialidade significante que materializa essa narrativa quanto do discurso que localiza o funcionamento da ideologia referente a essa construção de heroínas negras no Brasil (Cf. Salles; Costa, 2016).

DISCUSSÃO/RESULTADOS ESPERADOS

Conforme exposto anteriormente, estamos no momento das leituras e aprofundamento teórico nos conceitos de racializadade, gênero, resistência, escritas biografias e narrativas históricas. Conceitos estes solicitados pelo corpus que estamos construído, um arquivo sobre o funcionamento das narrativas de construção de heroínas negras no Brasil, com foco em Dandara e Luisa Mahin. Pesquisa que já possibilitou alguns questionamentos como: “quais discursos possibilitam (ou não) a construção de uma heroína negra no nosso país?” ; “Como as narrativas históricas e biograficas funcionam discursivamente e socialmente para a legitimar narrativas e um lugar de heroísmo?”; “Como as narrativas sobre heroínas negras constroem novos sentidos e/ou ressiginificam sentidos a partir de uma movimento de resistência?”. Indagações que se mostraram necessárias e noteadores para o percurso analítico da pesquisa.

À vista disso, espera-se compreender as relações discursivas que permitem a construções dessas narrativas e lugares sociais, como o lugar de heroína negra. Lugar antes inexistente, ou melhor, silenciado através de uma relação de antagonismo, em que pessoas negras só poderiam ocupar lugares de anti-heroís. Além disso, busca-se o aprofundamento nas discussões sobre narrativas histórias, biograficas através de um olhar discursivo racializado gendrado. Compreensões que colaborararão para reflexões sociais, lutas anti-racistas e feministas tanto no âmbito acadêmico, mas principamente social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Lúcia. **Dandara e Luísa Mahín são consideradas heroínas no Brasil** – o problema é que elas nunca existiram. Intercep-Brasil, 2019. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2019/06/03/dandara-luisa-mahin-panteao-patria/ . Acesso em set. 2023.

BARBOSA FILHO, F. R. **Ler o arquivo em análise de discurso**: observações sobre o alienismo brasileiro. In: *Cadernos deEstudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 64, 2022, p. 01-22. Disponível em:https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view /8664658

CESTARI, Mariana Jafet . Por uma tomada de posição feminista e antirracista na Análise do Discurso. In: Mónica Graciela Zoppi Fontana; Ana Josefina Ferrari. (Org.). **Mulheres em discurso:** identificação de gênero e práticas de resistência. 1ed. V. 2Campinas: Pontes, 2017. p. 183-203.

_____. **Vozes-mulheres negras *ou* feministas e antirracistas graças às yabás.** Tese (doutorado em Estudo da Linguagem) Universidade Estadual de Capinas. Campinas-SP: UNICAMP, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: a deriva da fala pública. Trad. Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho:** efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Rio de Janeiro: Universidade Católica do rio de Janeiro, 1979.
hooks, Bell. **E eu não sou mulher?**: mulheres negras e feministas. LIBANIO, Bhuvi. (trad.). 5 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Algumas considerações sobre o método discursivo; O "corpus" discursivo. In.____. **O desafio de dizer não**. Campinas – SP, Pontes, 1988. p. 51-62.

MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **(Re)imaginando passados emancipados**: contra narrativas de liberdade em *Um defeito de cor* e *Beloved.* Tese (Doutorado em Pós Graduação em Letras) Estudos literários da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horinzonte: UFMG, 2020.

MODESTO, Rogério. **Os discursos racializados**. In: *Revista da Abralin*, v. 20, n. 2, 2021, p. 1-19. Disponível em:https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2.1851

ORLANDI, Eni. Análise do discurso. In: ____. LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Org.) **Introdução às ciências da linguagem**: Discurso e textualidade. 3 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017.

_____. **Análise do Discurso:** princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas-SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (Org.) **Gestos de leitura**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 49-60.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. (trad.) Eni P. Orlandi. 7 ed. Campinas – SP: Pontes, 2015 [1998].

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** Col. Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2020.

SALLES, A. C; COSTA, G. **Recortes e(m) análise:** no movimento da narratividade cinematográfica. In: RUA[online]. nº. 22. Volume 2, p. 553-572–ISSN 1413- 109/2179-9911 -Junho/2016.

SANTOS, Alana Clecya dos. **Esperança Garcia, uma "heroína negra":** discurso, gênero e racialidade. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Representações). Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL UESC. Ilhéus-BA: UESC, 2023.

SANTOS, Ale. **O racismo na acadêmia apagou a história de Dandara e Luísa Mahin**. Intercep-Brasil, 2019. Disponível em: https://www.intercept.com. br/2019/06/03/dandara-luisa-mahin-historia/ . Acesso em set. 2023.

SILVA, Daniel Neves. **Dandara dos Palmares**. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historia/dandara-dos-palmares.htm. Acesso em 02 de jan. 2025.

RICARDO LÍSIAS: NARRAÇÃO, TEMÁTICA, AUTORIA E PERSONAGEM EM QUESTÃO

Marlene Mendes Silva[1]
André Luís Mitidieri Pereira (Orientador)[2]

Ricardo Lísias, escritor, crítico, professor universitário e pesquisador paulista, vem se destacando não só pelo seu jeito diferente de lidar com a escrita literária, uma vez que se expressa por meio de diversos gêneros e tipos textuais em seus trabalhos, mas também por assumir posições polêmicas no seu fazer artístico e na sua vida. Principalmente, por seus trabalhos literários lidarem com autoria, fatos reais, fatos jurídicos, liberdade de criação na ficção e nas produções de maneira geral.

A produção literária de Lísias é alicerçada na exposição do indivíduo, transformando a intimidade desse sujeito em espetacularização, à medida que "o que leva repetidamente a recomeçar o relato da vida (minucioso, fragmentário, caótico, pouco importa seu modo) diante do próprio desdobramento especular: o relato de todos" (Arfuch, 2010, p. 16). Ademais, constata-se a "ordem do relato - da vida – e sua criação narrativa, esse "passar a limpo" a própria história, que nunca se termina de contar" (Arfuch, 2010, p. 16). Compreende-se, assim, que os espaços biográficos ou autobiográficos são heterogêneos, híbridos que se representam "como horizonte de inteligibilidade e não mera somatória de gêneros já conformados em outro lugar" (Arfuch, 2010, p. 16).

Vale destacar que espetacularização da intimidade do sujeito também pode ser denominada de autoficção que, para Travancas e Santos, de acordo com a definição do escritor Serge Doubrovsky (2018, p.35), é "uma ficção de acontecimentos e fatos estritamente reais. Se quiser, autoficção por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem". É uma narrativa na qual o autor escreve sobre si mesmo, geralmente em 1ª pessoa misturando fatos ficcionais com dados autobiográficos.

[1] Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação de Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Bolsista da Fundação de amparo à pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) - e-mail: mmsilva.ppgl@uesc.br
[2] Profº Drº do Programa de Pós-graduação de Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. e-mail: almpereira@uesc.br

Foi justamente por seu caráter híbrido e provocador que escolhi esse autor para desenvolver minha pesquisa de doutorado. A proposta é analisar o romance *Diário da Cadeia:* Eduardo Cunha (pseudônimo) (2017), com o intuito de investigar a prática da escrita de si e a reflexão sobre o ato de escrever, no cruzamento entre biografia, autobiografia e autoficção. A problemática central do trabalho consiste em compreender de que maneira Ricardo Lísias articula esses elementos narrativos para questionar e desestabilizar concepções estabelecidas de biografia, autobiografia e autoficção, desafiando, assim, noções tradicionais de identidade, autoria e realidade social e política na literatura contemporânea.

Para isso, recorre-se ao conceito de intersubjetividade proposto por Bakhtin, que transforma a análise dos textos narrativos, pois nos convida a enxergar o narrador como um ponto de interseção de diversas vozes. Nesse contexto, a focalização deixa de ser apenas uma técnica descritiva e passa a ser compreendida como uma manifestação dialógica e ideológica. A cena dialógica, por sua vez, revela o cerne da interação discursiva, evidenciando o caráter vivo e conflituoso da linguagem. Assim, em lugar de uma narrativa linear e unívoca, o texto literário se configura como um espaço dinâmico, marcado pelo confronto e pela convivência de diversas consciências. dialoga criticamente com o gênero da autobiografia e da autoficção, tensionando a noção de verdade, autoria e identidade. A obra usa os recursos da escrita de si para problematizar o lugar da literatura frente ao discurso político e jurídico, num gesto provocador típico de Ricardo Lísias.

OBJETIVOS:

Objetivo geral

Analisar os processos de intersubjetividade presentes na autobiografia e autoficção no livro *Diário da Cadeia:* Eduardo Cunha (pseudônimo) *(2017),* de Ricardo Lísias, investigando as discussões sobre autoria, as fronteiras entre narrativas ficcionais e biográficas e as implicações dessas polêmicas para a construção da narrativa

Objetivos específicos

- Examinar a função do narrador-personagem e do autor na obra analisada, considerando o papel do "eu" narrador na construção de significados e na dinâmica do texto;

- Compreender os processos de hibridação presentes na criação e composição da obra, identificando suas características híbridas e as implicações dessa mistura de formas e estilos;

- Avaliar a importância do contexto historiográfico, autoral e social na obra estudada, explorando a relação de gênero e o papel do contexto cultural na constituição do texto.

O estudo sobre a obra de Ricardo *Lísias* possibilitará uma análise pertinente e relevante, principalmente ao considerar a inovação que o autor traz à narrativa biográfica, autobiográfica e autoficcional. É preciso pontuar que o escritor se destaca por sua capacidade de transitar entre esses campos, questionando constantemente a autoria e a criação de personagens, além de explorar profundas questões filosóficas, psicológicas, sociais e éticas, com ênfase na crítica à imprensa brasileira.

Ainda convém lembrar que o autor constrói, em seus textos, um sujeito deslocado, muitas vezes desajustado tanto socialmente quanto psicologicamente, representando o "eu" de um mundo contemporâneo marcado pela complexidade e pela fragmentação das identidades. Por conseguinte, configura a representação de um sujeito deslocado, que não se encaixa nas normas sociais convencionais e que se torna um ponto central para explorar a subjetividade e a construção da identidade no contexto da literatura contemporânea.

É importante ressaltar que a prática da escrita é um ato muito peculiar e, quando o autor escreve sobre si mesmo, esse ato torna-se ainda mais específico, pois se desenvolve de diferentes maneiras, motivado por distintas causas e voltado a diferentes propósitos. Para Arfuch, o espaço biográfico surge como afirmação do sujeito moderno “para traçar o limiar incerto entre o público e o privado e, consequentemente, a nascente articulação entre o individual e o social” (Arfuch, 2010, p. 83). É a partir dessa relação que o autor constrói o campo da subjetividade, visto que tem a possibilidade de levar o uno ao múltiplo, do eu ao nós.

Em razão de vislumbrar a genialidade do processo da escrita do autor, no que diz respeito à exposição das dificuldades de um eu estar no mundo, optei por analisar o livro *Diário da Cadeia:* Eduardo Cunha (pseudônimo), (2017). Para, assim, mostrar como o escritor vem rompendo com paradigmas literários do que diz respeito à composição/ estruturada da obra.

Em suma, a realização desta pesquisa sobre a obra de Ricardo Lísias será fundamental para compreender as inovações literárias que o autor introduz, especialmente no campo da narrativa biográfica, autobiográfica e autoficcional. A análise *Diário da Cadeia:* Eduardo Cunha (pseudônimo), (2017), de Ricardo Lísias, permitirá investigar como ele questiona e desconstrói as convenções tradicionais da literatura, trazendo à tona uma reflexão profunda sobre a autoria, a construção de personagens e os limites entre o real e o fictício. Este estudo será relevante não apenas para entender a obra do autor, mas também para contribuir para o desenvolvimento de novos estudos teóricos sobre o processo de criação literária e sobre a relação entre o escritor e o leitor. Além da possiblidade de permitir discussões a respeito dos limites entre a ficção e o real/documental, biografia, autobiografia, autoficção, processo de criação, autoria, interação com o leitor e suas possibilidades de entendimento da obra.

Todos esses aspectos mencionados serviram de motivos para desejar desenvolver uma investigação, já que são múltiplos e envolvem tanto uma curiosidade intelectual quanto o desejo de contribuir com o campo dos estudos literários. Principalmente, porque a obra de Ricardo Lísias apresenta uma riqueza e uma complexidade que exigem uma análise mais profunda e detalhada, especialmente no que diz respeito à maneira como ele lida com o espaço biográfico e as questões de identidade no contexto contemporâneo. Além disso, ao analisar a interseção entre diferentes gêneros narrativos e sua relação com a experiência humana, esta pesquisa oferece a oportunidade de explorar temas de natureza universal, tais como a busca pela verdade, a solidão do sujeito moderno e as complexas relações entre o individual e o coletivo.

Por fim, a pesquisa também se justifica pelo impacto que pode ter no entendimento da literatura brasileira contemporânea e sua relação com o mundo globalizado. A obra de Lísias tem o poder de transcender as fronteiras culturais e temporais, oferecendo uma reflexão crítica sobre a condição humana e os desafios da escrita no século XXI. Assim, a pesquisa visa não só à compreensão de um autor específico, mas também ao fortalecimento do campo literário como um todo, ao abrir novas possibilidades de leitura e de crítica literária.

APARATO TEÓRICO

O aporte teórico da pesquisa fundamenta-se na análise das dimensões biográfica**,** autobiográfica **e** autoficcional das narrativas, com base em autores como Arfuch **e** Bakhtin. Segundo Arfuch (2023), a narrativa de vida é uma construção imaginária singular, mais próxima de um retrato subjetivo do que de um relato histórico, mesmo quando inspirada na realidade. Ela destaca a tensão entre o individual e o coletivo, alertando para o risco de reduzir experiências únicas a explicações genéricas.

Com relação à autobiografia, neste estudo, será tomada a partir da própria desconstrução e/ou dissolução do gênero, em um espaço que substancia o tempo e constrói a significação além dos limites biográficos. Pretende-se adotar, de acordo com os dizeres de Arfuch (2010) a abordagem de uma nova autobiografia, aquela que contém os processos de ficcionalização e desficcionalização e traz uma conclusão perturbadora, pois pretende restituir a vida, a partir da privação ou des-figuração. A nova autobiografia traz à tona a discussão do antagonismo de um sujeito puro, pois a narração é, apenas, a tentativa de uma escritura dos processos subjetivados em uma identificação imaginária. Nesses moldes, a autobiografia além de ser "universo indecidível entre ficção e não ficção" Arfuch (2010) é, em certa medida, a metamorfose da imagem, ou ainda, o espelhamento de um 'eu' que reflete e refrata a partir dos outros ou outras de si mesmo.

Já no discurso autoficcional existe a intenção do autor em confundir o leitor, apresentando, em diferentes proporções, elementos factuais e ficcionais ao longo da narrativa, ressaltando as contradições. Nesse processo, contratos são estabelecidos entre autor e leitor, visto que na autoficção o leitor é convidado, em alguns momentos da narrativa, a interpretá-la sob o viés do pacto autobiográfico. No entanto, o autor também apresenta um contexto de ficção, propondo assim um pacto romanesco. A existência concomitante de elementos fictícios e autobiográficos em uma mesma obra confunde e desestabiliza o leitor, que tende a usar estratégias mais complexas de interpretação, podendo fazer uso, assim, de um pacto de leitura ambíguo.

Por conseguinte, percebi a importância de se trabalhar a memória presente no contexto das obras de Ricardo Lísias para entender o que é real ou ficcional nas narrativas. Ademais, as narrativas desse escritor são orientadas por uma *performance* que me fez pensar nas múltiplas vozes das personagens. Daí, concluí que seria producente uma teoria do romance que pudesse contemplar a variedade de discursos. Por isso, o "dialogismo", cunhado por Mikhail Bakhtin, torna-se conceito fundamental para se ouvir a voz oprimida do personagem autor nos livros.

Por fim, é importante frisar que as (inter)relações nelas contidas estetizam uma autorepresentação/autoficcionalização, a partir da transmutação das vozes narrativas que refletem e refratam a subversão do gênero autobiografia para além de sua própria espacialização. Estas diferentes estéticas, em variados contextos de produção e culturas, podem conter as singularidades, similitudes e/ou ambivalências dos contornos de subjetividades, no espaço biográfico da contemporaneidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como foco a análise da obra *Diário da Cadeia: Eduardo Cunha (pseudônimo)* (2017), de Ricardo Lísias, com o objetivo de compreender como a obra articula elementos da biografia, autobiografia e autoficção para tensionar as noções de identidade, autoria e realidade sociopolítica na literatura contemporânea. Para isso, será adotado um aporte teórico-metodológico que privilegia uma abordagem dialógico-discursiva, conforme fundamentada por Mikhail Bakhtin (1997), articulando os aspectos culturais, políticos, históricos e sociais presentes nas narrativas.

A metodologia envolverá uma análise interpretativa, orientada por um arcabouço teórico que permita investigar as especificidades e hibridismos dos gêneros biográfico, autobiográfico e autoficcional. A proposta é realizar uma leitura dialógica que evidencie as aproximações e tensões na narrativa, respeitando seus contextos estruturais, espaciais e culturais.

Nesse sentido, os principais referenciais teóricos que orientarão o desenvolvimento da pesquisa incluem:

- **Bakhtin (1997)**, no que tange ao conceito de dialogismo e à constituição do sujeito discursivo, fundamentais para a análise das vozes presentes na escrita biográfica e autobiográfica;
- **Arfuch (2010; 2023)**, com ênfase na discussão sobre os espaços biográficos, as formas contemporâneas de subjetivação e a intersecção entre memória, narrativa de si e política;
- **Barthes (1987**) valoriza os traços fragmentários da existência em detrimento das narrativas lineares ou heroicas, propondo um olhar mais sensível, descontínuo e rizomático sobre a construção da identidade, na medida em que propõe uma forma de escrita que rompe com as narrativas lineares e totalizantes;
- **De Azevedo (2024)**, o conceito de autoficção como uma forma de escrita que mescla elementos da vida real com a ficção, tendo em vista que essa abordagem constrói uma representação do "eu" que é simultaneamente autêntica e ficcional, desafiando as fronteiras entre o real e o imaginário.
- **Faedrich (2016)**, cujas contribuições são centrais para a compreensão do percurso teórico da autoficção, abordando-a como uma narrativa híbrida e tensionada entre o real e o ficcional, e que propõe uma nova forma de representação do sujeito na contemporaneidade.

A pesquisa seguirá os seguintes passos metodológicos:

I. **Revisão da literatura**;
II. **Revisão teórica preliminar**;
III. **Delimitação das categorias de análise;**
IV. **Análise preliminar do corpus**;
V. **Redação de análises parciais**;
VI. **Revisão crítica do material teórico preliminar**;
VII. **Aprofundamento das análises e articulação entre teoria e corpus**;

VIII. **Redação definitiva da tese**.

IX. Além disso, ao longo de todas as etapas, será adotado um processo contínuo de avaliação, reavaliação e revisão da escrita, visando à coerência argumentativa e à precisão conceitual da tese. A pesquisa também será embasada em uma abordagem exploratório-bibliográfica, com levantamento de livros, artigos acadêmicos, resenhas e publicações especializadas que contribuam para a contextualização teórica e crítica da obra analisada.

DISCUSSÃO

A escolha de Ricardo Lísias como objeto de estudo fundamenta-se não apenas na relevância de sua obra no panorama literário atual, mas também na complexidade estética e ética que ela mobiliza. O recorte centrado no romance *Diário da Cadeia: Eduardo Cunha (pseudônimo)* (2017) oferece um campo analítico particularmente fértil para discutir os limites entre ficção e realidade, os modos de construção do "eu" narrativo, os jogos metalinguísticos e os tensionamentos sociopolíticos que atravessam a narrativa contemporânea.

Ao propor uma leitura atenta às formas de subjetivação, a pesquisa insere-se de maneira pertinente nas discussões sobre autoria, identidade, performatividade e ética narrativa, contribuindo significativamente para o avanço dos estudos literários brasileiros. O foco na representação de uma subjetividade fragmentada, deslocada e ambígua, em que um "eu" vive em permanente estado de crise e em negociação contínua com o outro e com o coletivo. Por conseguinte, evidencia o papel que o romance contemporâneo assume diante das transformações sociais, políticas e estéticas do presente.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010.

ARFUCH, Leonor. **A vida narrada: memória, subjetividade e política**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2023.

AZEVEDO, Luciene; LARA, Davi (Orgs). **Práticas literárias do presente**: pós-autonomia,

inespecificidade, autoficção. Salvador: EdUFBA, 2024.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verba**l. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Acessível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/6479/bakhtin-mikhail-estetica-da-criacao-verbal-sao-paulo-martins-fontes-2003.pdf

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia / Roland Barthes**; tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRAIT, Beth. Problemas da poética de Dostoiévski: a recepção brasileira. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso [online]. 2021, v. 16, n. 2 [Acessado 28 Outubro 2022] , pp. 70-89. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457348770>. Epub 18 Jun 2021. ISSN 2176-4573. https://doi.org/10.1590/2176-457348770.

DE AZEVEDO, Luciene Almeida. Autoficção e literatura contemporânea. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, *[S. l.]*, v. 10, n. 12, p. 31–50, 2024. Disponível em: https://rblc.com.br/index.php/rblc/article/view/240. Acesso em: 6 abrilo. 2025.

FAEDRICH, Anna. Autoficção: um percurso teórico. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, Brasil, n. 17, p. 30–46, 2016. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i17p30-46. Disponível em: https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/120842.. Acesso em: 17 abr. 2025.

LÍSIAS, Ricardo**.** CUNHA (pseudônimo), Eduardo. **Diário da cadeia:** Eduardo Cunha (pseudônimo). 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

A ENGENHOSIDADE DE MULHERES NEGRAS AMEFRICANAS: um estudo a partir de Conceição Evaristo, Teresa Cardenás e Jamaica Kincaid

Alessandra Barbosa Adão[1]
Ricardo Freitas (orientador)[2]

APRESENTAÇÃO

A literatura escrita por mulheres negras, seja em qualquer território espaço-tempo, foi invisibilizado e silenciado por um longo período. Assim, quando estas eram mencionadas nas escrituras literárias de homens brancos, europeus e cristãos os adjetivos pejorativos e de objetificação imperava. Por conta disso, as mulheres negras começaram a se manifestar, num primeiro momento de forma isolada, como é o caso de Maria Firmina dos Reis (Brasil) e Sojourner Truth (Estados Unidos), pois, encontraram na escrita uma maneira de escancarar seus anseios, angústias e de contar suas próprias histórias.

Não é à toa que Lélia Gonzalez alertava: "Negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido… ao gosto deles". (Gonzalez Apud Bairros, 2000, p.2). A intenção da autora, mais do que romper com a ideia de ifan – que não tem fala própria, ser falada por outro –, é nomear-se, falar numa boa sobre o que a afligia. Foi por esse caminho que a autora se enveredou pela língua, linguagem e discurso traçando paralelos para se pensar as dicotomias entre negro e branco, e da neurose cultural brasileira.

Falando o bom "pretuguês", através de uma rasteira dada pela "mãe preta" na linguagem, a autora nos apresentou o português brasileiro africanizado. Que não se resume apenas a uma virada linguística, mas, sobretudo a (re) tomada de poder pelas mulheres negras, que extrapola muitas dimensões territoriais/continentais. Nesse sentido, Lélia lança luz sobre os aspectos Africanos na sociedade e, ainda mais, para o caráter Amefricano que

[1] alessandraadao.es@gmail.com. Bolsista CAPES/CNPQ
[2] ricofrei@gmail.com

perpassa as contribuições linguísticas, políticas, culturais e sociais no Continente Americano, advindo do longo processo da Diáspora Africana desse lado de cá do Atlântico.

Por esses termos, a população negra diaspórica vive/viveu um abalo caótico de suas identidades e da instauração urgente de novas e outras formas de se perfazer nesse mundo "em meio à turbulência social e cultural" (Gilroy, 2001, p. 157). Logo, é pela linguagem, língua e artes que esses povos reconstituem e forjam outras bases contra hegemônicas.

Dessa maneira, essa pesquisa tem como problemática: como o movimento diaspórico produz efeitos (se positivos ou não, contrastante ou não, se realmente produz?) nos projetos literários e políticos das autoras e obras privilegiadas nesse estudo? E, como isso operacionaliza uma engenhosidade literária, partindo do intento de mulheres negras Amefricanas? Ademais, como *corpus* da pesquisa parto da leitura e análise do projeto político e literário das escritoras - Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio (2003)*, Teresa Cárdenas, *Cachorro Velho (2005)*, e Jamaica Kincaid, *A Small Place (1988*). A intenção é analisar se em tais obras e posturas políticas os aspectos diaspóricos se mostram presente, se produzem sentido ou não (materializam a engenhosidade literária ou não) e, ainda, se dialogam entre si, inicialmente em um caráter individual de cada autora, mas, logo, alargando e coletivizando a voz de um povo e/ou na restituição da humanidade deste.

No que tange a metodologia, focamos no aspecto bibliográfico de cada autora e em autores que abordam as seguintes palavras-chave: Diáspora Africana; Autoria de mulheres Negras; Amefricanidade; Escrevivência. Além disso, se discute à luz dos Estudos Culturais pós-coloniais e diaspóricos a contribuição dos povos hifenizados e Amefricanos na (re) invenção literária ao trazer outras singularidades e subjetividades para as narrativas confrontando o cânone e mercado literário. Assim, de forma preliminar, se ancora teoricamente em Conceição Evaristo (2020), Teresa Cárdenas (2005), Jamaica Kincaid (1988), Lélia Gonzalez (2018), Edouard Glissant (2005), Alessandra Barbosa Adão (2021), Paul Gilroy (2001), Stuart Hall (2003,2006), entre outras/os.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Analisar como o movimento diaspórico produz efeitos (se positivos ou não, contrastante ou não, se realmente produz?) nos projetos literários e políticos das autoras e obras de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio (2003)*, Teresa Cárdenas, *Cachorro Velho (2005)*, e Jamaica Kincaid, *A Small Place (1988).*

Objetivos específicos

- Debater a relevância dos estudos culturais pós-coloniais, subalternizados e da diáspora africana na produção e no (de) silenciamento da autoria de mulheres negras Amefricanas;

- Descrever e refletir sobre a intersecção entre as subjetividades e singularidades da Literatura Negra-brasileira, Literatura Caribenha/Literatura Latino-Americana e Literatura Hispano-americana produzidas pelas autoras tratadas nessa pesquisa, em particular, como elas promovem uma engenhosa virada epistemológica;

- Contrastar os elos literários, a partir da metodologia da Escrevivência, entre as obras *Ponciá Vicêncio (2003*), de Conceição Evaristo, *Cachorro Velho (2005)*, de Teresa Cárdenas, e de *A Small Place* (1988), de Jamaica Kincaid.

JUSTIFICATIVA

Desse modo, quando me proponho a evidenciar a produção de singularidades e subjetividades a que se propõem as escritoras Amefricanas – Conceição Evaristo (Brasil), Teresa Cárdenas (Cuba) e Jamaica Kincaid (Antígua e Barbuda) – vozes e sujeitos que antes tiveram seus conhecimentos e saberes obliterados se potencializam, principalmente na escrita/literatura, extrapolando o projeto destas e expandindo-se para outros campos.

Nesse sentido, essa pesquisa se motiva em evidenciar a autoria dessas mulheres negras Amefricanas, visto que ainda há um silenciamento e apagamento sobre seus escritos literários. Ademais, se soma a outros estudos e estudiosos do campo literário negro brasileiro, dos povos hifenizados, da diáspora africana e da literatura de autoria negra. Cabe

ainda mencionar o interesse e motivação da pesquisadora nesse estudo, pois visa dar continuidade a uma pesquisa anterior, iniciada no Mestrado, através da dissertação intitulada "(Re) Contando Histórias Capixabas: a Escrevivência como ponte para a escrita feminina e negra" (2021), e por ser uma ativista do campo literário e artístico.

APARATO TEÓRICO

A população negra, no esgarçar do tempo, territórios e história, tem vivenciado experiências distintas nas Américas devido ao trânsito forçado do Continente Africano para essas terras e, também, para a Europa e a Ásia. O marco histórico dessa movimentação, em idos de 1500, ocasionou um fluxo intenso no cruzamento do Atlântico retirando cerca de 11,2 milhões de africanos de suas terras, levando 450 mil para os Estados Unidos, 4,8 milhões para o Brasil e outros tantos para a América Latina e Caribe. (Gates Jr.,2014). Não é à toa que muitos estudiosos têm se dedicado a entender e apontar os aspectos e impactos desse deslocamento denominado de Diáspora que, neste estudo específico, focaliza-se na Diáspora Africana.

De saída, os trabalhos de Paul Gilroy (2001), Roland Walter (2011), Stuart Hall (2003) e outras/os embasam esse estudo em tela. Assim, Gilroy traz algumas contribuições para esse campo, principalmente, quando apresenta os conceitos de "Atlântico Negro" e "Diáspora" que permeou a vida do povo negro na travessia transatlântica, visto que este lança um olhar de revisão crítica e alternativa sobre as ideias rígidas de fronteiras e nação. Para esse autor, a busca por uma "raiz original e única" de nação não é mais possível, pois direciona o pensamento para os abalos que os negros ocasionaram nos deslocamentos, fluxos e refluxos intercontinentais gerados no trânsito forçado entre os continentes na vivência colonial. Nesse sentido, Gilroy indica que o Atlântico Negro se constitui de formas culturais e identidades hibridas, fluídas, dinâmicas, permeadas pela desterritorialização, em,

> [...] uma dimensão esquecida da modernidade e da escravidão, e remete ao sentimento de desterritorialização da cultura em oposição à ideia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo. Refere-se metaforicamente às estruturas transnacionais criadas na modernidade que se desenvolveram e deram origem a um sistema de comunicações globais marcado por fluxos e trocas culturais entre as populações negras, a partir da diáspora africana. (Gilroy, 2001, p.29).

Mais do que isso, no tocante a diáspora Gilroy sinaliza que está "pode ser usada para instaurar com urgência um modelo "caótico" no qual pontos de atração estranhos e mutantes são os únicos aspectos visíveis de uma frágil estabilidade em meio à turbulência social e cultural (Gilroy, 2001, p. 157). E, se tomarmos como exemplo os trabalhos de Edouard Glissant e Frantz Fanon, que tanto Gilroy cita no *Atlântico Negro* (2001), pode-se inferir o quanto os abalos decorrem a partir e na linguagem, na língua e nas artes que acabam influenciando a turbulência daquela raiz única.

Isso se deve, pois, o migrante nu – "aquele que foi transportado à força para o continente e que constitui a base do povoamento dessa espécie de circularidade fundamental que, no meu entendimento, o Caribe constitui" (Glissant, 2005, p.17) –, enxerga que há a tentativa de reconstituir, arquitetar e recriar o território, a partir da imprevisibilidade, principalmente, no campo da poética, da linguagem crioula e das artes em geral, como, por exemplo, no jazz, nos ritmos africanos e com os vários instrumentos adotados.

Nesse sentido, além desse migrante criar formas diferenciadas de vivenciar esse novo espaço em diversos aspectos, vai experienciar, também, a "implícita tensão entre a vida aqui e a memória e o desejo pelo lá. [...] na diáspora compartilham uma dupla se não múltipla consciência e perspectiva, caracterizadas por um diálogo difícil entre vários costumes e maneiras de pensar e agir" (Walter, 2011, p.11). A tensão vivida por essa desterritorialização e reterritorialização (Walter, 2011) é marcada por esse entre-lugar fronteiriço que denota um espaço geográfico e temporal, mas que se recria

numa outra nação, por meio dos rastros-resíduos que constitui “uma dimensão nova daquilo que é necessário opormos, na situação atual do mundo, ao que chamo de pensamentos de sistema ou sistemas de pensamento” (Glissant, 2005, p.20).

É nessa retomada e reconstituição que estes sujeitos formatam a cultura e suas identidades, antes dilaceradas, já que esse processo tende a explodir e desestabilizar as seduzentes normas (Glissant, 2005). A respeito das identidades desses sujeitos, tais deslocamentos ocasionam uma dinamicidade outra, que não prende estes apenas há um lado do Atlântico Negro, muito pelo contrário. Dessa maneira, para o sujeito pós-moderno a identidade fixa e rígida é uma fantasia, já que a “identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, [...] vistos por outros” (Hall, 2006, p.39).

Além disso, para as pessoas que experienciaram a diáspora, o caso dos negros escravizados, os deslocamentos, os sincretismos, os processos de miscigenação e a crioulização vão intensificar o abalo das identidades originais (Hall, 2003), tornando-se múltiplas. É nesse impulso, em sua maioria da ordem da força, ocasionado pelas desterritorializações, que as identidades são alargadas se reconstituindo a partir dos rastros-resíduos deixados por essa população pelo caminho.

Partindo do campo da escrita/literatura, em específico da Literatura Negra em suas diversas ramificações na Améfrica Ladina, se visa restituir e reconstituir a humanidade dos afrodescendentes, através de um campo do saber que foi negado para estes. Nesse sentido, o presente trabalho parte do intento de reunir escritoras negras Amefricanas, tendo como pano de fundo o conceito da socióloga, Lélia Gonzaléz, de Amefricanidade, (re) pensando a escrita a partir da diáspora africana e da cisão geográfica, histórica e literária entre o Continente Africano e as Américas.

Cabe situar que a Amefricanidade é uma categoria criada por essa intelectual, na década de 1980, que abarca o contexto diaspórico vivido pela população negra e pelo

extermínio dos indígenas nas Américas, materializando a resistência dos povos colonizados e as estratégias de recuperação de suas histórias. Para Lélia, a América Africana é permeada por uma latinidade, que mais do que a troca do "t" pelo "d" apresenta uma assunção criativa e nova dos que vivem na Améfrica Ladina (Gonzalez, 1988/2018), de ruptura com a neurose cultural brasileira, ou seja, com o mito da democracia racial. A autora ainda aponta pontos importantes dessa virada ontológica e epistemológica desse povo, a partir de tal categoria:

> As implicações políticas e culturais da categoria de Amefricanidade ("Amefricanity") são, de fato, democráticas; exatamente por que o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos yorubá, bante e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. (Gonzalez, 2018, p.329-330).

Ao que parece as/os autoras/es Amefricanas/os visam esgarçar mais essa ruptura, utilizando-se da literatura para construir pontes "entre o passado e o presente, pois tem traduzido, atualizado e transmutado em produção cultural o saber e a experiência de mulheres através das gerações" (Gomes, 2004, p. 13). É daí que percebemos como a articulação dessas escritoras visam reverter a noção de que "o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do "outro" como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria" (Evaristo, 2007, p. 54).

Esse movimento é encabeçado por mulheres negras que vão tomando a rédea das lutas e dos direitos, em um primeiro momento na vida cotidiana e que logo se expande para outras áreas, inclusive a escrita e a literatura. Assim, a partir dos estudos proposto por Conceição Evaristo, como é o caso da Escrevivência, se enxerga e sente nesse movimento a

potência, pulso e vida de mulheres negras numa retomada, numa puxada de alavanca para brecar o imposto, o hegemônico. E isso fica explícito quando a autora dimensiona a leitura e a escrita no seu labor, ressoando em outras mulheres negras:

> O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2007, p.21).

Nesse sentido, na contemporaneidade, os estudos culturais pós-coloniais (Hall, 2003,2006; Glissant, 2005), subalternizados e do Sul Global, iniciados a partir da década de 1970/1980, oportunizaram ao "subalterno falar" (Spivak, 2010). Não apenas isso, temas vinculados as narrativas negras na Améfrica Ladina, diáspora africana e discussões que questionam o epistemícidio e o silenciamento, sofrido pelos povos colonizados, ganharam notável destaque em produções acadêmicas e livros, principalmente, dos que moram do lado de cá do Atlântico.

Em paralelo com tais perspectivas, ativistas, artistas, literatos e pessoas engajadas nessas temáticas se juntaram aos movimentos literários e artísticos na Améfrica Ladina (Gonzalez, 2018/1980) para registrar e fazer presente as vozes de mulheres negras, indígenas, dissidentes, dentre outros, na sociedade. No tocante a produção de mulheres negras Amefricanas, foco dessa pesquisa, um dos exemplos que podemos citar, em especial no Brasil, é a iniciativa dos Cadernos Negros, criado em 1978, em São Paulo, a partir dos esforços de homens e mulheres negras brasileiras em contestar, através da poesia e da prosa, o mito da democracia racial e da neurose brasileira. (Proença,2004; Gonzalez, 2018)

Evidentemente, esse engajamento se espalhou pela Améfrica advindo das revoluções e lutas de independência no Continente. De tal modo, desde o processo de colonização, tanto razão e emoção vêm sendo postos em cheque, fazendo com que os saberes e conhecimentos dessa população sejam destituídos. Dessa maneira, ao trazermos para o centro da pesquisa a escrita feminina e negra, produzida na América Ladina, confrontamos e resistimos ao epistemicídio imposto desde o período escravocrata. Mas do que isso, se mostra uma virada engenhosa para subverter a lógica em que o corpo feminino e negro reverte a objetificação e inferiorização inculcada, "para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria" (Evaristo, 2007, p. 54), possibilitando falar por nós mesmas.

METODOLOGIA

A pesquisa segue dois caminhos metodológicos. O primeiro se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica em que se debruça sobre as palavras-chave que embasam a pesquisa: Diáspora Africana; Autoria de mulheres Negras; Amefricanidade; Literatura dos povos hifenizados (Literatura Afro-Americana / Latino-americana / Hispano-Americana), bem como os trabalhos científicos e acadêmicos produzidos sobre as autoras, privilegiadas na tese, e, também, a própria produção destas.

Em um segundo momento (método de análise), após a leitura das obras, se realizará uma análise comparativa entre os textos de Conceição Evaristo, Teresa Cárdenas e Jamaica Kincaid, priorizando as relações históricas (de vida e obra) das autoras. Ademais, tal análise se baseará em uma leitura escrevivente, intertextual e literária que observa os seguintes aspectos: os enunciados/narrativas e processos de criação comuns, modos de apropriação da tradição africana e Amefricana como modo de reinvenção literária, como a diáspora africana se enuncia nas narrativas, e, ainda, como se dá o agenciamento destas autoras no campo individual e coletivo, entendendo que suas produções têm como marca a restituição da humanidade e o *desilenciamento* de um povo.

DISCUSSÃO

Com vista a conclusão desse estudo, espera-se observar e identificar os paralelos e contrastes entre as personagens principais das obras analisadas - *Ponciá Vicêncio (2003)*, *Cachorro Velho (2005)*, e *A Small Place (1988)* -, principalmente, no que tange os aspectos da Diáspora Africana. Ademais, reconhecer como Ponciá Vicêncio, Cachorro Velho e Lucy apontam em suas falas, trejeitos e no envolvimento da narrativa com os demais personagens uma memória/escrevivência e ancestralidade com a tradição Africana e Amefricana.

Nesse sentido, entende-se que, através destas personagens, as autoras dinamizam suas vozes espraiando para uma coletividade, apontando um caráter político no tocante a humanidade de uma população. Ou seja, com a demarcação de uma enunciação negra, a utilização da primeira pessoa do singular “eu” e o envolvimento/verossimilhança com o vivido do tempo, espaço e local demonstram o resgate, humanização e reparação de uma voz antes sufocada por um viés canônico. Isso demonstra um aspecto inventivo dessas autoras Amefricanas, visto que possuem similaridades na enunciação e no processo criativo de suas narrativas literárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIRROS, Luiza. **Lembrando Lélia Gonzalez**. Em WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa e WHITE, Evelyn C.O livro da saúde das mulheres negras – nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro, Criola/Pallas, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira**. In: Revista Palmares, p. 52-57. 2007. Disponível em:< http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pd>.Acesso em: 20 mai.2020.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In:DUARTE, C.L; NUNES, I.R.[Org.] Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 48-54.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. - Juiz de Fora:Editora UFJF, 2005.

GOMES, Heloísa Toller. **Visíveis e invisíveis grades: vozes de mulheres na escrita afrodescendente contemporânea**. In: Caderno Espaço Feminino. Uberlândia: EDUFU, v.12, n.15, 2004, p. 13-26.

GONZÁLEZ, L.. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, 92/93, pp. 69-82, 1988 [2018].

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós-Modernidade**.Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. - 11.ed. - Rio de janeiro:DP&A,2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. In. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Ed UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Introdução**. *In*: *Cultura e representação*. Trad. de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: EDIPUC_RIO; APICURI, 2016.

HALL, Stuart. **O Papel da Representação. In: Cultura e representação**. Trad. de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: EDIPUC_RIO; APICURI,p.31-108, 2016.

PROENÇA, Filho Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados. v. 18, n. 50, São Paulo jan-abr. 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goular Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Palavras-chave: Diáspora Africana; Autoria de mulheres Negras; Amefricanidade; Escrevivência.

A ESCRITA TRADUTÓRIO-INSURGENTE DE BERNARDINE EVARISTO: SOBRE "SER MULHER" EM *DIFFÉRANCE*

Luana Castelo Branco Alves [1]
Élida Paulina Ferreira (orientadora)[2]

APRESENTAÇÃO

A literatura contemporânea tem se consolidado como espaço de pluralização das vozes e das formas, ampliando as possibilidades de representação e de existência. Bernardine Evaristo, escritora britânica, tem se destacado nesse cenário ao construir uma escritura que articula linguagem, experiência e resistência. Seu trabalho se insere em um projeto literário que chamamos aqui de "escrita tradutório-insurgente", na medida em que rompe com estruturas narrativas canônicas, desestabiliza os essencialismos eurocêntricos e reinscreve identidades negras femininas em um espaço de negociação simbólica e política. Este estudo tem como objetivo analisar como a autora reconstrói o conceito de mulher negra por meio de duas de suas obras: *Manifesto: sobre nunca desistir* (2022) e *Garota, Mulher, Outras* (2019).

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Analisar como a autora, com sua escrita tradutório-insurgente, traduz o "conceito" de mulher negra e faz ressoar as vozes singulares das diferentes mulheres que habitam suas obras.

Objetivos específicos:

- Analisar as personagens femininas nas obras *Manifesto* e *Garota, Mulher, Outras*;
- Investigar a escrita autobiográfica de Bernardine Evaristo;

[1] lncstlbrnc@gmail.com
[2] epferreira@uesc.br

- Relacionar a noção de tradução (DERRIDA, 2001) à construção das identidades negras nas obras;
- Articular as noções de hibridismo (BHABHA, 1998), *différance* (DERRIDA, 1991) e interseccionalidade (CRENSHAW, 2002; KILOMBA, 2019; OYĚWÙMÍ, 2021; COLLINS e BILGE, 2020);
- Investigar a relação entre forma narrativa e resistência política na escritura da autora.

JUSTIFICATIVAS

A obra de Evaristo ainda é pouco estudada no Brasil. Sua escrita oferece ricas possibilidades de análise à luz das teorias do hibridismo, desconstrução e interseccionalidade. Compreender a maneira como ela tensiona e redesenha a figura da mulher negra nas suas obras contribui para a renovação crítica dos estudos literários e para o fortalecimento de uma crítica descolonial, interseccional e feminista. Este trabalho também tem relevância para a área dos estudos da tradução, uma vez que se debruça sobre a escrita tradutória da autora, ancorando-se na noção de tradução como transformação, promovendo uma articulação entre tradução e hibridismo.

APARATO TEÓRICO

A análise parte da articulação entre os conceitos de hibridismo e terceiro espaço de Homi Bhabha, de *différance* e tradução como transformação de Jacques Derrida (2001), e dos aportes críticos das pensadoras da interseccionalidade, como Crenshaw, Kilomba, Oyěwùmí, Collins e Bilge. A *différance*, conforme Derrida (1991), revela a impossibilidade de um sentido fixo; é pelo adiamento e deslocamento do signo que o significado emerge. Essa perspectiva encontra eco na ideia de hibridismo de Bhabha (1998), que vê o terceiro espaço como um entre-lugar de negociação, onde as identidades se constroem de forma performativa e não essencialista. As contribuições das teóricas da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002; KILOMBA, 2019; OYĚWÙMÍ, 2021; COLLINS e BILGE, 2020) mostram como essas

construções são atravessadas por múltiplos eixos de opressão, o que complexifica ainda mais o sujeito feminino negro.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com leitura analítica de duas obras de Evaristo: *Manifesto: sobre nunca desistir* e *Garota, Mulher, Outras*. As análises serão orientadas pelos marcos teóricos mencionados, com atenção à linguagem, às personagens e às estratégias formais da autora. O estudo contará ainda com revisão crítica de textos acadêmicos que abordam interseccionalidade, tradução, desconstrução e literatura negra.

DISCUSSÃO

Em *Garota, Mulher, Outras*, a autora narra a vida de doze personagens negras britânicas, criando uma polifonia narrativa em que cada história tensiona os limites da linguagem, da identidade e da história oficial. A pontuação pouco ortodoxa e a fluidez entre verso e prosa instauram uma materialidade textual que obriga o leitor a desacelerar e habitar esse espaço outro. A escrita autobiográfica de *Manifesto* permite compreender a trajetória de formação de uma escritora negra em um ambiente literário ainda hegemônico. Ao narrar suas escolhas estéticas e políticas, Evaristo traduz sua própria existência em um gesto autorreflexivo e insurgente.

Essa escritura se articula ao terceiro espaço de Bhabha (1998), conceito que propõe um “entre-lugar” no qual sentidos culturais e identitários são negociados. O terceiro espaço permite compreender a escrita de Evaristo como um campo de mediações, onde a tradução é ato político e estético. É nesse contexto que a interseccionalidade se insere como chave crítica. O conceito, cunhado por Crenshaw e desenvolvido por autoras como Collins, Oyěwùmí e Kilomba, revela como os sistemas de opressão se interligam de forma complexa, atingindo particularmente as mulheres negras em múltiplas frentes.

A contribuição de Derrida é central neste estudo. Sua noção de *différance* permite compreender como Evaristo desestabiliza as estruturas de sentido ao produzir uma linguagem

que se recusa à fixação categorial. Ao invocar a *différance*, entendida como o espaço entre os signos e os adiamentos de sentido, a autora cria zonas de indeterminação onde a identidade se (re)constrói. Essa operação se conecta à tradução como transformação, também defendida por Derrida (1991), em que não se trata de reproduzir um sentido original, mas de reinscrevê-lo, deslocando-o. Essa articulação entre a instabilidade dos signos (DERRIDA, 1991), o entrelugar da cultura (BHABHA, 1998) e a multiplicidade dos marcadores sociais (CRENSHAW, 2002) oferece uma lente crítica potente para a leitura de sua obra. A linguagem, para todas essas abordagens, é espaço de disputa e reinvenção.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DERRIDA, Jacques. Qual Quelle: as fontes de Valéry. In: DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães; revisão técnica Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1991. p. 39-65.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EVARISTO, Bernardine. **Garota, mulher, outras**. Tradução de Camila von Holdefer. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2020.

EVARISTO, Bernardine. **Manifesto**: sobre nunca desistir. Tradução de Camila von Holdefer. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Palavras-chave: Bernardine Evaristo. Tradução. Interseccionalidade. Hibridismo. Terceiro Espaço.

SIP

SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA

ppgl
IN ALTUM
DLA
DEPARTAMENTO DE
LETRAS E ARTES